



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE MUSEOLOGIA

ARTHUR MARCOS SOARES LACERDA

**Patrimônio e Memória: O Inventário Participativo como proposta museológica de identificação e preservação do Patrimônio e da Memória Cultural da cidade de Alto Paraíso/ GO**

Brasília

Agosto de 2023

Arthur Marcos Soares Lacerda

**Patrimônio e Memória: O Inventário Participativo como proposta museológica de identificação e preservação do Patrimônio e da Memória Cultural da cidade de Alto Paraíso/ GO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Museologia da Universidade de Brasília, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Profa. Dra. Deborah Silva Santos

**ARTHUR MARCOS SOARES LACERDA**

**PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: O INVENTÁRIO PARTICIPATIVO COMO  
PROPOSTA MUSEOLÓGICA DE IDENTIFICAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO  
PATRIMÔNIO E DA MEMÓRIA CULTURAL DA CIDADE DE ALTO  
PARAÍSO/GO**

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília - UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovado por:

**Deborah Silva Santos**

Doutora em Museologia  
pela Universidade  
Lusófona de  
Humanidades e  
Tecnologias (ULHT)

**Clovis Carvalho Britto**

Doutor em Museologia  
pela Universidade  
Lusófona de  
Humanidades e  
Tecnologia (UHLT)

**Girlene Chagas  
Bulhões**

Mestra em  
Performances  
Culturais pela  
Universidade Federal  
de Goiás (UFG)



Documento assinado eletronicamente por **Deborah Silva Santos, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 14/09/2024, às 11:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Clovis Carvalho Britto, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 14/09/2024, às 11:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Girlene Chagas Bulhões, Usuário Externo**, em 16/09/2024, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **11627777** e o código CRC **09B55DBB**.

**Referência:** Processo nº 23106.077590/2024-61

SEI nº 11627777

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A, , Brasília/DF, CEP 70910-900

Telefone: e Fax: @fax\_unidade@ - <http://www.unb.br>

## CIP - Catalogação na Publicação

Lp Lacerda, Arthur  
Patrimônio e Memória: O Inventário Participativo como proposta museológica de identificação e preservação do Patrimônio e da Memória Cultural da cidade de Alto Paraíso/GO / Arthur Lacerda, Patrimônio Cultural ; orientador Deborah Santos. -- Brasília, 2024.  
209 p.

Monografia (Graduação - Museologia) -- Universidade de Brasília, 2024.

1. Memória. 2. Patrimônio Cultural. 3. Museologia Social. 4. Chapada dos Veadeiros. 5. Alto Paraíso de Goiás . I. , Patrimônio Cultural. II. Santos, Deborah, orient. III. Título.

Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!

— João Guimarães Rosa, no livro “Grande Sertão: veredas”

## Dedicatória

Dedico este trabalho à memória de Dona Flor e Dona Jurema. Também dedico à minha mãe, Maria Helena, e ao meu pai, Nagib Lacerda, pelo apoio e por me ensinarem desde criança a valorizar nossa cultura sertaneja raiz. À Anna Luisa Belchor, minha companheira de jornada pelos sertões e de pés no chão. À minha avó Geracina Ferreira e à minha bisavó Tuta, cujas memórias das mulheres que me ensinaram a amar as plantas e a natureza reverberam em luta e resistência pela proteção da vida. Aos nossos antigos, que não puderam ser ouvidos e conhecidos, deixo aqui minha gratidão, pois se não fosse pela resistência de vocês, eu nunca teria conseguido. E, por fim, agradeço a toda a espiritualidade que se faz presente em minha vida e me protege do que eu não posso ver.

## Agradecimentos

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização desta pesquisa. Primeiramente, à minha orientadora Deborah, que acolheu minhas ideias e me guiou desde o projeto até a conclusão deste estudo. Sua ajuda foi essencial, e sem ela, este trabalho não seria possível. Agradeço também a todas as pessoas e comunidades que encontrei ao longo do caminho. Dona Jurema (em memória), Dona Flor (em memória), Wilson e Joãomir no Moinho, iluminaram cada dia dessa jornada. O tempo que passamos juntos foi maravilhoso, algo que levarei comigo para sempre. Desde a época em que eu nem sabia o que era Museologia e não tinha ambição de entrar na faculdade, vocês foram as pessoas que me inspiraram, e por isso, sou profundamente grato.

Minha gratidão também vai para Nalu Mendes, que cruzou meu caminho e trouxe para esta pesquisa as valiosas contribuições de Dona Izabel e Tião. Agradeço profundamente ao meu querido amigo Edilberto Sebastião, carinhosamente chamado de Edil, uma pessoa incrível que sempre esteve de portas abertas para me receber e acolher esta pesquisa. Sua disposição em enriquecer meus questionamentos e explorar os descaminhos do cerrado foi inestimável.

Por fim, agradeço à minha família, que sempre foi uma fonte de inspiração na busca por um Goiás que pertence a todos nós, um lugar que atravessou nossa história, nossos corpos e gerações. Em minha busca pessoal pela memória das antigas gerações da minha família, me deparei com um passado oculto, pouco falado, quase esquecido. Benzimentos, rituais de cura, garrafadas, festas religiosas, “mediunidades”, contos e causos — um passado muitas vezes renegado, do qual herdamos o silêncio. A Chapada dos Veadeiros, para mim, se tornou o ponto culminante de toda essa jornada. Abraçada pelo silêncio, sei que suas paisagens são testemunhas de tudo isso, mas elas não falam por si só. É preciso adentrar o cerrado para encontrar alguma resposta. Esses caminhos, ou descaminhos, que para alguns podem parecer incertos, para nós são sempre a certeza de uma nova descoberta, de encontrar algo que nos pertence, mas que nos foi negado.



## Resumo

A pesquisa aborda a problemática da memória e do patrimônio cultural em Alto Paraíso de Goiás, com foco em identificar e compreender onde e como se encontram os fragmentos do patrimônio material e imaterial da cidade. Observando a ausência de um registro sistematizado desses elementos, a pesquisa utiliza um inventário participativo para recuperar aspectos que possam nos conectar a uma Chapada dos Veadeiros ancestral. O processo de inventário serviu como uma metodologia para aproximar a pesquisa das pessoas da comunidade, enquanto as histórias de vida dos moradores ganharam protagonismo, redefinindo algumas abordagens iniciais. Este engajamento levou à reafirmação do legado indígena e quilombola como pilares fundamentais da cultura popular de Alto Paraíso de Goiás, destacando a importância desse patrimônio na preservação e fortalecimento do cerrado brasileiro.

Palavras-chave: **Memória; Patrimônio cultural; Museologia Social; Chapada dos Veadeiros; Alto Paraíso de Goiás**

## **Abstract**

This research addresses the issue of memory and cultural heritage in Alto Paraíso de Goiás, focusing on identifying and understanding where and how fragments of the city's tangible and intangible heritage are found. Noticing the absence of a systematic record of these elements, the research utilizes a participatory inventory to recover aspects that might connect us to an ancestral Chapada dos Veadeiros. The inventory process served as a methodology to bring the research closer to the community, while the life stories of the residents took center stage, redefining some initial approaches. This engagement led to the reaffirmation of the indigenous and quilombola legacy as fundamental pillars of the popular culture of Alto Paraíso de Goiás, highlighting the importance of this heritage in the preservation and strengthening of the Brazilian cerrado.

Palavras-chave: Memory; Cultural heritage; Social museology; Chapada dos Veadeiros; Alto Paraíso de Goiás

## Lista de figuras

Figura 01 - A árvore solitária no deserto verde da soja na Chapada dos Veadeiros...	6
Figura 02 - Jardim de Maytreia.....	50
Figura 03 - Wilson e o pé de Algodão.....	51
Figura 04 - Entrada da casa de Dona Flor.....	54
Figura 05 - Sítio Arqueológico desconhecido na Chapada dos Veadeiros.....	56
Figura 06 - Preto Velho no Altar “católico”.....	58
Figura 07 - Foto da foto de Dona Flor.....	60
Figura 08 - Altar em São Jorge.....	62
Figura 09 - Altar de São Jorge.....	63
Figura 10 - Altar de São sebastião.....	65
Figura 11 - Bendito de Mesa.....	66
Figura 12 - Claudomiro no Galpão da Associação Cerrado de Pé em Alto Paraíso de Goiás.....	68
Figura 13 - Galpão de Sementes da Associação Cerrado de Pé.....	70
Figura 14: Vale do Rio Preto, Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.....	75
Figura 15 - Mutirão de restauração na nascente do Córrego dos Ingleses No Parque Nacional da chapada dos Veadeiros (PNCV).....	78
Figura 16 - Alto Paraíso vista do alto da serra.....	91
Figura 17 - Mapa de Alto Paraíso de goiás em relação a Chapada dos Veadeiros e ao estado de Goiás.....	92
Figura 18 - Mapa de Alto Paraíso de Goiás com relação ao estado de Goiás.....	93
Figura 19 - Mapa da Chapada dos Veadeiros, do Parque e da Terra Kalunga.....	94
Figura 20 - Bandeira de São Jorge.....	105

## Lista de Abreviações

1. APA - Área de Proteção Ambiental
2. ICMBIO - Instituto Chico Mendes da Conservação da Biodiversidade
3. IBAMA- Instituto Brasileiro de Meio Ambiente
4. UnB - Universidade de Brasília
5. WWF - World Wildlife Fund (Em português “Fundo Mundial da Natureza”)
6. PNCV - Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros
7. RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
1.1 Referencial Teórico.....	8
1.2 Sobre o patrimônio goiano.....	13
1.3 Metodologia.....	16
1.4 Estrutura do Texto.....	25
<b>2 A História oficial e suas lacunas: Uma oportunidade para a Museologia Social.....</b>	<b>26</b>
2.1 Museologia para além do Museu.....	33
2.2 A memória de Alto Paraíso de Goiás e o inventário participativo como alternativa para preservar o patrimônio.....	40
<b>3 O atravessamento do inventário participativo como metodologia pelas vivências, pessoas e experiências no cerrado.....</b>	<b>47</b>
3.1 Dona Flor e Wilson: O saber das plantas.....	50
3.2 Dona Izabel, Tião e a Folia de São Sebastião.....	61
3.3 Os coletores de sementes da Chapada dos Veadeiros.....	68
3.4 Considerações finais da pesquisa total.....	80
<b>5. FONTES:.....</b>	<b>88</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>89</b>
Apêndice 1.....	90
Ficha do projeto.....	90
Apêndice 2.....	91
Ficha de território.....	91
Apêndice 3.....	98
Ficha do lugar.....	98
Apêndice 4.....	105
Ficha de Celebração.....	105
Apêndice 5.....	111
Ficha de saberes.....	111
Apêndice 6.....	118
Ficha de fontes.....	118
Apêndice 7.....	119
Depoimento Joaquim Wilson Leite Moraes.....	119
Apêndice 8.....	132
Depoimento Aristelina Avelino Nascimento.....	132
Apêndice 9.....	138
Depoimento André Ribeiro Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.....	138
Apêndice 10.....	146
Depoimento Claudomiro Almeida Cortes.....	146
Apêndice 11.....	164
Depoimento Edilberto Sebastião Dias Campos.....	164
Apêndice 12.....	187
Depoimento Dona Izabel Ferreira dos Santos e Sebastião Ferreira da Silva Neto.....	187



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma proposta museológica para explorar a memória e o patrimônio cultural da cidade de Alto Paraíso de Goiás, na região da Chapada dos Veadeiros, no Estado de Goiás. O impulso inicial para esta pesquisa veio da minha curiosidade em compreender mais profundamente a região, cujas paisagens são testemunhas de eras remotas, moldadas pelos elementos da natureza: água, ar, fogo e terra. Ao investigar a história do estado de Goiás, constatei que há poucas referências sobre Alto Paraíso de Goiás ou a Chapada dos Veadeiros. As informações disponíveis estão principalmente relacionadas à economia do ouro, à caça, às expedições bandeirantes e aos conflitos com povos indígenas da região. No entanto, essas fontes geralmente refletem a perspectiva do colonizador sobre o território que estava sendo ocupado. A presença indígena e os conflitos com as povoações coloniais são temas amplamente documentados entre 1760 e 1940 (Bertran, 1998). Além disso, o norte e nordeste de Goiás são marcados por uma expressiva presença de quilombos, em comparação com o sul do estado.

Para compreender melhor a formação da cidade de Alto Paraíso de Goiás e seu patrimônio cultural, adotei uma metodologia que pudesse resgatar, mesmo que parcialmente, a memória e o patrimônio cultural dos quilombos e povos indígenas da. Para isso, utilizei o inventário participativo como ferramenta para reunir, por meio de visitas e entrevistas, informações que nos levassem a um entendimento mais profundo de Alto Paraíso.

Atualmente, a cidade tem passado por mudanças significativas. A construção da cidade de Brasília, desencadeou um novo processo de povoamento no interior do Brasil, e, na década de 1980, Alto Paraíso de Goiás começou a receber novos moradores. Muitos desses novos habitantes adotavam um estilo de vida "hippie", alternativo e ecológico, buscando viver em harmonia com a natureza (Behr, 2001). Com isso, a cidade foi adquirindo novas características, e o surgimento do turismo ecológico nos anos 2000 trouxe mudanças na arquitetura local. A Chapada dos Veadeiros foi se consolidando como um destino turístico, o que deu início à especulação imobiliária. O agronegócio também manifestou seus interesses e se apropriou de forma duvidosa de extensas terras. Com a pavimentação da estrada

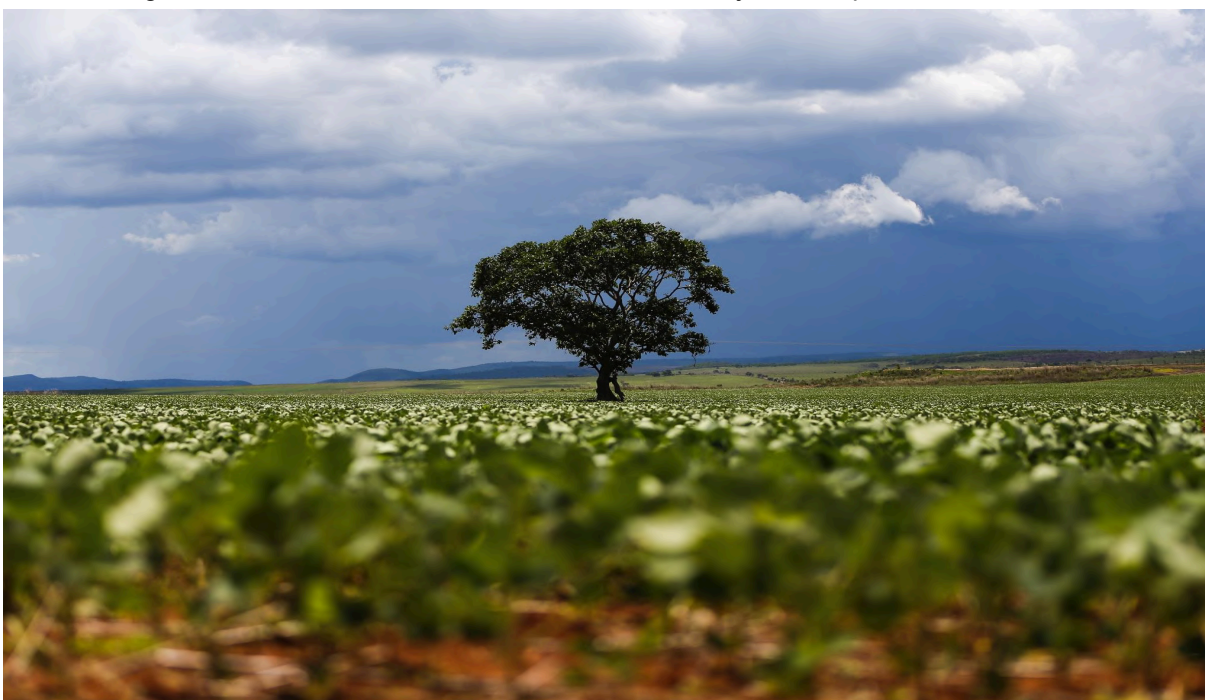
em 1990, que conecta Brasília a Alto Paraíso, novos caminhos se abriram para mais uma fase de ocupação da Chapada dos Veadeiros. Como resultado, o bioma do cerrado começou a desaparecer rapidamente, sendo substituído por monoculturas na paisagem.

Além disso, a exploração de minérios extremamente valiosos para a indústria tecnológica, conhecidos como terras raras, tem ameaçado o Cerrado. Esses minérios estão presentes na região, o que gerou uma série de especulações e interesses de grandes mineradoras. A notícia mais recente é que uma mineradora planeja investir bilhões de reais para explorar uma área circundante ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, o que levanta sérias preocupações quanto à preservação ambiental da região.

Os fazedores  
de desertos  
se aproximam  
e os cerrados  
se despedem  
da paisagem  
brasileira  
uma casca grossa  
envolve  
meu coração (Nicolas Von Behr)



Figura 01 - A árvore solitária no deserto verde da soja na Chapada dos Veadeiros



Fonte: EBC

Diante das grandes transformações que estão ocorrendo na cidade e em suas paisagens, adotei uma metodologia participativa que pudesse integrar aspectos da memória social na construção deste trabalho. Ao buscar a memória e a ancestralidade indígena e quilombola, busquei reconhecer e valorizar o patrimônio cultural de Alto Paraíso de Goiás. Essas tradições são fundamentais em um momento em que diversas ameaças estão desfigurando a paisagem e introduzindo novos modos de vida na Chapada dos Veadeiros, muitas vezes desconectados da integração que esses povos mantêm com o meio ambiente. Essas mudanças trazem novas dinâmicas ao Cerrado e acabam sobrepondo-se ao modo de vida local, que está profundamente enraizado em um Cerrado preservado e abundante. Com esses saberes ameaçados, o Cerrado também se vê em risco, como Claudomiro, um de nossos interlocutores observou:

mas se pensa em preservar o Cerrado. Eu tô falando aqui da Chapada, estou colocando foco na Chapada, sem envolver as comunidades não tem como preservar uma área tão grande. se a gente incluir as comunidade igual a Cerrado de Pé tá fazendo envolvendo as pessoas que nasceram e conhecem e estão vendo... qual é a visão de qualquer coletor disso? Qualquer pessoa que mora nas comunidades pode chegar para ele e perguntar a ele como está o nível dos rios? Como estão as nascentes? Pergunta nas comunidades sobre esse rio que não secava, está secando e esse que é maior está quase secando... aquela vereda... Ali, qualquer época do ano nós pisávamos, afundava, ou se pisava, o chão chiava por causa do barulho da água. E hoje você pode passar pelo campo, tá seco. (CORTES, 2023)

Fica evidente que as pessoas que vivem no Cerrado estão percebendo as mudanças significativas que o bioma tem sofrido nos últimos anos. O Cerrado e seus povos tradicionais sentem os efeitos dessa ocupação que devasta e transforma o ambiente. Neste trabalho, defendemos que o Cerrado e as comunidades tradicionais coexistem de maneira complementar, com um dependendo do outro para sobreviver. Por isso, exploraremos o legado dos saberes indígenas e quilombolas para compor um inventário participativo do patrimônio cultural. Através da identificação desse patrimônio e da memória social, buscamos vislumbrar formas de preservação do patrimônio cultural da cidade e conseqüentemente do cerrado. O inventário participativo realizado em Alto Paraíso de Goiás é uma metodologia colaborativa que envolve a comunidade local no processo de identificação, registro e preservação dos bens culturais materiais e imateriais do território. Ao contrário de inventários tradicionais, em que especialistas externos conduzem a pesquisa e catalogação de forma hierárquica, o inventário participativo coloca a comunidade como protagonista, garantindo que seus saberes, memórias e práticas culturais sejam valorizados e registrados conforme suas próprias perspectivas e necessidades.

Nesse processo, os moradores de Alto Paraíso foram convidados a contribuir com suas histórias de vida, suas lembranças sobre o patrimônio cultural da região, e seus conhecimentos sobre o legado indígena, quilombola e outros elementos que compõem a identidade local. O objetivo é não apenas documentar os fragmentos de memória e patrimônio cultural, mas também fortalecer o vínculo da comunidade com seu território e promover uma reflexão crítica sobre a preservação dessas heranças em meio a desafios como a gentrificação e as transformações no espaço urbano.

Através do inventário participativo, foram identificados bens culturais que têm relevância histórica e simbólica para a comunidade, considerando tanto o patrimônio material (como edificações, objetos, paisagens) quanto o imaterial (tradições, festividades, saberes, práticas). O processo também contribuiu para mapear possíveis bens musealizáveis, ou seja, elementos que poderiam ser preservados em um futuro museu local, algo que se mostrou necessário diante da ausência de instituições formais dedicadas à preservação da memória em Alto Paraíso.

Ao envolver a comunidade de forma ativa, esse inventário se torna uma ferramenta

de empoderamento local, dando voz às pessoas que vivenciam o patrimônio cultural diariamente e permitindo que elas mesmas definam o que deve ser preservado e transmitido para as futuras gerações.

O que se evidencia é que, sem a presença e a atuação dessas comunidades, a preservação do Cerrado se torna inviável. Portanto, buscar formas de resistência através da valorização da memória e do patrimônio cultural pode ser uma estratégia crucial para garantir a proteção desse bioma. É por isso que defendemos que o patrimônio cultural da Chapada dos Veadeiros está profundamente entrelaçado com o Cerrado, bem como com os saberes indígenas e quilombolas. Para fazer frente às mudanças que as cidades da Chapada dos Veadeiros vem sofrendo.

Realizamos visitas e fizemos entrevistas com diversas pessoas importantes de Alto Paraíso de Goiás, incluindo André Ribeiro, gerente de uso público do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV); Aristelina Avelino, Edilberto Sebastião, Luiz Lima (Lula), Claudomiro Cortes, Dona Izabel e Sebastião (Tião), Joaquim Wilson, Dona Flor, Nalu Mendes, e Doroty Marques. Dentre esses depoimentos, optamos por incluir no trabalho os de Dona Izabel e Tião, Claudomiro, Edilberto, Tila, Dona Flor e Joaquim Wilson, pois são esses relatos que nos conectam diretamente com a memória indígena e quilombola que buscamos recuperar nesse momento inicial.

### 1.1 Referencial Teórico

A escolha pelo desenvolvimento de um inventário participativo é ancorada no pensamento de Hugues De Varine a partir da leitura do livro "Raízes do Patrimônio" (2002). Este livro fornece modelos e roteiros para a criação de fichas a serem usadas no inventário participativo. Buscando sempre aproveitar e adaptar as provocações para a realidade brasileira. Partiremos de sua perspectiva para abordar o patrimônio, seja ele natural ou cultural. De Varine pontua que o museu, patrimônio, tanto cultural quanto natural pertencem à mesma categoria de desenvolvimento local. Sua análise parte das visitas a museus na Nigéria, México, Índia e Estados Unidos que buscavam o fortalecimento e o desenvolvimento das suas comunidades.

Não busco neste trabalho me atrelar a questão do desenvolvimento, pois isso me levaria a outros debates que necessitam de mais tempo e atenção. Vou aproveitar do fortalecimento da discussão sobre a função social dos museus para compreender brevemente como isso pode afetar nossa práxis Museológica durante a pesquisa de campo. Dentre essas discussões, estamos atentos principalmente aos desdobramentos da Mesa de Santiago do Chile para prática museal. Buscando associar teoricamente a autoras e autores (Britto, Chagas e Bulhões) que dialogam com o campo da Museologia Social.

O pensamento de Britto (2016) também teve uma influência significativa nesta pesquisa, pois, serviu de base para incorporar elementos a Museologia mais social e expor as Museologias Indisciplinadas.

Em sua tese de Doutorado "Nossa maçã é que come Eva": a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil (2016), ele traçou uma trajetória que explorou os caminhos e descaminhos rumo a uma abordagem "indisciplinada" da Museologia, utilizando a poética de Manoel de Barros como fundamento teórico, buscando explorar a sua imaginação museal. Esse enfoque envolveu um recomeço verbal, a desabitucação dos usos pessoais dos museus, a exploração dos silêncios inexprimíveis e a consideração dos abandonos pelos acervos e edifícios museológicos.(Britto, 2016)

Busco, também, dialogar com o conceito de Fratrímônio de Mário Chagas (2003). Uma proposta teórica e prática que visa repensar a noção de patrimônio cultural. Diferente do tradicional enfoque no patrimônio como algo uma herança a ser protegida e preservada de maneira estática, o fratrímônio enfatiza a dimensão comunitária e fraterna do patrimônio, ou seja, seu caráter coletivo, dinâmico e participativo.

Mario Chagas (2017)sugere que o fratrímônio deve ser entendido como um conjunto de bens culturais que não apenas pertencem a um grupo, mas que também são compartilhados e construídos de forma colaborativa. Este conceito incorpora a ideia de que o patrimônio cultural é algo vivo, que está em constante transformação e que deve incluir a participação ativa das comunidades na sua gestão e valorização.

Escapo da definição clássica, que o limita como uma simples herança e insiro a cidade de Alto Paraíso de Goiás na discussão teórica do campo da memória e do patrimônio, aproveitando a definição de museu e Museologia Social de Chagas para delinear o campo que me interessa explorar. Esses descaminhos no Cerrado dos sertões do Goiás, conhecidos como "Saroba"<sup>1</sup>, nos instigam ao verbo "sarobar", que nos leva a indisciplina de criar nosso próprio caminho e não insistir em fórmulas que não servem para **nós**. "Por essa razão, Manoel de Barros ressalta a importância do eremita, do andarilho que, em suas jornadas, ultrapassa as fronteiras, lançando-se à terceira margem: 'me agradam mais aqueles que se atrevem do que aqueles que se atêm'" (Britto, 2016, p. 201).

A noção de "Caminhos" e "Descaminhos" se torna uma metáfora poderosa para a construção do Inventário Participativo. Os caminhos podem representar as rotas mais convencionais, conhecidas e planejadas, enquanto os descaminhos podem ser os percursos que nos levam ou podem levar ,a lugares desconhecidos e imprevisíveis, mas que também podem ser ricos em descobertas e aprendizado.

Nego Bispo (2015), pensador quilombola, oferece uma contribuição significativa para o estudo da memória e do patrimônio cultural, especialmente no contexto de comunidades tradicionais e na resistência contra a colonialidade. Suas reflexões trazem à tona a importância da oralidade, da ancestralidade e do território como elementos cruciais para a preservação das identidades negras e quilombolas, abordagens que dialogam diretamente com a investigação sobre o patrimônio cultural em Alto Paraíso de Goiás. Ao reconhecer o legado indígena e quilombola como pilares da cultura popular, a pesquisa se alinha com a visão de Nego Bispo, que desafia a centralidade de formas ocidentais de conhecimento e valoriza saberes comunitários e ancestrais.

Ao discutir a memória e o patrimônio de Alto Paraíso, Nego Bispo (2015) acrescenta a noção de que o território não é apenas um espaço físico, mas um lugar de significados profundos, em que as relações culturais e espirituais estabelecidas com a terra fazem parte de um processo contínuo de construção identitária. Para ele, a resistência quilombola e a preservação de seu patrimônio não são apenas

---

<sup>1</sup> Lugar onde não existe uma trilha definida no Cerrado. Onde o mato é fechado e andar pode ser difícil.

atos de conservação do passado, mas também práticas políticas que visam garantir a continuidade da vida comunitária e da memória coletiva.

O conceito de "Fratrimônio", que é uma das abordagens centrais da sua pesquisa, dialoga diretamente com as reflexões de Nego Bispo sobre o patrimônio. Enquanto o patrimônio tradicionalmente é visto como uma herança individual ou familiar, o fratrimônio abarca a herança comunitária, o que compartilha com o pensamento quilombola de Bispo, onde os bens culturais, imateriais e territoriais pertencem à coletividade e são passados de geração em geração com a responsabilidade de garantir o "Bem Viver" coletivo. O fratrimônio, nesse sentido, representa uma herança viva, que se mantém e se transforma por meio da participação ativa da comunidade, e é nesse ponto que Nego Bispo fortalece a discussão.

Além disso, sua crítica à gentrificação e às mudanças territoriais impostas por projetos externos à comunidade reforça a necessidade de um inventário participativo que valorize os saberes locais e as memórias de seus habitantes. O fratrimônio, portanto, não é apenas uma herança cultural, mas um compromisso com a sustentabilidade do território e com a manutenção de práticas comunitárias que garantam a continuidade dos modos de vida tradicionais, em harmonia com o cerrado e suas dinâmicas naturais. Nesse sentido, a preservação da memória e do patrimônio cultural de Alto Paraíso pode ser vista como um ato de resistência contra a erosão cultural provocada pela modernidade e pelos processos de exploração capitalista, temas recorrentes no pensamento de Nego Bispo.

Também utilizamos de Ailton Krenak (2019) que compartilha sua percepção acerca do processo de modernização e a fragmentação das identidades.

A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas nesse mundo maluco que compartilhamos. (Krenak, 2019 ,p.9)

Explorando as perspectivas estimuladas pela leitura do livro de Krenak, proponho adotar uma abordagem indisciplinada em relação ao conceito de patrimônio cultural. Isso envolve questionar a visão tradicional derivada da palavra em inglês "Heritage", que está associada a heranças e herdeiros, e, em vez disso, buscar inserir memórias sociais no âmbito do patrimônio. Assim, à luz das ideias de Britto, Chagas e Krenak, tornou-se evidente que o que é considerado "memorável" está sujeito a uma série de manipulações, que envolvem, o que deve ser lembrado, como lembrar, e tudo é influenciado por disputas de poder, pois a seletividade da memória está intrinsecamente relacionada ao poder em "escolher, reescolher, subtrair, adicionar e excluir fragmentos do domínio do memorável" (Chagas, 2017, p. 136).

Aqui, podemos recorrer novamente a Krenak ( 2020 ), que classifica o mundo de uma forma distinta e indisciplinada e nos conduz a perceber que como humanidade, não estamos separados da natureza; somos, na verdade, parte integrante dela. A dicotomia entre terra e humanidade, como entidades separadas, é um equívoco. "Não percebo nada que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo o que consigo conceber é natureza" (Krenak,2019, p. 10).

Uma narrativa compartilhada por Krenak ilustra essa interconexão. Ele relata a história de um pesquisador europeu do início do século XX que visitou uma aldeia Hopi nos Estados Unidos. O pesquisador solicitou ajuda para entrevistar uma anciã e a encontrou ao lado de uma pedra. O guia informou ao pesquisador que ela estava conversando com sua irmã, a pedra. Perplexo, o pesquisador exclamou: "Mas é uma pedra!" O guia respondeu: "Qual é o problema?" (Krenak, 2019, p.10)

Krenak foi afetado pelo desastre da mineração que devastou o Rio Doce. Ele compartilha que, na região, uma serra à margem direita do rio prenuncia o clima do dia. As pessoas a interpretam como de bom ou mau agouro. O relato demonstra a conexão profunda com o ambiente. Os Krenak chamam o Rio Doce de Watu (Nosso Avô); para eles, o rio é uma entidade viva, não uma mercadoria. Ele é uma parte integral da identidade Krenak. No entanto, o Watu, este rio majestoso que percorre de Minas Gerais ao Espírito Santo, está morto. "Nos deixou órfãos e acompanhando o Rio em coma" ( Krenak,2019,p. 10). Nesse contexto, exploramos o impacto que

causamos como seres humanos neste organismo vivo que é a Terra. Em algumas culturas, a Terra continua sendo reconhecida como nossa mãe e provedora, não apenas para sustento e manutenção de nossas vidas, mas também na dimensão transcendente que confere significado à nossa existência (Krenak, 2019, p. 20-21).

## 1.2 Sobre o patrimônio goiano

Nesse contexto, procurei estabelecer uma conexão significativa entre a problemática do "esquecimento" de um objeto tão raro e singular em um museu e a questão mais ampla do apagamento e silenciamento de narrativas e perspectivas nos âmbitos museológicos e nas práticas relacionadas a museus e patrimônio. Assim, os textos selecionados mantêm uma consistente coerência em seu diálogo. Inicialmente, Girlene Bulhões (2016) expõe o exemplo do prato do garimpeiro, que foi esquecido "por acaso" em algum museu na cidade de Goiás. Subsequentemente, Luanna Lima (2017) aborda em sua dissertação a temática do esquecimento e da resistência em relação ao patrimônio goiano. Ela demonstra como o patrimônio cultural do estado de Goiás foi negligenciado e, no entanto, resistiu graças às forças comunitárias que criaram redes de transmissão e preservação. Mesmo as autoras, estando em campos do conhecimento distintos (Museologia e Geografia), acabam dialogando sobre o esquecimento do patrimônio cultural do estado de Goiás. Girlene Bulhões trabalhou no Museu Casa da Princesa em Pilar-GO, uma das cidades pesquisadas na Dissertação de Luana Lima. **No entanto, não acreditamos em coincidências nesse trabalho; temos a convicção de que os problemas apresentados pelas autoras são sintomas de uma situação geral que afeta o estado de Goiás.** Questões que serão abordadas ao longo deste texto também destacam a ausência de conhecimento sobre o patrimônio da cidade de Alto Paraíso de Goiás e apresentaremos o inventário participativo como uma estratégia para conhecer mais profundamente a memória, a história e o patrimônio desta cidade.

No levantamento bibliográfico, contextualizei historicamente a região. Minha intenção era desenterrar a memória por meio desses documentos. Procurei entender os silêncios e as ausências históricas dentro do campo do patrimônio e da memória no município. Me guiei a partir de leituras como "História de Niquelândia" de Paulo



Bertran (1998); "O Berço das águas do novo milênio" de Miguel Von Behr (2001); "Entre cimões nublados, uma solidão selvagem: uma corografia contemporânea da Chapada dos Veadeiros" de Luiz Lima (2001); Luanna de Souza Ribeiro em "História do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros: da sua criação à sua [re]ampliação em 2017. 2020."

A partir desses textos, busquei trazer as paisagens da região para minha pesquisa, incorporando aspectos históricos e destacando uma herança cultural diversificada, mas frequentemente negligenciada na cidade. Meu objetivo era associar o contexto histórico às discussões no campo dos museus, memória e patrimônio.

Por fim, recorri à dissertação "Lugar e memória: o patrimônio goiano entre o esquecimento e a resistência" (2017) de Luana Lima para explorar a questão do patrimônio no estado de Goiás. A partir de seu estudo nas cidades de Pilar e Crixás, ela abordou o patrimônio no estado de Goiás, do micro para o macro, demonstrando como ele entrou em processo de negligenciamento na formação da nossa identidade nacional. Foi excluído do padrão arquitetônico predominante nas grandes cidades e é frequentemente considerado pobre e pouco ornamentado. Assim como pouco valorizado do ponto de vista cultural. Ela mostrou, por meio de sua metodologia, o quanto a participação da comunidade foi importante para narrar a memória desses patrimônios. As entrevistas evidenciaram como o patrimônio era compartilhado por diferentes pessoas em uma mesma época, contendo narrativas espirais da memória.

Ao envolver a conexão dos conceitos presentes no campo dos museus e do patrimônio com a cidade de Alto Paraíso de Goiás, integrando documentos e literatura sobre a história da cidade e sua região às discussões propostas pelos teóricos do campo dos museus. Apresentados anteriormente os conceitos de Patrimônio de Hughes De Varine, questão do Patrimônio apresentada por Mário Chagas, para, por fim, explorar as Museologias Indisciplinadas delineadas por Britto (2016)

Dessa forma, nossa intenção é compreender como esses conceitos se aplicam à realidade de Alto Paraíso de Goiás e à sua região. Pretendemos investigar como os patrimônios compartilhados entre os habitantes da cidade desempenham

um papel vital na preservação de tradições e memórias locais. Além disso, conforme destacado por Luanna Lima, examinaremos como o patrimônio cultural do estado de Goiás conseguiu resistir por meio do envolvimento das comunidades e das redes de memória às mudanças do tempo.

Essa abordagem busca lançar luz sobre o significado do patrimônio e da memória na cidade de Alto Paraíso de Goiás e da Chapada dos Veadeiros, ajudando a compreender como esses elementos moldam a identidade e a cultura locais e contribuem para o desenvolvimento da comunidade.

Do ponto de vista histórico buscamos nos ancorar nos estudos de historiadores, Paulo Bertran (1998, 2011), notório estudioso da história de Goiás; Miguel Von Behr (2001) e os resultados de sua pesquisa de mestrado que culminaram no livro<sup>2</sup> que foi utilizado nesta pesquisa. Cabe mencionar que trata-se de um recorte da cidade de Alto Paraíso, buscando dar um panorama da cidade no início dos anos 2000, o qual, talvez ele não imaginasse que a Chapada perderia tantas paisagens para os condomínios e construções. E, por fim, Luana Ribeiro que traçou um levantamento histórico das origens do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Buscando as razões históricas, ambientais e políticas que culminaram na criação do parque. Essa leitura trouxe para o trabalho questões relacionadas às origens da cidade de Alto Paraíso de Goiás e sua relação com os antigos habitantes da região. Demonstrando os processos históricos que resultaram nas diferentes mudanças no território.

O referencial teórico na primeira seção do primeiro capítulo reflete a abordagem adotada nesta pesquisa. Situamos os autores que irão dialogar com a cidade de Alto Paraíso de Goiás na discussão do patrimônio cultural. Posteriormente justificamos teoricamente por que realizar um inventário participativo.

Essa introdução contextualiza a cidade no cenário histórico, destacando a importância do patrimônio cultural na região e explicitando os autores que serão utilizados.

---

<sup>2</sup> Berço das águas do novo milênio

Essa organização serve para fundamentar a necessidade do inventário participativo, uma vez que mesmo as fontes históricas "oficiais" apresentam lacunas notáveis em relação à história de Alto Paraíso de Goiás. O silêncio histórico sobre a região é um aspecto crucial a ser considerado, pois revela a importância de ouvir e silenciar quando necessário, para recuperar as memórias locais e entender as transformações culturais em curso na cidade.

### 1.3 Metodologia

A elaboração deste trabalho envolveu uma pesquisa bibliográfica e documental qualitativa, que se baseou em uma abordagem exploratória. Durante a pesquisa de campo, utilizamos a pesquisa participativa como instrumento de coleta de dados.

No âmbito bibliográfico e documental exploramos textos acadêmicos. Na pesquisa documental recorremos a fotografias, entrevistas e consulta a jornais da época.

Esta pesquisa é exploratória, pois representa uma primeira abordagem a um tema pouco explorado. A coleta de dados se deu por meio da aplicação do inventário participativo do patrimônio cultural na cidade, com a participação ativa da comunidade na produção da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica ofereceu um amplo panorama do que já foi investigado sobre a cidade de Alto Paraíso-GO no âmbito da memória e do patrimônio. A análise desses textos revelou que a região é pouco explorada nesse contexto, o que nos levou a examinar livros em busca de informações e encontramos apenas uma ou duas citações relevantes. Entre a bibliografia consultada destacam-se os livros "História de Niquelândia" de 1998 e "História da Terra e do Homem no Planalto Central" de 2011, ambos de autoria de Paulo Bertran, bem como "O Berço das Águas do Novo Milênio" de 2001, escrito por Miguel Von Behr, e "Entre Cimos Nublados: Uma solidão selvagem, corografia Contemporânea da Chapada dos Veadeiros" de 2001, de Luiz Lima.

A pesquisa documental incluiu visitas diretas a moradores, com o objetivo de mapear o patrimônio cultural da cidade. As entrevistas se tornaram o foco principal da investigação, relegando as fichas a um papel secundário, pois as informações fornecidas pelos interlocutores ampliaram as perspectivas do trabalho. Isso permitiu desenvolver um olhar museológico mais inclusivo, centrado na memória e na história de vida das pessoas nascidas na Chapada dos Veadeiros a partir desse atravessamento.

Várias pessoas físicas e quatro instituições do município participaram da pesquisa. Essas instituições incluem a Associação de Coletores de Sementes Nativas "Cerrado de Pé", Instituto Chico Mendes da Preservação da Biodiversidade (ICMBio), representado pelo gerente de uso público do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e o Centro UnB Cerrado. Indivíduos da comunidade também estão participando voluntariamente, compartilhando suas memórias. A colaboração entre as visitas aos locais de memória, os coletores de sementes do "Cerrado de Pé", Dona Flor (Em memória), pesquisadores do Centro UnB Cerrado e os representantes do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e do ICMBio é fundamental. Essas diferentes perspectivas e conhecimentos nos permitirão acessar memórias que nos ajudarão a compreender as paisagens históricas da região, que foram habitadas por indígenas, quilombolas e marcadas pelas atividades das bandeiras e do garimpo ao longo do tempo.

Por meio deste inventário participativo e colaborativo reunimos informações valiosas, como pistas sobre coleções, objetos, paisagens, sítios arqueológicos e outras possibilidades de patrimônios culturais e naturais. Este trabalho está aberto a descobertas e revelações que surgirão durante o processo, permitindo uma abordagem rica e abrangente na preservação e valorização da história e identidade da região da Chapada dos Veadeiros.

As visitas, registros e entrevistas seguem um cronograma específico para mapear acervos materiais, pessoas e memórias. Para sistematizar as informações do inventário participativo, utilizamos um modelo de ficha composto pelas seguintes categorias: Ficha do Projeto, Ficha do Território, Fichas das Categorias (Lugares, Celebrações, Formas de Expressão e Saberes). Essas fichas foram desenvolvidas

com base na teoria de De Varine apresentada em seu livro "Raízes do Patrimônio" de 2002, e também foram influenciadas pelo texto do IPHAN (2016) intitulado "Educação Patrimonial: Inventários Participativos".

Varine (2002), em seu livro, aborda diferentes tipos de inventários participativos e seus impactos nas comunidades. Ele ressalta que um inventário do patrimônio cultural não é estritamente necessário, a menos que o patrimônio perca seu significado para a comunidade ou enfrente ameaças significativas, como a destruição devido a obras ou desaparecimento da comunidade. No entanto, para aqueles que trabalham em prol do desenvolvimento, principalmente se não fazem parte da comunidade, o inventário é uma ferramenta indispensável. De Varine enfatiza que o inventário nunca é exaustivo ou definitivo, mas deve ser evolutivo, subjetivo e condicionado pelos objetivos da pesquisa e pelos conhecimentos disponíveis no momento.

Portanto, em Alto Paraíso de Goiás, onde o patrimônio cultural muitas vezes está ameaçado, fora de contexto ou adormecido, esse trabalho busca ouvir as memórias locais e valorizar as narrativas que compõem a história da região. Por meio desse inventário participativo, buscamos permitir que os moradores definam o que consideram como patrimônio, sem depender exclusivamente de critérios científicos. Nossa intenção é ouvir os habitantes locais e coletar o máximo de informações possível.

Nesse contexto, a publicação do IPHAN intitulada "Educação Patrimonial: Inventários Participativos"<sup>3</sup> e o Livro "Raízes do Patrimônio" de Hughes De Varine (2002) contribuíram diretamente para a construção e adaptação das fichas usadas para sistematizar as informações da pesquisa. Portanto, essas fichas têm a finalidade de contextualizar qualitativamente a situação do patrimônio em Alto Paraíso de Goiás, permitindo uma abordagem mais ampla e completa desse valioso legado cultural e natural. Abaixo, as fichas serão descritas e exemplificadas em detalhes.

---

<sup>3</sup> Educação Patrimonial : inventários participativos : manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016. 134 p. : il. color. ; 21 cm.

Durante a pesquisa de campo, as fichas funcionaram como um guia, mas não foi viável seguir rigidamente seus campos propostos. Cada interlocutor ofereceu uma perspectiva única sobre o patrimônio cultural, mostrando que se ficássemos presos aos conceitos teóricos das fichas, poderíamos perder a essência fluida e dinâmica da memória. Assim, adotamos a história oral para traçar paralelos sobre o patrimônio cultural de Alto Paraíso de Goiás, focando nas comunidades do cerrado em vez do campo institucional.

### **Ficha do Projeto:**

A Ficha do Projeto (Anexo 1) foi preenchida ao longo de todo o trabalho de inventário, auxiliando na organização das informações coletadas. É uma ferramenta de organização que desempenha um papel essencial durante todo o processo de inventário, auxiliando na coleta e gestão das informações. Algumas informações foram preenchidas antes do início do trabalho de campo, enquanto outras foram preenchidas ao final da pesquisa.

**A Ficha do Território** ( Anexo 2) desempenhou um papel central ao caracterizar o espaço onde se conduziu nossa pesquisa. Esta ficha engloba uma série de informações cruciais, que abrangem desde o nome do local e suas referências de localização até uma análise das paisagens predominantes, a descrição das estruturas presentes e detalhes sobre as populações que habitam essa área. Além disso, ela realça os elementos naturais, fornecendo uma visão completa do ambiente que estamos investigando.

Vale destacar que diferentes áreas podem ser reconhecidas por vários nomes. No decorrer de nossa pesquisa, fizemos questão de identificar esses diversos nomes, abrangendo denominações antigas e mais contemporâneas, com o intuito de compreender a riqueza das percepções sobre o território. Nos esforçamos ao máximo para coletar informações abrangentes sobre os territórios pesquisados, incluindo suas referências de localização específicas, como, por exemplo, "Região entre o Morrão de Alto Paraíso e o Sertão Zen".

No campo destinado à descrição do território, examinamos cuidadosamente as características das paisagens predominantes, salientando as principais

estruturas, as populações ou grupos de pessoas que ali residem, bem como os elementos naturais, como a vegetação predominante, a fauna nativa, o clima característico e outros aspectos relevantes.

Adicionalmente, ao considerar a história do território, buscamos dados em documentos, como livros, e realizamos conversas e entrevistas com pessoas da região pesquisada. Essa investigação serve como alicerce para nossa pesquisa principal, que consiste no inventário dos bens musealizáveis da cidade de Alto Paraíso de Goiás

Na Categoria de **Lugares** (anexo 3) , reconhecemos a importância de certos territórios para grupos específicos. Esses lugares frequentemente adquirem significados especiais devido às experiências e memórias que estão intrinsecamente ligados a eles. Eles podem abranger bosques, rios, sítios arqueológicos, praças ou até mesmo a combinação de todos esses elementos, criando paisagens únicas.

A concepção de paisagem não se limita à geografia física; ela engloba a forma como as comunidades interagem com o ambiente, moldando-o de maneira singular. Isso inclui a maneira como as casas são construídas, como as ruas são organizadas, como as praças são utilizadas e como as pessoas vivem nesses lugares. Portanto, esses lugares transcendem o simples ponto no mapa; eles representam a expressão viva das culturas locais.

É relevante observar que alguns desses lugares podem conter vestígios de antigas ocupações humanas, como ferramentas de pedra lascada, pinturas rupestres, sepulturas, vidros, cerâmicas, entre outros. Esses locais são designados como sítios arqueológicos e são considerados Patrimônio Cultural Brasileiro, protegidos por lei. A riqueza desses sítios pode proporcionar valiosas contribuições para a pesquisa.

Portanto, ao explorar esses lugares que detêm grande importância para a comunidade, buscamos identificar novas descobertas que merecem ser preservadas como parte integral de nosso patrimônio cultural.

### Categoria Celebrações :

As Celebrações (Anexo 4) desempenham um papel crucial nas comunidades, seja por razões religiosas, lazer ou para marcar datas especiais locais, estaduais ou nacionais. É fundamental entender a evolução dessas celebrações ao longo do tempo, pois elas refletem a história e os valores da comunidade.

É importante ressaltar que as celebrações podem ser consideradas patrimônio cultural imaterial. Principalmente aquelas que são importantes para determinada comunidade. Passando de geração em geração, sendo compartilhadas com diversos grupos, essas celebrações passaram e passam por diversas mudanças ao longo do tempo. Entretanto conseguem manter sua tradição e importância comunitária.

As celebrações por terem muitos elementos envolvem muitas pessoas e grupos na sua organização. Cada passo, como a preparação do espaço, o feitiço das comidas, danças, encenações, apresentações etc.

As celebrações podem ter vários significados: religioso, como as festas dos santos padroeiros das cidades ou as festividades de religiões de matriz africana, como candomblé, umbanda e jurema; podem ser de caráter cívico, como as comemorações das datas importantes da nação ou da cidade; ou relacionadas aos ciclos produtivos, como as festas “do milho”, “da uva”, “do peixe”, marcando momentos especiais da vida de uma pessoa na comunidade – como acontece nos rituais de passagem para a vida adulta de alguns povos indígenas ou nas festas de casamento. (Iphan, P49, 2016)

Varine (2002) defendeu a ideia de que o patrimônio cultural não deve ser definido apenas por especialistas, mas deve refletir a visão e os valores da própria comunidade. Nesse sentido, as celebrações desempenham um papel fundamental, pois são expressões vivas da cultura de um grupo. Elas podem revelar aspectos da identidade cultural, crenças religiosas, eventos históricos e até mesmo mudanças nos ciclos de vida das pessoas.(Varine, 2002)

A abordagem de inventário participativo, mencionada anteriormente em referência a Varine, enfatiza o envolvimento ativo da comunidade na identificação e documentação de seu próprio patrimônio, incluindo celebrações. Isso significa que as celebrações religiosas, cívicas e relacionadas aos ciclos produtivos podem ser



identificadas e registradas não apenas como eventos isolados, mas como partes integrantes do patrimônio cultural de uma comunidade.

Categoria Formas de Expressão As Formas de Expressão (anexo 5) abrangem os valores culturais presentes em todos os aspectos da vida coletiva, desde o cotidiano até as celebrações. Elas refletem a visão de mundo das pessoas e podem sintetizar a identidade do grupo.

As celebrações dentro de uma comunidade podem ser interpretadas à luz das perspectivas de Mário Chagas e Hughes De Varine sobre o patrimônio cultural. Para esses estudiosos, o patrimônio cultural vai além de meros objetos físicos, abrangendo as várias maneiras pelas quais uma comunidade se expressa e se comunica.

Mario Chagas (2017) em sua abordagem museológica reforça a ideia de que o patrimônio cultural está intimamente ligado à cultura viva das pessoas. Ele argumenta que as celebrações religiosas, cívicas e relacionadas aos ciclos produtivos são partes intrínsecas do patrimônio cultural de um grupo humano. Elas não apenas refletem a visão de mundo dessa comunidade, mas também conectam as gerações passadas, presentes e futuras por meio da celebração de tradições compartilhadas.

Hughes De Varine, por sua vez, destaca a importância das celebrações como veículos para preservar e transmitir a identidade cultural de uma comunidade. Suas propostas de inventário participativo destacam a importância de reconhecer e documentar as várias formas de expressão cultural de uma comunidade. Nesse sentido, as celebrações desempenham um papel crucial, pois muitas vezes incorporam elementos de dança, música, teatro, literatura oral e outras formas de expressão.

Portanto, ao considerar as celebrações como parte do patrimônio cultural, estamos adotando uma abordagem alinhada com as perspectivas de Chagas e De Varine. Reconhecemos que as celebrações não são eventos isolados, mas

componentes essenciais da identidade cultural de uma comunidade, e sua preservação e documentação são fundamentais para a compreensão e valorização do patrimônio cultural em sua totalidade..

As formas de expressão podem ter diferentes sentidos: religioso, como numa folia de reis ou numa procissão; político, ao comunicar protestos sociais, como o hip-hop (que envolve o break, o rap e o grafite) etc.

#### Categoria Saberes:

Os Saberes (Anexo 6) englobam técnicas e conhecimentos específicos relacionados à produção de bens ou serviços. Esses saberes podem se tornar referências culturais, como receitas de comidas tradicionais ou técnicas especiais para produzir instrumentos musicais. Alguns saberes têm um caráter prático, enquanto outros possuem um aspecto ritualístico.

A execução de um produto ou serviço engloba habilidades e conhecimentos específicos que podem se tornar pilares culturais essenciais para um grupo. Isso abrange desde a receita de um prato tradicional até as técnicas especializadas para tocar um instrumento musical. Esses conhecimentos frequentemente possuem uma dimensão prática, mas também podem ter um aspecto ritual, e em algumas situações, mesclam essas duas facetas, como é evidenciado nos métodos ligados à cura, presentes em práticas como os benzimentos ou pajelanças.

Esses saberes incorporam um profundo entendimento de técnicas e materiais que revelam muito sobre a maneira como as pessoas interagem com o ambiente ao seu redor. Por exemplo, profissões tradicionais, como garimpeiros, coletores de sementes, seringueiros, ou mesmo os métodos de construção de casas usando taipa, adobe ou madeira, como é visto no território Kalunga, são exemplos desses saberes que refletem a relação da comunidade com o seu entorno.

Algumas dessas práticas e saberes têm a capacidade de lançar luz sobre a história de uma comunidade de forma profunda. Aquelas que estão intimamente conectadas com a vida no campo, como as habilidades de vaqueiros e boiadeiros, podem ser referências culturais de grande significado. Outras práticas podem estender-se por um longo período de tempo e estar relacionadas com populações que habitaram o território no passado, mesmo que hoje não existam mais. Embora

algumas dessas práticas possam ser encontradas em várias localidades é comum que elas se desenvolvam de maneiras distintas em cada lugar, refletindo as diferentes abordagens para o cultivo e uso da mandioca ou para a destilação do vinho de jabuticaba, por exemplo.

#### Ficha das Fontes Pesquisadas:

A Ficha das Fontes Pesquisadas (Anexo 7) foi usada para listar as pessoas entrevistadas e os documentos utilizados na pesquisa. Ela fornece informações sobre a origem de cada documento e o conhecimento adquirido por meio de entrevistas ou fontes documentais.

No que diz respeito ao patrimônio imaterial, reconhece-se que as fichas desenvolvidas até o momento podem precisar de ajustes, uma vez que o patrimônio imaterial é fluido e ligado a pessoas reais. Inventariar o patrimônio imaterial requer sensibilidade para o caráter individual das pessoas envolvidas com esse patrimônio, pois ele está intrinsecamente ligado à cultura viva da comunidade. É importante estar ciente de que o patrimônio imaterial pode desaparecer ou se transformar rapidamente, o que torna seu registro ainda mais significativo.

Embora as fichas construídas possam fornecer um ponto de partida valioso, foi durante a aplicação da pesquisa que surgiu a necessidade de criar novas fichas e expandir as categorias existentes. O processo de inventário participativo é dinâmico e deve ser adaptado às descobertas e desafios encontrados ao longo do caminho. As restrições de tempo e o cronograma da pesquisa limitam a capacidade de alcançar todas as pessoas e instituições relevantes, o que destaca a complexidade e a riqueza do patrimônio cultural da região e a necessidade contínua de explorar diferentes abordagens e caminhos.

Quanto ao patrimônio imaterial, as fichas que buscam contemplá-lo sofreram alterações. Visto que este é um patrimônio fluido, frágil e ligado a pessoas de carne e osso. Inventariar o patrimônio imaterial é “aceitar constatar seu desaparecimento ou sua transformação de um dia para o outro.”(VARINE, 2002, P.29). O patrimônio nesse caso está diretamente ligado à cultura viva da população, tendo que abordar o caráter individual das pessoas ligadas a determinado patrimônio.

#### 1.4 Estrutura do Texto

Este trabalho segue uma estrutura de três capítulos. O primeiro capítulo abrange a introdução, o referencial teórico e a estrutura geral do texto. Inicialmente, apresenta a pesquisa, destacando os autores e autoras com os quais estabeleço diálogo e, em seguida, delinea a metodologia de trabalho. A pesquisa se concentra na região entre Alto Paraíso-GO e o Moinho. Essa delimitação geográfica foi uma escolha pragmática, considerando as vastas dimensões da região. No entanto, é importante ressaltar que este trabalho representa o ponto de partida de uma pesquisa mais ampla que, em um futuro próximo, pode se estender a outras cidades da mesma região.

O segundo capítulo, intitulado “A História oficial e suas lacunas: Uma oportunidade para a Museologia Social” tem como objetivo contextualizar o papel da pesquisa museológica em Alto Paraíso de Goiás. Explora as razões e as decisões que orientaram a escolha da pesquisa em direção ao inventário participativo do patrimônio cultural da cidade. Este capítulo destaca as motivações subjacentes a essas escolhas, bem como as razões por trás de certos caminhos adotados ou, em alguns casos, da ausência deles.

O terceiro capítulo intitulado O atravessamento do inventário participativo como metodologia pelas vivências, pessoas e experiências no cerrado se dedica às considerações finais por meio dos descaminhos do inventário participativo e propõe uma visão para a criação de um museu na cidade. Além disso, busca justificar as razões que me levaram a adotar a abordagem da Museologia Social, demonstrando como essa perspectiva pode contribuir de maneira significativa para a preservação e divulgação do rico patrimônio cultural de Alto Paraíso de Goiás.

## **2 A História oficial e suas lacunas: Uma oportunidade para a Museologia Social**

A identificação dos **bens musealizáveis** de Alto Paraíso-GO, passa pela compreensão dos processos históricos do nordeste goiano. A ascensão e declínio da atividade mineradora servem para ilustrar como a região da Chapada dos Veadeiros foi ocupada e desocupada com o tempo. (Ribeiro, 2020, Bertran 1998, Behr, 2001)

A Chapada dos Veadeiros é uma região geográfica localizada no estado de Goiás, Centro Oeste do Brasil, conhecida por sua beleza natural e sua rica história. Historicamente, a Chapada dos Veadeiros tem sido habitada e explorada por diferentes grupos ao longo dos séculos. Considerada Patrimônio Natural Mundial pela Unesco, fica situada na região conhecida como Área de Preservação Ambiental do Pouso Alto e abrigado o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros com 264.0000 hectares.

A tentativa de colonização do sertão de Goiás, que se estende até as terras altas do Tocantins, apresenta suas peculiaridades históricas. A presença indígena na região e sua resistência são evidenciadas por inúmeros relatos de ataques a povoados, mas atualmente esses vestígios estão praticamente restritos à Arqueologia. Os registros em documentos oficiais encontrados nos arquivos do Museu das Bandeiras e, estudados pelo historiador do Centro-Oeste, Paulo Bertran (1998), destacam os Avá-Canoeiros, um povo indígena que lutou constantemente contra os colonizadores. Infelizmente, esse povo foi massacrado e no final do século XIX, restavam poucos sobreviventes que se esconderam em terras mais isoladas nos sertões de Goiás e Tocantins.

Durante os primeiros 30 anos de Traíras e Niquelândia não encontro referência alguma a conflitos entre índios e colonizadores. Mas de 1760 até perto de 1940 não há melhor assunto para espantar o sono: os frequentes assaltos dos terríveis índios Canoeiros ou Avá-Canoeiros as fazendas e até mesmo povoados de toda área que vai de Niquelândia e Chapada dos Veadeiros até as lonjuras de Porto Nacional e Natividade, estendendo-se para o ocidente até o Araguaia. (Bertran, 1998)

A demarcação (2023) recente de suas terras às margens da barragem de Serra da Mesa, em Uruaçu, onde vivem nove indígenas, é um importante passo para a preservação de sua cultura e memória. Essa demarcação e proteção das terras indígenas são essenciais para honrar a história e resistência desse povo e garantir que sua identidade cultural seja respeitada e valorizada.

Antes da chegada dos colonizadores europeus, a região era habitada por povos indígenas, como os Avá canoeiros. Com a colonização europeia a partir do século XVIII, a região passou a ser explorada por bandeirantes e mineradores em busca de ouro e pedras preciosas, trazendo mudanças significativas na paisagem e na cultura local.

No século XVIII e XIX, quilombolas, como os Kalunga, estabeleceram-se nas serras e vales da Chapada dos Veadeiros, fugindo da escravidão nas fazendas e minas. Eles criaram comunidades autossustentáveis e mantiveram suas tradições culturais, contribuindo para a diversidade cultural da região.

O que podemos recuperar disso tudo hoje ? Ainda não é possível mensurar. Podemos consultar algumas fontes para tentar entender melhor esse cenário. Luana Lima (2017) em sua tese de Doutorado destaca um período de "decadência" econômica enfrentado por muitas cidades em Goiás após o fim da atividade mineradora. Esse período foi marcado pelo declínio econômico, o que levou à redução da população e ao abandono de diversas residências, construções e povoamentos. Esse processo histórico contribuiu para o estado de "esquecimento" do patrimônio cultural dessas cidades nos dias atuais. Esses processos históricos, marcados por mudanças econômicas, urbanização e crescimento demográfico, tiveram um impacto significativo no patrimônio cultural das cidades em Goiás. Muitas vezes, resultaram em uma falta de valorização e preservação dos elementos culturais locais, levando-os ao "esquecimento" ou à negligência. (Luanna Lima, 2017).

Alto paraíso-GO não fugiu dessa lógica marcada pelo esquecimento e apagamento de sua memória. Refletindo um cenário comum em muitas localidades que não se encaixam no modelo hegemônico de desenvolvimento e progresso. A cultura material, importante testemunho da história e cultura local, muitas vezes se

encontra em ruínas ou soterrada, evidenciando a falta de valorização e preservação do patrimônio cultural. Visto que é vivo na memória de algumas pessoas a criação de um plano diretor da cidade que estabeleceu que se derrubasse o que fosse dos 2000 pra trás. Iniciando uma desfiguração da memória arquitetônica da cidade.(Lima, 2017)

Atualmente, este esquecimento dá-se muito mais pela exclusão destas cidades no que se refere às políticas de patrimonialização, pela ausência de uma estrutura institucional de preservação que possibilite uma política democrática de patrimônio histórico, somado ao relativo abandono do patrimônio material ainda existente, pelo poder público e, por vezes, pela própria população ( Lima,2017)

As tentativas de levantamento da memória material de Alto Paraíso de Goiás são muito recentes (UnB,2023). Estando restritas a fontes bibliográficas e arquivísticas assim como enfrenta diversos empecilhos logísticos e financeiros. Ou seja, as iniciativas no sentido de preservação da memória engatinham na cidade. E enquanto isso, o patrimônio cultural acaba sendo precarizado e perdido, devido a falta de políticas e ações voltadas para ele. Onde certamente podemos enumerar a quantidade de acervos perdidos, pessoas que não estão mais aqui, histórias sobre as paisagens... Uma infinidade de coisas que perdemos a todo momento.

Os objetos, as memórias das pessoas, as paisagens e os arquivos históricos da cidade e bibliotecas têm sido alvo de projetos do Centro UnB Cerrado, buscando seu mapeamento. Essas iniciativas são fundamentais para resgatar e preservar a memória da região, tornando-se um passo importante para a valorização do patrimônio cultural local (2023).

As tentativas de valorização da memória da cidade ainda são embrionárias e encontram limitações para alcançar objetivos mais concretos, como a criação de um arquivo histórico, biblioteca ou museu. Esse cenário pode estar relacionado a desafios financeiros, falta de infraestrutura adequada, questões políticas e sociais que afetam o investimento e a priorização da preservação do patrimônio cultural e ecológico

Um marco histórico importante para a preservação do patrimônio cultural da região foi o movimento ecológico contra a destruição da Gruta da Igrejinha por uma

mineradora. Em 1992, surge o SOS Gruta da Igrejinha, que obteve êxito em seu objetivo e conseguiu o tombamento da gruta através de uma lei municipal. A Gruta da Igrejinha possui significado cultural e histórico para a região, sendo, de acordo com a tradição oral, o local onde era benzido e guardado o ouro dos jesuítas.(Behr, 2001)

De acordo com a tradição, a Gruta da igrejinha era o lugar onde os jesuítas guardavam e benziam o ouro, durante o auge econômico da exploração aurífera, no século dezoito. Na verdade, é um túnel de mineração de filão que, segundo o historiador Paulo Bertran, é raríssimo em Goiás, com cerca de 15 metros de extensão, uns três de largura e outros 4 metros de altura, em perfeito estado de conservação. Há uma cruz da Ordem de Cristo esculpida no portal do túnel. (Berh, 2001, p.75)

A cidade de Alto Paraíso de Goiás e a Chapada dos Veadeiros, embora pouco explorada do ponto de vista arqueológico, museológico e histórico, guardam vestígios dispersos da memória que remontam ao ciclo do ouro em Goiás, a presença dos Avá Canoeiros e às expedições bandeirantes, com destaque para a figura de Anhanguera Filho. Através de uma leitura sistemática de textos históricos, foi possível resgatar fragmentos da história dos municípios da região e, ao montar esse quebra-cabeça, reconstruir parte dos eventos que moldaram o território que hoje conhecemos como Alto Paraíso de Goiás. (Bertran, 1998, Behr 2001, Lima 2017, Souza 2020)

Essa reconstrução histórica suscita questões importantes sobre onde e como encontramos a memória da cidade atualmente. Ela pode estar presente em diversos lugares, seja em objetos, coleções, acervos históricos, documentos, oralidade dos moradores e moradoras, das comunidades periféricas, indígenas, quilombolas nas manifestações culturais, nos modos de saber e fazer, na arquitetura remanescente, entre outros. Portanto, a busca pela memória de Alto Paraíso de Goiás envolve explorar diferentes fontes e diálogos com a comunidade para compreender, reconstruir e valorizar as memórias e histórias dessa região.

A memória da cidade está intrinsecamente relacionada aos antigos habitantes. A presença de vestígios históricos dos bandeirantes e do ciclo do ouro sugere uma conexão com os primeiros exploradores, colonizadores e colonizados (Souza 2020, Lima 2001, Behr 2001 E Bertran 1998). Esse período histórico é parte



fundamental da identidade local e pode ser resgatada através de pesquisas museológicas, históricas e arqueológicas.

A formação da memória de Alto Paraíso de Goiás dentro desse território é um processo complexo e multifacetado. Ela é influenciada pelas histórias individuais e coletivas das pessoas que habitaram a região ao longo do tempo, pelos eventos históricos que moldaram seu desenvolvimento, pela relação com o meio ambiente e com os aspectos culturais e sociais que se perpetuam até os dias atuais. (Souza 2020, Lima 2001, Behr 2001, Bertrand 1998)

O bandeirante Anhanguera II ou Anhanguera Filho, de acordo com Bertran (1998) e Miguel Von Behr (2001), andou pela região de Alto Paraíso - GO por volta de 1732. Ao mencionar a passagem de Anhanguera II pela Chapada dos Veadeiros, Von Behr nos proporciona uma conexão direta com o passado e com uma parte da história da Chapada. Essas informações ajudam a contextualizar a ocupação e a presença histórica da região, contribuindo para uma compreensão mais completa e rica da trajetória histórica do local.

A história dos bandeirantes é um capítulo da História do Brasil, e a menção de Anhanguera II na Chapada dos Veadeiros é mais um exemplo da presença desses homens nos sertões de Goiás. Ao investigar, problematizar e preservar essas informações históricas, podemos reconstruir de maneira crítica a memória cultural e patrimonial da região de Alto Paraíso de Goiás e da Chapada dos Veadeiros. Assim como compreender como inúmeros conflitos com os povos indígenas da região se desenrolaram .

Behr (2001) descreve em seu livro “Berço das águas do novo milênio” a região de Alto Paraíso percorrida por Bueno Filho (O Anhanguera II) da seguinte forma

A região é considerada como um agrupamento original de índios e escravos, que teriam sido aglutinados pelos primeiros colonizadores brancos. A área de Alto Paraíso, no entanto, começou a ser ocupada em meados do século XVIII, quando da chegada dos primeiros desbravadores das terras circunvizinhas de Arraias e Paranã. (Behr, 2001, P.52)

Para proporcionar uma melhor contextualização ao leitor sobre a paisagem, buscamos outra referência no livro “História de Niquelândia” de Paulo Bertran

Transposta Arduamente a serra geral do paranã, naquele raríssimo local onde esta abre um fecho, chegou Anhanguera e sua tropa as imediações de Alto Paraíso por volta de 1732, onde nasce o rio São Bartolomeu da Chapada, assim batizado, como aquele outro do Distrito Federal, em possível lembrança do Bartolomeu descobridor. Léguas adiante, passando a bandeira dois dias sem encontrar água, devem ter aportado no Rio São Bartolomeu de Cavalcante, onde até os cavalos da bandeira, segundo o relato de Silva Braga, esbaldaram-se em banhos (Bertran, P.33, 1998)

Seguindo a trilha cavaleira descrita pelos bandeirantes, atravessamos um campo úmido que abriga as nascentes do Córrego Ferreirinha. Esse córrego, nasce nas terras altas da Serra Geral do Paranã, percorre o platô até descer abruptamente em uma cachoeira chamada Sertão Zen com impressionantes 120 metros de altura até o Vale do Macaco.

A leste da cidade, na direção, e pela própria trilha cavaleira que “enrosca-se em múltiplas voltas” pela Baliza, atravessando as campinas do Sertão Zen, banhado pelo Córrego Ferreirinha, vai-se de encontro ao antigo Sertãozinho, reduto lendário de tribos desconhecidas(...) e contemplar de quebra, o imenso salto do Sertão Zen, abismo colossal, o visitante amigo vai penetrando no Vale do Rio Macaco(...) (Lima, P.41)

Essa documentação histórica estabelece uma conexão entre o passado e o presente, possibilitando que os relatos escritos sobre o mirante e a paisagem do rio São Bartolomeu sejam associados à localização atual e vivenciados pelos visitantes e moradores da região nos dias atuais.

Além disso, a precisão geográfica dessas informações é fundamental para preservar e proteger esses locais de valor histórico e cultural. Ao conhecer a localização exata dos sítios mencionados nos relatos, é possível implementar medidas adequadas de conservação e garantir que as futuras gerações possam apreciar e compreender a importância desses lugares significativos para a memória da região.

As características geográficas da região da Chapada dos Veadeiros, como vales, serras e cachoeiras, tiveram uma influência significativa na ocupação do território. Durante o ciclo do ouro, essa área atraiu assentamentos, principalmente

no norte e nordeste goiano. No entanto, com o declínio da mineração e a escassez de ouro, alguns povoados como São Félix, nas proximidades de Cavalcante foram despovoados.

Alto Paraíso, por sua vez, uma cidade relativamente jovem que conquistou sua emancipação de Cavalcante em 1953. Antes de se tornar uma cidade, era a fazenda Veadeiros, propriedade de Francisco de Almeida, um português. (SOUZA, 2020). Compreender a memória da cidade envolve explorar o período anterior à sua formação como município, evitando assim o apagamento de aspectos importantes da história, especialmente em relação à presença e contribuição das populações negra e indígena na região.

Ao valorizar a memória das pessoas que atualmente habitam o território, é possível resgatar as histórias e experiências de vida de gerações passadas, conectando o passado com o presente e contribuindo para uma visão mais rica e inclusiva da identidade cultural e histórica da região. Principalmente na tentativa de fugir da história tradicional e buscar outras narrativas. Nos associando com o legado afro-brasileiro e indígena da Chapada dos Veadeiros.

Essa abordagem histórica sensível é fundamental para preservar a memória coletiva e a diversidade cultural de Alto Paraíso de Goiás e da Chapada dos Veadeiros, permitindo que a memória da região seja contada a partir de múltiplas perspectivas e experiências, refletindo assim a riqueza de sua trajetória ao longo do tempo.

Alinhando nossa abordagem com os princípios da Museologia Social, que busca valorizar e incluir a participação ativa das comunidades na construção e preservação da memória e do patrimônio cultural. Ao criar um espaço onde a população reconheça o próprio território como um museu, buscamos promover a valorização e a preservação do patrimônio local em sua diversidade e multiplicidade de expressões.

A presença de comunidades negras remanescentes de Quilombo em Alto Paraíso, como o povoado do Moinho, tem grande importância histórica e cultural para a região. Essas comunidades carregam consigo uma rica herança cultural e ancestral, e seu reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares (2015) é uma

forma de valorizar e preservar sua identidade e contribuição para a história do município.

A localização do povoado do Moinho, próximo ao majestoso Rio São Bartolomeu e às nascentes do Córrego Preto e a 12 quilômetros de Alto Paraíso de Goiás, revela a relação estreita entre o Moinho e o ambiente natural da região. Os rios, córregos e cachoeiras são elementos essenciais para a vida dessas comunidades, proporcionando meios de subsistência e também desempenhando um papel significativo em suas práticas culturais.

Além disso, a região abriga as nascentes mais altas do Rio Tocantins, o que destaca sua relevância no contexto hidrográfico do país. Essa vasta reserva de água no Pouso Alto é de fundamental importância para o equilíbrio e a sustentabilidade ambiental da região, bem como para a biodiversidade local.

Pouso Alto caixa d'água por excelência, montado sobre 4 vertentes, distribuindo na Rosa dos Ventos, as águas do Rio dos Couros para o sul, Córrego Preto ao leste, Rio Preto a oeste, e que, no Vão dos Kalungas, com nome de Branco, desemboca no Paranã

Eis a Veadeiros propriamente.

Cenário luxuriante, zona dos cimos nublados e de uma solidão selvagem, com seus morros testemunhos, guardiões de eras remotas, depositário das mais altas nascentes do Rio Tocantins, a verter sobre seus vãos, entre bocainas e boqueirões, cascadeando em repentinos saltos, sua águas cristalinas, formadoras deste afluente autônomo do Amazonas. (Lima, P,26, 2001)

Valorizar a herança cultural das comunidades negras, suas conexões com o ambiente natural e a história local, irá fortalecer ainda mais os laços entre a comunidade e seu território, promovendo um encontro de saberes assim como a promoção de sua identidade. Essa abordagem integrativa e inclusiva é essencial para construir um museu verdadeiramente representativo e enraizado na história e cultura de Alto Paraíso de Goiás.

## 2.1 Museologia para além do Museu

O pensamento de Britto (2016) em sua tese de Doutorado, "Nossa maçã é que come Eva: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das

Museologias Indisciplinadas no Brasil” tiveram uma influência significativa nesta pesquisa. Ela serviu de base para incorporar elementos de uma Museologia mais social e explorar os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no contexto de Alto Paraíso de Goiás.

Britto traçou uma trajetória que explorou os caminhos e descaminhos rumo a uma abordagem "indisciplinada" da Museologia, utilizando a poética de Manoel de Barros como fundamento teórico. Esse enfoque envolveu um recomeço verbal, a desabituação dos usos pessoais dos museus, a exploração dos silêncios inexprimíveis e os abandonos pelos acervos e edifícios museológicos.(Britto, 2016).

Em Alto Paraíso de Goiás, a especulação imobiliária acelerou o processo de gentrificação, levando a mudanças significativas na dinâmica da cidade. Isso incluiu um aumento nos preços dos imóveis, uma escalada dos custos de vida e a transformação de terras em condomínios para acomodar residentes de outras cidades do Brasil. Esse processo afetou profundamente a identidade da cidade, com a presença de uma comunidade esotérica que se desenvolveu na década de 1980 agora deixando sua marca distintiva. A imagem do sertanejo estava sendo substituída pelo estereótipo esotérico e o turismo de massa começava a dar indícios de sua aparição. Um tempo depois essa mesma massa alternativa que se mudou para a cidade, teria de conviver com os avanços e ameaças da chegada do agronegócio e do turismo massificado na região. Colocando em risco esse patrimônio Natural Mundial que é a Chapada dos Veadeiros.

A pesquisa buscou seguir pelo "descaminho", optando por uma abordagem indisciplinada da Museologia aplicada nesse trabalho. Isso envolveu uma imersão nas museologias poéticas de Clóvis Britto, Mário Chagas e Girlene Bulhões, e resultou em uma tentativa de valorizar narrativas silenciadas, subjetividades reprimidas e saberes subalternizados em Alto Paraíso de Goiás. Dessa forma, por meio do inventário participativo elaborei um canal de escuta. Onde interagi com alguns grupos da cidade e pude entender o que eles consideram como patrimônio em relação com a cidade. Da mesma forma que pude visualizar algumas nuances de como interagem com o patrimônio e como entendem que devem preservá-lo.

Essa abordagem visa escapar das "Museologias disciplinadas e disciplinadoras"

marcadas por uma colonialidade linguística e epistêmica na geopolítica do conhecimento. Essas propostas podem ser evidenciadas no modo como são ensinadas as teorias das Museologias, cujo discurso dominante adota uma perspectiva etnocêntrica e eurocentrada que pretende ser universalista e que reforça o projeto da modernidade/colonialidade. (Britto, 2016, p.19)

Buscando abraçar uma perspectiva mais inclusiva e socialmente engajada em relação ao patrimônio cultural e à memória da cidade.

Minha jornada de pesquisa começou com incansáveis explorações por essa terra generosa e seca, onde semeei a esperança de meus sonhos e a confusão da minha vida, como descrito por Bertran (2007). Nas noites iluminadas pela lua, enquanto estendia minha rede e saciava minha sede nas fontes murmurantes da Chapada dos Veadeiros.

Fui inspirado por figuras notáveis, como Jurema Medeiros (em memória), que não apenas compartilhou seu rico arquivo pessoal, mas também se revelou uma guardiã da memória. Ela apontou o caminho a seguir e mostrou que o coração muitas vezes detém as respostas que a mente não consegue encontrar. Através de sua coleção pessoal guardou carinhosamente fragmentos da memória do povoado do Moinho e da Cidade de Alto Paraíso-GO.

Além disso, a professora Girlene Bulhões (2016) desempenhou um papel fundamental ao plantar sementes de curiosidade e questionamento nos campos da Museologia, especialmente durante um encontro com o prato de um garimpeiro. Esses encontros e influências moldaram a minha pesquisa e aprofundaram meu compromisso com a preservação da memória cultural de Alto Paraíso de Goiás.

desconhecido pela quase totalidade de seus funcionários, havia um prato de estanho gravado na parte de trás com o símbolo da Coroa Portuguesa, indicativo de sua origem e época. Um dos mais antigos servidores da instituição me informou que o mesmo foi encontrado por um garimpeiro em

um veio de mineração explorado desde o tempo da colonização (Bulhões, 2016, p.11)

Como ela relata, o prato esquecido, abandonado e negligenciado em algum lugar do museu serve como um poderoso símbolo da maneira como muitas vezes tratamos a memória. É um objeto que aguarda alguém com um olhar de poesia para decifrá-lo, para dar vida às histórias que ele contém. Da mesma forma, na cidade de Alto Paraíso de Goiás, fragmentos ricos de memória estão se perdendo, esquecidos em algum lugar, à medida que o tempo avança.

Esse esquecimento intencional e as lacunas temporais destacam a complexidade dos processos de apagamento. Mesmo objetos singulares, que poderiam adquirir novas dimensões poéticas na teia da memória, permanecem negligenciados, talvez para sempre desconhecidos. O exemplo do prato ressalta como as pessoas desempenham um papel fundamental nesse processo. Elas são as guardiãs da memória, decidindo o que merece ser lembrado e o que deve ser relegado ao esquecimento, independentemente de quão singular ou significativo seja. Essa reflexão nos lembra da importância de valorizar e preservar ativamente nossa memória cultural, antes que se perca para sempre. Conforme destacou Girlene Bulhões:

“Selecionamos, hierarquizamos, privilegamos, subalternizamos e segregamos culturas. Os objetos que musealizamos as representam. Fazemos o mesmo com eles: selecionamos, hierarquizamos, privilegamos, subalternizamos e segregamos. Depois criamos acervos, coleções e outras performances museais. As criamos à semelhança das nossas crenças. Dadas tantas divergências de classes que nelas expressamos, não poucas vezes horrorizaríamos as nuvens que porventura chegassem a alguns dos nossos museus. (Bulhões, 2016, p.10)

A busca pelo "prato de garimpeiro" em nossas memórias é, sem dúvida, um desafio complexo. Representa a escolha entre questionar o silenciamento desses objetos, desafiar a narrativa oficial da memória, ou negligenciar nosso compromisso histórico com a luta do povo. Em Alto Paraíso de Goiás, há uma riqueza de história ainda desconhecida, narrativas negligenciadas que merecem ser exploradas, em vez de nos contentarmos com as mesmas memórias que já não respondem às nossas perguntas.

A encruzilhada é o momento crítico em que devemos tomar uma decisão. Podemos optar por criar nossas próprias narrativas, desenterrando memórias que nos foram negadas e rotuladas como indesejáveis. Alternativamente, podemos escolher o caminho mais fácil, acreditando que a história oficial é suficiente. No entanto, certa vez ouvi um provérbio nigeriano que nos desafia: "Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caça sempre glorificarão o caçador". Isso nos inspira a sermos os historiadores de nossa própria história e a desenterrar as narrativas esquecidas que merecem ser ouvidas e preservadas, criando nossos próprios museus.

Logo, revisitar o passado é essencial para reconfigurar nosso presente; resgatar a memória é fundamental para continuar construindo o futuro (BULHÖES, 2016). Se um museu perpetua valores ultrapassados, reforça uma perspectiva branqueada e disciplinadora, quem seriam os homenageados em tal museu? A quem beneficiariam esses discursos propostos? Assim, destaco a necessidade de pensar processos museológicos voltados para a reparação das nossas mazelas do passado, nos desviando das normas museológicas tradicionalistas ao nos depararmos com essa encruzilhada. Em outras palavras, precisamos renunciar a um caminho para trilhar o outro. Ou abraçamos o "descaminho" das museologias indisciplinadas (Britto, 2016), ou apenas seguimos pelas rotas da memória oficial, através de museus associados à manutenção da narrativa hegemônica, perpetuando os apagamentos. De acordo com Britto, há um "silenciamento das Museologias Indisciplinadas com o intuito de reforçar a colonialidade epistêmica" (Britto, 2016, p.19).

Compreender as transformações no âmbito das experiências museológicas pode nos impulsionar a buscar questionamentos fundamentais e a explorar novos modos de conceber o museu para além do modelo tradicional, do prédio. O que para esse trabalho se torna valioso, pois ao resgatar as experiências e reflexões passadas podemos compreender as diferenças entre Museologias disciplinadoras e as Museologias Indisciplinadas. E assim justificar a escolha de tentar realizar uma Museologia Indisciplinada na experiência de Alto Paraíso de Goiás. A "emergência de um paradigma marcado pelo deslocamento de ênfase dos objetos e instituições para as relações entre as comunidades, os territórios e os saberes, e a transição



para a Museologia social, concebida como uma nova proposta paradigmática" (Britto, 2016, p.28-29). Perceber como essas mudanças afetaram o domínio epistêmico é vital para compreender as razões e contextos que levaram ao surgimento das Museologias Indisciplinadas. Assim como dizer que as Museologias Indisciplinadas são o único caminho para a realização de uma Museologia comprometida com demandas sociais e lutas históricas. E indo adiante, compreendo que a cidade de Alto Paraíso de Goiás é um campo fértil para plantar as sementes da Museologia Social. Um lugar onde a falta de políticas públicas para o campo do Patrimônio, conforme destacou Luana Lima (2017) coloca o patrimônio goiano à margem do desenvolvimento. Pautado pelas ruínas e memórias dos moradores mais velhos da cidade de Alto Paraíso-GO, esse trabalho tenta tecer manualmente as nuances desse patrimônio.

O que seria uma museologia indisciplinada? o que seria uma Museologia Indisciplinada aplicada em Alto Paraíso de Goiás? Para responder a essas duas perguntas, antes, tive que solucionar questões que me surgiram durante o questionamento. Uma delas é de que já existem práticas museológicas indisciplinadas na cidade. Acredito que, talvez até uma dezena de pessoas, que juntas ou individualmente praticam uma Museologia Indisciplinada, guardando objetos, vestígios, memórias e territórios. Mesmo longe das teorias museológicas e dos museus tradicionalmente conhecidos por nós.

Isso porque as Museologias Indisciplinadas não se reduzem ao espaço acadêmico, atingindo interfaces nos campo das políticas públicas, nas mais diversas comunidades envolvidas, na formação de redes, nos processos de musealização e nas ações de militância. Portanto, reduzir o conhecimento científico ao produzido na academia seria um contrassenso. (Britto, 2016, P.25)

Entendo que o Museu é um processo e uma prática social que deve estar a serviço da sociedade e das comunidades locais e de seu desenvolvimento. "O Museu não deve ser o fim em si, mas uma ferramenta, que deve ser utilizada para o exercício do direito à memória, ao patrimônio e a cultura; para o desenvolvimento de processos identitários e da valorização da identidade cultural." (Chagas, 2009, p.21)

Estamos pensando o Museu para além das coleções nesse trabalho, buscando desenvolver um processo museológico "a serviço da diferença", que se

designou a ser chamada de "Museologia Social" e que tem na Sociomuseologia uma de suas principais Escolas de Pensamento. Paradigma definido pela triangulação entre temas/problemas, territorialidades/desterritorialização e protagonistas sociais/grupos sociais de interesse." (Britto, 2016, P.22)

A "emergência de um paradigma marcado pelo deslocamento de ênfase dos objetos e instituições para as relações entre as comunidades, os territórios e os saberes, e a transição para a Museologia social, concebida como uma nova proposta paradigmática" (Britto, 2016, p.28-29). Perceber como essas mudanças afetaram o domínio epistêmico é vital para compreender as razões e contextos que nos levaram a nos posicionar teoricamente em prol de uma Museologia Indisciplinada e Social (Britto, Chagas).

A maneira como Britto (2016) incorpora a poética de Manoel de Barros é inspiradora. Partindo do princípio de que até mesmo as coisas consideradas "desimportantes" ou "inutilidades" têm potencial poético. Britto se identifica profundamente com o texto de Girleene Bulhões sobre as louças de vovó e o prato do garimpeiro. Reconhecendo que o prato também carrega poesia, assim como a forma como o catalogamos enquanto objeto cultural, como o guardamos ou o exibimos. O prato do garimpeiro possui uma narrativa triste, faltou poesia ao tocá-lo:

Este prato, apesar de ser uma raridade na região, repousava esquecido num cômodo que guardava as peças fora de exposição, num armário de aço, embrulhado em um pedaço de papel pardo. Nunca havia tido a honra de ser exposto devido à "pobreza" do seu material de confecção e da sua procedência, apesar da sua singularidade e de estar diretamente ligado ao tema principal do museu. Para completar o tratamento dispensado a ele, nos seus registros quase nenhuma informação sobre os contextos da sua existência e a marcação do seu número de identificação foi feita em tamanho desproporcionalmente grande para suas dimensões, quase em cima do brasão colonial. O que deveria ser um procedimento básico da documentação museológica se tornou uma interferência negativa em sua leitura. Se conseguisse ser visto, seria mal visto. (Bulhões, 2016, p.11)

Ao observarmos esses aspectos é imperativo ponderar sobre a maneira pela qual o cenário dos museus frequentemente tolerou apagamentos e silenciamentos. Como apontado por Britto (2016), aquilo que é por vezes considerado "desimportante" pode carregar consigo uma significância intrínseca. Isso está sujeito ao olhar que o percebe, às pessoas que o expõem e ao arcabouço teórico que

estimula transformações práticas. Isso é particularmente válido, dado que objetos por si só não moldam discursos ao seu redor. O equilíbrio entre escutar e silenciar é nosso encargo, conforme necessário."É crucial refletir sobre até que ponto os membros do espaço museal e da área de Museologia promovem a prática da escuta e do silêncio, de modo a garantir que os outros tenham o direito de falar ou não, conforme sua vontade. Isso estabelece diversas formas de resistência" (Britto 2016, p. 36).

Logo, buscamos empreender em nossa metodologia, formas participativas de pesquisa. Integrando a comunidade pesquisada na construção e gestão do conhecimento produzido por si mesma. O inventário vem nesse caminho como um auxílio no mapeamento do patrimônio e na construção de um processo museológico participativo e mais democrático.

## 2.2 A memória de Alto Paraíso de Goiás e o inventário participativo como alternativa para preservar o patrimônio

Esse trabalho estuda a cidade de Alto Paraíso de Goiás. A região do município, possui uma rica memória que abrange pelo menos três séculos. Registros históricos, incluindo cartas e diários de bandeirantes, destacam uma ocupação histórica na parte sul da Chapada dos Veadeiros, berço de Alto Paraíso-GO. Sítios arqueológicos também pontuam o território, levantando questionamentos sobre possíveis vínculos com os Avá Canoeiros, frequentemente mencionados como presentes na região.

Dentro deste cenário histórico e cultural, emerge a indagação central: Onde, de que forma e em posse de quem estão os **bens musealizáveis**, tanto de indivíduos, famílias e comunidades, como de entidades privadas e órgãos públicos em Alto Paraíso? A resposta a tal indagação é buscada através da identificação desses bens, ancorada na memória das pessoas. Por isso, realizaremos um inventário participativo do patrimônio cultural da cidade. Aqui, temos a intenção de "ligar a gestão do patrimônio privado e público ao envolvimento da história do território" (Varine, 2002 P.12). Visto que o patrimônio privado também faz parte do

patrimônio da comunidade, e “seus proprietários são, queiram ou não, atores do desenvolvimento local, uma vez que possuem uma parte dos recursos que o fundamentam e o alimentam.” (Varine 2002, P.13,)

A escolha neste trabalho é a execução de um **inventário participativo**. Mas, afinal, o que é um inventário participativo? É uma abordagem metodológica que visa envolver a população na definição do que ela entende como **patrimônio**.

No geral, trata-se de escutar os habitantes e de lhes pedir para designar aquilo que concederam como sendo o patrimônio de sua comunidade e de fornecer o maior número de informações sobre o assunto. Isso para que se constitua a base de um corpus patrimonial que poderá, em seguida, mas somente em seguida, ser enriquecido por pesquisas científicas, históricas ou administrativas mais aprofundadas. A publicação de Viamão que possui é uma prova da viabilidade desse processo, cujas consequências são surpreendentes: se os elementos mais evidentes do patrimônio são recenseados sem dificuldade, outras escolhas, menos “clássicas”, revelam a importância que a população dá aos lugares, objetos e documentos que balizam sua história, social e cultural, mesmo se não correspondem aos critérios tradicionais. (Varine, 2002, P.26)

Busco compreender o funcionamento do inventário participativo e destaco o motivo pelo qual escolhi utilizá-lo. Minha pesquisa tem suas raízes em laços afetivos que construí com Alto Paraíso - GO, e vejo o inventário participativo como uma maneira de compartilhar as fascinantes histórias que tive a oportunidade de conhecer. Na seleção de participantes, priorizei pessoas que considero de grande importância dentro da comunidade, pois acredito que suas memórias serão fundamentais.

Tento preencher uma lacuna no conhecimento museológico de Alto Paraíso de Goiás, onde procuro identificar as comunidades de memória e os territórios associados a elas. É crucial destacar a ausência de um museu na cidade, apesar de várias tentativas frustradas ao longo dos anos. Além disso, a região está passando por mudanças significativas devido à gentrificação, provocada pela especulação imobiliária na Chapada dos Veadeiros, o que tem levado à substituição das memórias locais pela identidade dos novos moradores. Entretanto reconhecendo que essa pesquisa não é exaustiva e infelizmente não conseguirá alcançar todos os atores sociais. De Varine (2002) inclusive pontua algumas razões negativas sobre a questão imobiliária e a chegada de um público urbano a um local rural na França.

- Monopolização da maior parte dos edifícios vagos, em detrimento dos moradores locais, em especial jovens casais que não encontram mais onde morar
- Explosão dos preços de imóveis e de alguns serviços em razão da demanda de origem urbana e dos meios dos adquirentes.
- Privatização dos sítios, em geral dos mais agradáveis (VARINE, 2002, P.49)

Procuro realizar uma análise histórica sólida e envolver a participação da comunidade para identificar o que é o patrimônio museológico da região. Visto que a pressão da especulação imobiliária tem modificado as paisagens da Cidade, minha proposta é desenvolver um inventário participativo e colaborativo, que envolva para além dos pesquisadores, representantes das comunidades e instituições locais. Buscando documentar o patrimônio em seu estado de transformação e resistência. A presença das comunidades negras remanescentes de Quilombo, como o povoado do Moinho, é particularmente relevante para a história e a cultura locais. Meu estudo quer valorizar essas memórias, contribuindo para a criação de um Museu da Cidade de Alto Paraíso de Goiás.

O inventário participativo quer identificar o patrimônio cultural de Alto Paraíso de Goiás, que pode incluir objetos, paisagens, festas, histórias, pessoas e memórias. Esse patrimônio cultural possui uma forte relação com a vida das pessoas e está associado a eventos significativos da história local, tornando-se referências culturais para a comunidade.

Vale ressaltar que Alto Paraíso de Goiás é uma cidade, com cerca de 9 mil habitantes, localizada no nordeste de Goiás. É a cidade mais alta do centro-oeste brasileiro, situada a 1232 metros acima do nível do mar. Aproximadamente 40% de seu território faz parte do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, que é conhecido como um polo de ecoturismo internacional. Além disso, o ponto mais alto do planalto central, a Serra do Pouso Alto, com 1645 metros acima do nível do mar, está localizado no município. (Dados do IBGE de 2014)

A região de Alto Paraíso de Goiás tem uma história rica e diversificada de ocupação humana ao longo dos séculos. Os primeiros registros indicam a presença do povo Avá-Canoeiro. Em seguida, os bandeirantes chegaram em busca de ouro, iniciando o ciclo da mineração na área ao redor da Chapada dos Veadeiros, que

culminou na fundação de Cavalcante em 1740. Assim como o surgimento de comunidades quilombolas em alguns pontos de seu território. Essas comunidades ainda existem e resistem.(Bertran 1998, Behr, Lima 2001, Ribeiro, 2020)

Naquela época, o que é agora Alto Paraíso era chamado de "Viadeiros" e estava subordinado a Cavalcante. O local era uma fazenda fundada pelo português Francisco de Almeida e se desenvolveu em um pequeno núcleo de colonização.(Behr 2001, Ribeiro,2020). "A primeira menção ao nome da Chapada dos Veadeiros, inicialmente grafada como "Chapada dos Viadeiros" aparece na carta corográfica de 1836, juntamente com a marcação da estrada que leva até "Viadeiro", possivelmente a fazenda que depois veio a originar a cidade" (RIBEIRO 2020. P.37)

No início do século XX, a localização da Fazenda Viadeiros era no distrito de Moinho, município de Cavalcante, que veio para originar a atual cidade de Alto Paraíso de Goiás.(...) O nome Alto Paraíso de Goiás, também advindo de uma fazenda, veio a ser adotado em 1963, dois anos após a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. (RIBEIRO,2020, P.117)

Conta-se que na área onde hoje se encontra a Av. Ary Ribeiro Valadão Filho, era comum ver veados pastando ao longo do dia, além de lobos, emas, onças e jaguatiricas. (Behr, 2001, Ribeiro, 2020)

Entre o final do século XIX e o início do século XX, acontecimentos históricos marcantes ocorreram na região, como a passagem da Comissão Cruels, que mediu o Pouso Alto, ponto mais alto do Planalto Central, e a Coluna Prestes em 1926, que passou pelo Jardim de Maytreia com 800 homens. (Behr, Lima , Ribeiro)

Diante desse contexto histórico e cultural, surge a pergunta: Como identificar e onde e com quem estão os bens materiais e imateriais que podem ser musealizáveis em Alto Paraíso de Goiás? Busco responder a essa questão realizando a identificação desses acervos a partir das memórias das pessoas.

Acreditamos que o método do inventário participativo, o qual envolve a colaboração ativa das pessoas e das instituições envolvidas no processo, será foi uma ferramenta importante para esse fim , possibilitando a identificação da memória afetiva quanto a memória social dos entrevistados.

Para viabilizar essa pesquisa, estabelecemos parcerias estratégicas com pessoas da sociedade civil da cidade e do Centro UnB Cerrado, da Associação de Coletores de Sementes da Chapada dos Veadeiros - Cerrado de Pé, com Dona Flor do Moinho (em memória) e do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros por meio do Instituto Chico Mendes de Preservação da Biodiversidade (ICMBio).

A partir dessas parcerias, buscaremos acessar informações valiosas e relevantes sobre o patrimônio cultural e natural da região, assim como coletar histórias, tradições e experiências das pessoas e comunidades locais. Espero que com essa abordagem participativa e colaborativa seja possível conceber um museu representativo, inclusivo e significativo para a comunidade, fortalecendo os laços entre o patrimônio e as pessoas que fazem parte dessa história.

Iremos trabalhar com os conceitos de Patrimônio Cultural, Memória e Museologia Social.

Então, afinal, o que seria o patrimônio cultural ? O patrimônio cultural se forma a partir de referências culturais que estão muito presentes na história de um determinado grupo e que foram transmitidas por várias gerações. Entre os elementos que compõem a cultura de um lugar, alguns podem ser considerados patrimônio cultural. São elementos tão importantes para o grupo que adquirem o valor de um bem - um bem cultural - e é por meio dele que o grupo se vê e busca ser reconhecido pelos outros.

O patrimônio é também um quadro, uma moldura para o desenvolvimento. Um território é o produto de toda uma história natural e humana, e as condições do desenvolvimento, em particular os conflitos que o agitaram, decorrerão dessa história. Todo território determinado sem o respeito por seus componentes patrimoniais não poderá servir de base para o desenvolvimento local equilibrado e sustentável. Esse quadro patrimonial compreende a paisagem, os fatores favoráveis ou desfavoráveis à vida dos homens e suas atividades sociais e econômicas. Compreende também a linguagem, as crenças, os ritmos da vida cotidiana, a relação tradicional com os territórios vizinhos e as entidades de nível inferior e de nível superior, hierárquica e administrativamente.

O patrimônio é ainda um recurso para o desenvolvimento. é na verdade o único recurso, juntamente com a população, que se encontra em toda parte e que basta procurar para encontrá-lo (VARINE, 2002, P.15)

Estamos caminhando em direção ao conceito de 'fratrimônio', que desafia a noção de que o patrimônio é apenas uma herança patriarcal transmitida de forma linear e diacrônica. Como Mário Chagas (2003) observa, o 'fratrimônio' representa a oportunidade de compartilhar bens culturais de forma social, simultânea, dentro da mesma época e geração. Isso permite que os participantes contribuam para a criação de um processo museológico onde os silêncios sejam compartilhados, os silenciamentos reconhecidos e diferentes maneiras de ouvir e ressoar elementos pessoais indizíveis sejam exploradas.

De acordo com Varine (,,,), o patrimônio, seja natural ou cultural, vivo ou sacralizado, é um recurso local que encontra sua razão de ser na integração nas dinâmicas de desenvolvimento. Ele é transformado, produzido, transmitido e pertence ao futuro (Varine, 2002, P.17).

Referindo-se ao patrimônio, é importante destacar que a memória é um fenômeno complexo que vai além do simples registro do passado. Ela influencia nossa compreensão do presente e a construção do futuro. A memória atua como um repositório de narrativas pessoais e coletivas que moldam nossa identidade, cultura e sociedade. Ela está intrinsecamente ligada a lugares, objetos e histórias que funcionam como recipientes das experiências humanas. "Portanto, o patrimônio é um bem comum que forma a base e o terreno do futuro, com a responsabilidade de preservá-lo repousando sobre todos, especialmente em seus detentores, sejam eles públicos ou privados, bem como sobre o conjunto das pessoas que compartilham desse bem social" (Varine, P.19, 2002).

A preservação da memória e do patrimônio cultural de Alto Paraíso de Goiás é atualmente negligenciada, refletindo-se no esquecimento e no silenciamento de partes significativas da história e cultura da região. A falta de informações históricas e políticas públicas adequadas na cidade é evidente, em parte devido aos desafios impostos pelo rápido desenvolvimento, mudanças demográficas e pressões externas como a especulação imobiliária. É crucial tomar medidas para resgatar e preservar essas memórias antes que se percam completamente.

A ausência de registros sobre Alto Paraíso de Goiás nos documentos históricos convencionais levanta questões importantes. Por que há tão poucos



registros sobre essa região? Não há uma única resposta para essa pergunta, e a pesquisa destaca a importância de não depender apenas dos documentos históricos, mas também de explorar as memórias locais como uma fonte valiosa de informações para compreender a história e a cultura de Alto Paraíso de Goiás. Este enfoque reflexivo e atento aos silêncios históricos é essencial para a pesquisa museológica e para a compreensão do patrimônio cultural da cidade. Isso também destaca a necessidade de repensar o papel das instituições patrimoniais e museus, que historicamente estiveram mais voltados para a "alta cultura" do que para o serviço das comunidades locais cujo patrimônio pretendiam proteger e valorizar (Varine P.13).

### **3 O atravessamento do inventário participativo como metodologia pelas vivências, pessoas e experiências no cerrado**

O inventário participativo do patrimônio cultural de Alto Paraíso de Goiás teve como objetivo mapear diversas expressões culturais, paisagens, projetos sociais, culturais, acadêmicos e ambientais, além das tradições relacionadas às plantas medicinais do Cerrado e aos coletores de sementes nativas na Chapada dos Veadeiros. A metodologia proposta foi adaptada à realidade local durante a execução em campo.

O inventário demonstrou ser uma ferramenta eficaz para fornecer um caminho metodológico participativo. No entanto, as relações dos depoentes com o patrimônio cultural excederam os limites das fichas de registro, que serviram mais como base para a elaboração de roteiros de entrevistas do que para prever ou induzir respostas específicas. Dessa maneira, as perguntas foram formuladas a partir das fichas, mas as respostas oferecidas pelos depoentes possuíam uma riqueza de detalhes que seriam perdidas se fossem registradas apenas em fichas sistematizadas.

A pesquisa priorizou o preenchimento de fichas centrais e essenciais, enquanto as mais específicas foram deixadas de lado, não por negligência, mas por reconhecer que o patrimônio cultural de Alto Paraíso de Goiás depende das próprias narrativas dos depoentes. Suas histórias de vida foram valorizadas, demonstrando que determinados objetos, práticas e coleções só existem porque as pessoas ainda estão presentes. Assim, resguardamos as falas dos depoentes e indicamos que ainda há um vasto campo de pesquisa a ser explorado, valorizando a conexão entre as histórias de vida e o patrimônio cultural local.

Partindo de uma abordagem de Museologia Indisciplinada (Britto, 2016), a pesquisa percorreu extensas distâncias na Chapada dos Veadeiros. Alguns dias foram passados em São Jorge, outros no Quilombo do Moinho, enfrentando desafios geográficos e climáticos. Navegando pelas paisagens cativantes da Chapada dos Veadeiros e percorrendo o Cerrado, encontramos lugares, comunidades e pessoas que são guardiãs de memórias, inerentemente ligadas à preservação da vida.

Para compreender melhor como ofícios, saberes e celebrações permanecem pilares importantes da cultura local, resistindo a inúmeras ameaças, é essencial introduzir alguns conceitos cunhados por Bispo (2015). Vamos explorar os conceitos de Confluência e Transfluência para explicar a resistência e a resiliência das comunidades tradicionais. Esses conceitos são ferramentas que articulam a riqueza e a complexidade desses povos, evidenciando sua relevância no diálogo com outros conhecimentos.

É importante salientar que alguns desses saberes tradicionais estão fragmentados dentro do território. Historicamente, a Chapada dos Veadeiros era vista como terra de “fugitivos” e pouco explorada pela historiografia. No entanto, o espaço abrigou uma diversidade de trânsitos de diferentes povos até as cidades mais contemporâneas. A formação e consolidação desses povoamentos, especialmente a partir da década de 1980, apresentam diversas lacunas sobre sua formação étnica e cultural.

Mesmo com o advento das cidades na Chapada, os saberes das comunidades tradicionais que ocuparam a antiga Veadeiros resistiram e continuam a fazer parte da cultura local. Podemos pressupor que as comunidades negras mais ao norte, em Cavalcante, também tenham remanescentes nos demais municípios. O IBGE já reconheceu o povoado do Moinho como uma comunidade quilombola em Alto Paraíso de Goiás, sugerindo que essa hipótese merece exploração mais profunda.

O turismo de massa trouxe novos tipos de investimentos e modelos de negócio para a região, transformando a cultura local. Portanto, é crucial buscar, dentro das universidades, formas de investigar as raízes históricas de Alto Paraíso de Goiás. Esse esforço pode encontrar evidências que fortaleçam a proteção do patrimônio e da cultura local em todas as suas formas.

A confluência (Bispo, 2015) se refere ao encontro e à intersecção de diferentes saberes e culturas. No que argumenta que os conhecimentos tradicionais não são isolados ou separados da ciência ocidental, mas estão em constante diálogo e interação. E a confluência (Bispo, 2015) valoriza a integração e a interdependência dos diversos modos de vida e conhecimentos, promovendo um

entendimento contra-hegemônico em relação ao modo ocidental de viver. Este conceito desafia a fragmentação e hierarquização dos conhecimentos, promovendo um espaço onde diferentes formas de saber podem coexistir e se enriquecer mutuamente. Como é o caso dos povos originários em suas diferentes cosmovisões. Os relatos históricos apontam que a Chapada dos Veadeiros também serviu de abrigo ao povo Avá Canoeiro. Os depoimentos que serão apresentados a seguir, também, fazem menção a memória de quilombos e indígenas. Nesse caso, temos elementos suficientes para acreditar que apesar do apagamento histórico desses grupos em Alto Paraíso de Goiás, suas raízes estão diretamente associadas aos povos indígenas e os povos dos quilombos. Logo, notamos que os saberes, apesar de transformados e modificados, encontram formas de coexistir com outras formas de viver e ser no mundo. Exemplos disso são o uso das plantas medicinais do Cerrado, os temperos e especiarias do paladar que a flora desse bioma nos proporciona, as redes de coleta de sementes do Cerrado, que fornecem sementes para restauração no Brasil inteiro e etc.

A transfluência, por outro lado, refere-se à própria transformação desses saberes, segundo Bispo (2015), pois, enquanto a confluência ensina que "nem tudo o que se ajunta se mistura", a transfluência ensina que "nem tudo o que se mistura se ajunta". Isto implica que, mesmo quando os saberes se encontram e interagem, eles mantêm suas identidades distintas, mas se transformam mutuamente, criando novos conhecimentos e práticas a partir dessa interação

Confluência é um conceito criado pelo poeta no processo de análise da contracolônização dos saberes: trata-se da lei que rege a relação de convivência entre elementos da natureza e que ensina que 'nem tudo o que se ajunta se mistura'. Contrapondo-se a essa lei, a transfluência é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e ensina que 'nem tudo o que se mistura se ajunta'."( Bispo, 2015, p.89)

Acredito que temos elementos suficientes para entender que os saberes e práticas relacionadas à ancestralidade indígena e quilombola permanecem vivas na Chapada dos Veadeiros e em especial em Alto Paraíso. Investigar essas raízes através da pesquisa acadêmica é crucial para pensar formas de resistência. A transfluência aqui se dá na forma em que essas identidades, práticas, artes ofícios e saberes estão presentes dentro da cidade, muitas vezes modificadas ou fora do seu contexto de origem. Mas mesmo assim mantendo uma lógica de funcionamento e

perpetuamento próprias. Visto que os saberes estão relacionados a uma ancestralidade indígena ou quilombola.

Figura 02 - Jardim de Maytreia



Fonte: Arthur Lacerda

### 3.1 Dona Flor e Wilson: O saber das plantas

A comunidade do Moinho, na cidade de Alto Paraíso de Goiás, tornou-se conhecida pelo trabalho notável de Florentina Pereira dos Santos, carinhosamente chamada de Dona Flor. Sua fama cresceu devido ao seu papel como parteira, raizeira e defensora dedicada do Cerrado e de suas águas. Dona Flor, neta de indígena, enfrentou o analfabetismo e desempenhou uma variedade de funções ao longo de sua vida, incluindo trabalho como boia fria, garimpeira, tropeira, feirante, agente comunitária de saúde e assistente social.

Apesar de ter gestado 18 filhos, Dona Flor também adotou mais de 27 filhos. Trabalhou até o fim de sua vida na roça, produzindo doces, farinha, licores e remédios. Sua atuação como raizeira envolveu o cuidado com as plantas, animais e pessoas, atendendo não apenas à sua família, mas também à comunidade e, de certa forma, ao mundo. Como parteira, Dona Flor teve a experiência de receber em

seus braços 335 crianças. Sua vida é um testemunho marcante da conexão profunda entre as pessoas, a terra e o cerrado.

No que diz respeito ao saber sobre plantas medicinais do Cerrado, Wilson, filho de Dona Flor, compartilhou conosco essa sabedoria. Relatando sua trajetória no Povoado Quilombola do Moinho, demonstrando como a preservação desses conhecimentos está intrinsecamente ligada à preservação do próprio Cerrado. O legado ancestral afro-brasileiro que Wilson carrega se manifesta em seu conhecimento de receitas de banhos para afastar o mau-olhado, práticas de benzimentos e remédios espirituais, mantendo uma conexão direta com as religiões de matriz africana. Apesar da ausência atual de Candomblés no Moinho, alguns elementos desse legado sobrevivem no contexto do catolicismo sertanejo, proporcionando oportunidades para pesquisas futuras.

Figura 03 - Wilson e o pé de Algodão



Fonte: Arthur Lacerda

Wilson recebeu esse saber de sua mãe, Dona Flor, que o preparou para dar continuidade ao legado. Dona Flor, por sua vez, afirmou que aprendeu tudo com sua avó, que era indígena.

Minha vó me criou até os meus 9 anos. Eu tinha um pai muito ruim pra mim, ele me batia, era racista, me xingava, e minha vó era tipo eu assim, e ela era sozinha, não tinha marido, os filhos já tava tudo criado. Então ela gostava de ir pros mato, minha vó era índia, e aí eu falava com minha mãe:

— Mamãe, deixa eu ir com vovó, ela vai sozinha. — Não, cê precisa ficar aqui pra olhar.

— Não, não vou olhar mininu não, eu vou mais vovó.

A hora que eu chegar, eu olho mininu. (DONA FLOR, 2022. P.19)

Esse processo revela um rico ciclo de memórias e tradições transmitidas de geração em geração. Hoje, graças a essa tecnologia ancestral, “a memória”, temos acesso a esses saberes ancestrais na região nordeste do estado de Goiás. Através da oralidade, podemos traçar uma linha de mais de 200 anos de história, saberes e tradições que foram transmitidos, proporcionando uma compreensão mais profunda de uma das dimensões históricas da região da Chapada dos Veadeiros. Por exemplo, Dona Flor lembrava que ia para Alto Paraíso, quando ainda se chamava Veadeiros, nome que é encontrado nas cartografias históricas dos séculos XVIII e XIX.

Eu lembro que a gente ia pra Alto Paraíso no tempo que chamava de Veadeiros. Primeira vez que eu saía de casa assim, eu tinha completado 7 anos,. dia 2 de fevereiro, Dia 2 de maio nós fomos começar a colheita do café. Lá parece que tinha 7 casas, mas era difícil de ver uma da outra por causa do café. Era Café, era marmelo, cana, mexerica, tudo quanto era espécie de fruta assim tinha, mamão, tudo tinha. Tinha a oficina tudo, as montagens, como aqui em casa, forno pra farinha, tinham as panelas de fazer marmelada, de fazer os doces, de fazer o sabão, tudo ferro, ferro e barro. (DONA FLOR, 2022, P.23)

As memórias de Dona Flor, passadas para seus filhos, nos conduzem às raízes antigas de Alto Paraíso, essa região da borda sul da Chapada dos Veadeiros. Quando Wilson fala sobre “Viver as culturas antigas” (MORAIS, 2023) é sobre esse modo tradicional de se fazer as coisas. Sobre a atividade do roçado com seus pais. Até a farinhada na casa de farinha, a atividade do engenho, a observação ativa, para conhecer as plantas do Cerrado, para depois tratar de “saber, pois o saber é aplicar

o conhecimento, então esse saber requer muita responsabilidade. Pois eu não posso dar um remédio que não funciona para a pessoa, então eu tenho que saber exatamente o que eu estou fazendo” (Morais, 2023).

É crucial observar que muitas das plantas cultivadas por Wilson possuem uma ligação direta com as práticas religiosas afro-brasileiras. De acordo com Pires et al. (2009), nas religiões de matriz afro-indígena, as plantas possuem um inegável valor simbólico, sendo utilizadas tanto em rituais quanto nas atividades cotidianas dos terreiros. Essas plantas sagradas atendem às dimensões litúrgicas das casas-de-santo e carregam uma natureza farmacobotânica, baseada em conhecimento empírico, frequentemente de natureza individual (Barros, 1983; Verger, 1995; Camargo, 1988).

Como bom entendedor das plantas e ervas do Cerrado, Wilson sabe a utilidade de cada uma, sua serventia, seja um remédio espiritual, como são os banhos e benzimentos, ou remédios para o corpo, como as garrafadas e extratos.

A ascendência indígena e quilombola de Dona Flor viveram em sua memória durante muito tempo. Conforme ela se refere a região “É terra deles, né? É terra dos índios, terra dos escravos. Isso aqui não era de ninguém. Depois que o povo tomou deles”. (Dona Flor, 2022, p.30). Dessa forma, se apresenta um campo de pesquisa vasto, onde uma diversidade de saberes foram transmitidos dentro da comunidade e encontraram na família de Dona Flor uma forma de continuidade. Os saberes tradicionais sobre as ervas sagradas e as plantas medicinais permaneceram como um pilar fundamental da cultura tradicional na região.



Figura 04 - Entrada da casa de Dona Flor



Autor: Arthur Lacerda

A mirra, associada ao Orixá Oxalá, perfuma o viveiro de Wilson. O peregum, uma planta dos Orixás Logunedé e Oxossi, é utilizada para abrir caminhos, trazendo força e coragem para enfrentar desafios. A gameleira, também conhecida como Iroko e relacionada aos Orixás Iroko e Oxalá, tem sua conexão com o elemento ar e é considerada a morada dos ancestrais masculinos e femininos (Oxóssi, 2020, p. 83). Além disso, o mulungú, que possui propriedades medicinais contra a insônia e a ansiedade, é utilizado pelo povo de santo para auxiliar as pessoas durante o período de reclusão exigido pela iniciação. Todas essas plantas estão presentes no quintal de Wilson.

Essas informações destacam uma certa relação entre as espécies presentes em sua horta medicinal com as práticas religiosas afro-brasileiras. É interessante notar que, embora o Povoado do Moinho tenha sido reconhecido como remanescente de quilombo e tenha profunda ligação com o legado afro-brasileiro em Alto Paraíso de Goiás, não há culto de religião de matriz africana no povoado, com a religião evangélica predominante entre a população local. Isso levanta diversas questões, como a possível existência de religião de matriz africana no Moinho no passado, dado os vestígios da conexão com o sagrado afro-brasileiro encontrados. As plantas cultivadas e os benzimentos ainda praticados por Wilson evidenciam uma

conexão com esse saber ancestral, que resistiu e se perpetuou através do conhecimento das espécies medicinais do Cerrado e das plantas cultivadas.

Embora Alto Paraíso seja uma cidade relativamente jovem em termos de emancipação, tendo se separado de Cavalcante em 12 de Dezembro de 1953, seu território na Chapada dos Veadeiros abriga vestígios de ocupações mais antigas, incluindo a ocupação colonial e pré-colonial, com a presença de sítios arqueológicos. As fontes da história oficial ajudaram a identificar locais de importância histórica no município, como a Gruta da Igrejinha, ou sítios arqueológicos do período do ciclo do ouro às margens do Rio São Bartolomeu, contendo valões utilizados pelos bandeirantes para garimpo de ouro. Essa pesquisa nos permite concluir que a cultura material da cidade tem raízes que remontam a pelo menos 300 anos, tanto pelos depoimentos orais, que nos conduzem para as artes, ofícios e saberes de comunidades tradicionais do Cerrado, quanto pela presença de uma ocupação colonial. Muitos relatos citam a presença de pinturas rupestres espalhadas de forma esparsa pela região. Destacando possíveis sítios arqueológicos pré-coloniais, formando um campo de pesquisa promissor para quem gostaria de investigar os trânsitos e presenças indígenas na região.

Figura 05 - Sítio Arqueológico desconhecido na Chapada dos Veadeiros



Fonte: Arthur Lacerda

Isso aqui era lindo demais, daqui cê escutava us índio tocando flauta ali. À noite cê ia ver o movimento dus índio aqui.

Quando eles chegava lá [no Solarium], a gente sabia que eles chegou por causa do cocar. De galinha da angola, avuava tudo, a gente sabia que era eles que tava chegano. Os cachorro não latia. Ele largava dois latidos e depois baixava o tom. A gente sentia que era eles.

Antes de ficar fazendo muito movimento praqui, lá em cima eles tocava lá, nós escutava aqui. Gaita, é bunitu, bunitu. É terra deles, né? É terra dus índio, terra dus escravo. Isso aqui não era de ninguém. Depois que o povo tomou deles. Aí eles vão lá pro Amazonas. Vai vendeno as terra e eles vão. A história do Moinho é uma história mesmo, não tinha cerca de arame, só tinha cerca de pedra, aqueles murão bem altão. (Dona flor, 2022, P.30.)

Portanto, buscamos estabelecer uma conexão entre a questão do "fratrimônio" e o Cerrado Brasileiro, com foco especial no Cerrado da Chapada dos Veadeiros, localizado em Alto Paraíso de Goiás. Reconhecemos que o Cerrado desempenha um papel fundamental na preservação de diversos saberes e mestres dos saberes populares que habitam essa região. Torna-se evidente como a relação entre diferentes comunidades e o Cerrado forma a base de uma ampla gama de atividades culturais, como a coleta de sementes nativas, a coleta de plantas para uso medicinal e frutos para a alimentação, além das folhas tradicionais repletas de misturas religiosas, como a Folia de São Sebastião e a Folia de São Jorge.

A partir dessas manifestações dos saberes e do patrimônio cultural da região, conseguimos levantar diferentes hipóteses sobre as raízes ancestrais de Alto Paraíso de Goiás, especialmente ao identificar práticas de "benzimento" com plantas do sagrado afro-brasileiro. No entanto, essas práticas estão dissociadas de uma religião de matriz africana ou de qualquer ritual indígena, levantando questões sobre descontinuidades históricas dentro do território.

Essa festa há muito tempo, a família tornou-se muito forte e tem a tradição da boa comida, né? Da Fatura. aí sabe que com nós é garantido, entendeu?

Nas outras casas, às vezes vai, mas na nossa garantia de Fatura, né? Então a gente tá aí nessa missão, né? São Sebastião também é raizeiro, né? Ele é oxóssi, né, das matas.

É um arqueiro, né? Das 7 flecha, né? Sim, aí ali é São Sebastião. São Jorge é uma vila de garimpeiro né do século XX, mas antes disso a gente sabe que aqui era terra de índio e quilombola né, tinha índio na nossa região. (Santos e Neto, 2003)



Figura 06 - Preto Velho no Altar “católico”



Fonte: Arthur Lacerda

No entanto, há outro aspecto a ser considerado. As paisagens da Chapada dos Veadeiros continuam a ser ameaçadas pela destruição devido a diferentes projetos relacionados à mineração, agronegócio, especulação imobiliária e turismo em massa. Parece que pequenos fios condutores se estendem por várias localidades, todos conectados às tradições e relações compartilhadas com o mesmo patrimônio, ou "fratrimônio": o Cerrado. Esses fios condutores são frágeis, exatamente como a própria vida, pois residem nas memórias das pessoas. E a memória é orgânica.

Nesse contexto, a preservação do Cerrado e de seus saberes culturais se torna uma batalha contínua. Indivíduos, famílias, comunidades e organizações desempenham um papel essencial na proteção desse bioma e na transmissão dos saberes associados a ele. A compreensão do valor do Cerrado como parte essencial

da cultura e identidade local é crucial para garantir que essas delicadas conexões com o Cerrado sejam mantidas para as futuras gerações.

Essa abordagem é fundamentada na ideia de compartilhar um bem cultural em comum e "de forma social, simultânea, dentro da mesma época e geração" (CHAGAS, 2003), sendo este bem o Cerrado. Utilizaremos também o Conceito de Biointeração, conforme apresentado por Antônio Bispo (2012) operando com o propósito de extração, utilização e reedição, baseados em relações comunitárias e coletivas, onde os saberes dos cultivos, coletas e compartilhamentos são inerentes. Esse conceito representa a contracolônização em relação à ideia de desenvolvimento sustentável e é compartilhado por comunidades quilombolas, terreiros das religiões de matriz africana e na prática da capoeira. Bispo destaca que, na biointeração, as coisas se renovam, enquanto no desenvolvimento sustentável se reciclam (Bispo, 2015).

Além disso, a variedade de mandiocas que cultivamos se desenvolviam em diversos ciclos: havia mandiocas com ciclo de seis meses (chamadas de macaxeiras), de um ano, de dois anos e de ciclo permanente. Isso porque, segundo nossas mestras e mestres a mandioca nós podíamos acumular, mas o melhor lugar de se guardar a mandioca é na terra. Ao contrário da fadiga maldita a qual Adão foi condenado pelo Deus bíblico, aqui se vivencia a comunhão prazerosa da biointeração (Bispo, 2015,p.83)

Assim, podemos relacionar as coletas de ervas, cascas, entrecascas e raízes do Cerrado com a biointeração. Na ação da coleta, existem determinadas regras a serem seguidas. Para cada fruto, há uma forma específica de coleta, assim como para cada semente, erva, raiz, casca e entrecasca. Por exemplo, na coleta de sementes e frutos nativos do Cerrado, nunca se retiram todas as sementes, e os frutos só podem ser coletados quando caem no chão. No caso do Pequi, ele deve ser colhido no chão e não diretamente do pé, visto que quando pego do chão ele já está maduro e, se retirado do pé, não consegue amadurecer corretamente, alterando o sabor do fruto. As sementes só devem ser coletadas em determinadas quantidades, garantindo que ainda haja sementes para dispersão pelos ventos e pelos animais que as utilizam como alimento. Podemos perceber que essas atividades estão ligadas à extração, utilização e renovação do Cerrado, ilustrando assim a biointeração comum nas comunidades rurais da Chapada dos Veadeiros.

É notável a importância desses saberes para a preservação do Cerrado. Saber a quantidade certa de sementes que se pode colher, quantos frutos pegar, quando e onde pegar, representam esse ciclo de extração, utilização e renovação. Dona Flor dedicou sua vida ao partear e a preservação dos saberes ancestrais sobre as plantas e ervas, sejam nativas do Cerrado ou não. Seus filhos hoje, dão continuidade ao seu legado, assegurando que por hora, os saberes sobre o partear e a medicina do Cerrado estão a serviço da comunidade.

Figura 07 - Foto da foto de Dona Flor



Fonte: Arthur Lacerda

### 3.2 Dona Izabel, Tião e a Folia de São Sebastião

O inventário participativo compreendeu no Município de Alto Paraíso de Goiás a Vila de São Jorge e a Comunidade Quilombola do Moinho. Em São Jorge mapeamos as histórias sobre o garimpo de cristal e os primeiros moradores da Vila; assim como o viés institucional da gestão do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e a atuação da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge.

As folias tradicionais foram identificadas com a valiosa contribuição da família Ferreira liderada por Dona Izabel, que desempenha um papel pioneiro na Folia de São Sebastião e na Folia de São Jorge na Vila de São Jorge. A Folia de São Sebastião, realizada em 17 de janeiro e que tem início na casa de Dona Izabel e arremate na casa de seu filho Tião, foi **resgatada** e ainda persiste apesar dos desafios provocados pela gentrificação na vila. A Folia de São Jorge é realizada pela igreja local, mas durante décadas contou com a participação direta de Dona Izabel e sua família. Entretanto, Dona Izabel deixou de participar da festa por desavenças políticas que acabaram se tornando constantes durante a realização da celebração. Por isso esse trabalho optou por manter o foco sob a Folia de São Sebastião, enquanto manteve apenas o registro da existência da folia de São Jorge.

E tem a folia de São Sebastião, que acontece todos os anos. A companhia em que data? 20 de janeiro. 20 de janeiro. Aí tem a folia que começa antes, né? Tem Alvorada e tal. Começa por volta do dia 17 . Se não me engano, e vai até o dia 20, que é o remate da folia. A folia de São Sebastião acontece dentro da cidade. Dentro da cidade, dentro da cidade, e o remate é lá no outro setor novo, mas a Alvorada começa aqui dentro e finaliza lá, mas é aqui, dentro de São Jorge. (Nascimento, 2023)



Figura 08 - Altar em São Jorge



Fonte: Arthur Lacerda

Izabel Ferreira dos Santos tem 71 anos, 20 deles dedicados à Folia de São Sebastião. Já foi garimpeira na Vila de São Jorge nos tempos onde não existia o ecoturismo e a principal atividade econômica era o garimpo de cristais.

Dona Izabel aprendeu a tradição das folias com seus avós. Em sua vivência nas “culturas antigas”, ela diz que era a vida na roça, como a de sua mãe e seus avós, já que não conheceu seu pai. Seu filho Tião, descreve a luta para manter as tradições vivas dentro da comunidade, destaca que em sua família a tradição é forte, de fartura. Então quando a folia começa, os demais foliões da região fazem questão de reunir suas comitivas e partir para a casa de Dona Izabel. Vindo comitivas de praticamente todas as cidades da região.

Aí quando chegou o ano esse ano, a dona que entregou a folia chegou e eu falei, aí fulana, a Jaqueline, como vai ser? amanhã já é o dia. Como que nós vamos fazer?

Aí falei: eu vou fazer um jantar. Ela falou, não dá, faz um quentãozinho e tal. Falei, não, senhora, eu não misturo. Não misturo bebida com coisa religiosa, né? Aí eu falei, espera aí. O rapaz também, que era dono da folia, estava sentadinho e falou, Ah, dona Isabel, está certa, eu falei, eu vou fazer um jantar e isso vai dar tudo certo. Ela falou que não “é só 10 pessoas”, falei aham... 10 pessoas...Foi 10 pessoas...Aí eu falei, não, eu falei, não pode deixar, ó, eu pode deixar que eu resolvo, está tudo certo aí o folião falou, está tudo certo, não é? Falou tudo certo.

A no outro dia. Comida no fogo e nessa cozinha, moça, mais do que 200 pessoa, 10 pessoa... Eu não ia passar vergonha, né? Quanto mais você tirava comida para servir para o povo, a comida rendia. Eu aí ela falou assim, dona Isabel, o que que é isso, olha o tanto de gente que já comeu, ainda tem comida? Eu falei é Deus que ajudou, uai. (SANTOS, 2003. NETO, 2003)

Figura 09 - Altar de São Jorge



Fonte: Arthur Lacerda

Tião também destaca a importância das “raizadas”, “garrafadas” e os conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais do Cerrado. Ele acredita que um Museu em Alto Paraíso não pode deixar de fora a história desses mestres do saber popular, com destaque para seu Dedé em São Jorge e Wilson na cidade de Alto Paraíso. Sempre destacada a importância dos saberes e ofícios tradicionais, sendo referente às plantas medicinais, frutos do Cerrado ou ao ofício de plantar a mandioca e fazer a farinha, numa atividade chamada “farinhada”.

Tião é apelido de Sebastião Ferreira da Silva Neto, um pilar essencial na continuidade das folias, nascido no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Aos 49 anos, foi escolhido por sua mãe para ser coordenador da folia. Determinado, transformou sua casa em uma ecovila e espaço cultural. Onde sete famílias vivem da agricultura familiar. O espaço cultural é dedicado à memória do garimpo de cristal em São Jorge, a memória das folias e a memória das plantas medicinais do Cerrado. Uma celebração à vida.

A Folia de São Sebastião é uma celebração anual que ocorre todo dia 20 de janeiro na comunidade de São Jorge e dura 3 dias. Onde devotos do santo católico abrem as portas de suas casas para receber o cortejo da Folia que percorre as ruas da vila. Recebe o nome de Alferes aquele que carrega a bandeira em frente a folia. Ao chegar na porta de uma casa ele vai na frente, tira o chapéu e passa e balançar a bandeira com a imagem do santo sob os membros da casa enquanto os foliões tocam instrumentos musicais como a caixa, viola e pandeiro caipira. E em agradecimento os devotos amarram dinheiro nas fitas das bandeiras. Os valores ajudam a custear a alimentação e transporte de foliões de outras regiões da Chapada dos Veadeiros.

A Folia é uma manifestação de devoção profunda. A bandeira, quando hasteada, não apenas marca o caminho, mas também abençoa os quatro cantos: sul, leste, oeste e norte. Ela carrega consigo o poder de abençoar as pessoas e até de atrair a chuva. Ao abrir caminho para os foliões, a bandeira assegura a passagem segura, simbolizando a abertura de portas e a retirada de qualquer adversidade, pois São Sebastião está passando.

O coordenador da folia entende que a bandeira é um símbolo de bênção. Quando ela é balançada, representa que São Sebastião está guiando seu povo na missão do evangelho, abrindo portas e protegendo os que seguem com fé. Ao atravessar diferentes lugares, São Sebastião e sua bandeira unem várias dimensões de pessoas e entidades, todas se encontrando sob a proteção da fé. A licença para passar é bem-vinda em qualquer lugar, seja na parte baixa ou na parte alta.

Mais do que um simples objeto, a bandeira simboliza a fé viva de um povo, carregando consigo o poder de proteção, bênção e devoção.



A procissão possui um Guia e Contra Guia. O guia é responsável por puxar o cântico e o contra-guia responde o verso junto com os outros foliões. Para cada momento há uma letra, ela pode ser conhecida por todos ou inventada na hora.

Aqui chegou São Sebastião

Aqui chegou São Sebastião

Com suas flechas no peito

Com suas flechas no peito

Figura 10 - Altar de São sebastião



Fonte: Arthur Lacerda

Os locais que servem comida são conhecidos como “pouso” e é onde os foliões passam a noite. Depois de todos alimentados, se faz o bendito de mesa. Água e farinha representam o pão e a fartura e os garfos juntos a união. Após isso acontece uma oração cantada, onde os foliões agradecem pelo alimento.

Figura 11 - Bendito de Mesa



Fonte : Arthur Lacerda

Lá, depois do jantar a festa segue noite adentro, onde os foliões contam causos da região. Esses encontros fortalecem vínculos, formam famílias e celebram a fartura da agricultura familiar. A maioria das casas de pouso, são locais onde a agricultura familiar é praticada e em celebração e devoção aos santos católicos a fartura da colheita é compartilhada por todos. Podemos então voltar a dialogar com Antonio Bispo quando ele diz

Assim, como dissemos, a melhor maneira de guardar o peixe é nas águas. E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é distribuindo entre a vizinhança, ou seja, como tudo que fazemos é produto da energia orgânica esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia. (BISPO, 2015, página. 85)

Evidenciando que determinados costumes e tradições acontecem em ligação com a natureza, visto que o alimento das colheitas é essencial para manter a tradição de fartura. Conforme disse Dona Izabel em seu depoimento na última festa de São Sebastião, parecia que as coisas iam se multiplicando. Quanto mais gente chegava, mais comida aparecia na panela, um milagre.” (Santos,2023) E assim a folia de São Sebastião se perpetua, através da natureza, da fé das pessoas e da abundância do Cerrado da Chapada dos Veadeiros. A riqueza está na partilha.

A confluência e a transfluência (Bispo, 2015) se manifestam de maneira profunda na Folia de São Sebastião e nas tradições culturais da Vila de São Jorge. A confluência pode ser observada no encontro de diferentes elementos culturais, históricos e espirituais que se unem na celebração da folia. A tradição, compartilhada pela comunidade, encontra-se com as práticas religiosas católicas, criando uma celebração que é ao mesmo tempo uma expressão de fé e uma forma de fortalecer vínculos e uma identidade coletiva. Esse encontro de saberes também ocorre na vida comunitária, onde práticas como a "farinhada" e o uso de plantas medicinais do Cerrado reforçam a identidade cultural e a conexão com a terra.

Por outro lado, a transfluência é evidente na maneira como essas tradições se adaptam e se transformam em novos contextos, mantendo sua essência. A Folia de São Sebastião, que originalmente estava vinculada à vida rural e ao garimpo, continua a existir em um cenário transformado pelo turismo e pela gentrificação. Apesar dessas mudanças, os elementos centrais da folia, como a devoção, a fartura e a partilha, permanecem intactos. A bandeira de São Sebastião, por exemplo, transcende seu papel físico e se torna um símbolo espiritual que conecta os devotos através da fé, garantindo proteção e abrindo caminhos, mesmo diante das adversidades. A confluência e a transfluência na Folia de São Sebastião ilustram como as tradições culturais e espirituais se encontram, se transformam e se adaptam, mantendo vivas as práticas comunitárias e reforçando a ligação profunda com o ambiente natural do Cerrado e as raízes históricas da comunidade.

### 3.3 Os coletores de sementes da Chapada dos Veadeiros

Vamos agora compartilhar "Uma história boa das sementes para o Museu", nas palavras de Claudomiro Almeida Côrtes (Clau). Essa narrativa é, em grande parte, formada pela experiência prática das comunidades da Chapada com o Cerrado, revelando seu potencial hídrico, nutritivo e farmacológico. Permitam-me apresentar Claudomiro de Almeida Côrtes, filho de garimpeiros e agricultores familiares, nascido em Alto Paraíso de Goiás, na Chapada dos Veadeiros. Em 2007, ele se tornou brigadista no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Desde então, sua vida tem sido inseparável da causa da conservação do Cerrado. O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros funcionou como um elo entre os conhecimentos e saberes populares e o domínio da pesquisa científica, desempenhando um papel fundamental na formação da Associação Cerrado de Pé, tal como a conhecemos hoje.

Figura 12 - Claudomiro no Galpão da Associação Cerrado de Pé em Alto Paraíso de Goiás



**Fonte:** Arthur Lacerda

A Associação Cerrado de Pé é uma organização sem fins lucrativos composta por aproximadamente 240 famílias, das quais 77% são mulheres. Essas famílias são coletores de sementes nativas do Cerrado, provenientes das comunidades situadas nas proximidades do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, incluindo o Assentamento Silvio Rodrigues, a Vila de São Jorge, Colinas do Sul, Alto Paraíso de Goiás, Teresina de Goiás, Cavalcante, São João d'Aliança e as Comunidades do Território Quilombola Kalunga. A principal missão da Associação é contribuir para a conservação e restauração do Cerrado, o que envolve a coleta de sementes de uma ampla variedade de plantas nativas, como gramíneas, ervas, arbustos e árvores. Essas sementes são destinadas a projetos e iniciativas que visam recuperar áreas degradadas do bioma.

A Associação Cerrado de Pé está localizada na região da Chapada dos Veadeiros, que é conhecida por sua rica biodiversidade e grande número de nascentes. Essa área faz parte da Reserva da Biosfera do Cerrado, uma região designada para a conservação ambiental e o desenvolvimento humano sustentável. No entanto, o Cerrado tem sido alvo de desmatamento em um ritmo alarmante, com mais de 50% do bioma já profundamente impactado. A principal causa desse desmatamento é a expansão da agricultura em larga escala para a produção de commodities como soja, milho, algodão e eucalipto. Atualmente, a taxa de desmatamento do Cerrado é quase quatro vezes maior que a da Amazônia. Além disso, a invasão de espécies de gramíneas exóticas, mudanças climáticas e o uso excessivo do fogo também contribuem significativamente para a degradação do Cerrado.

Nesse contexto, a região da Chapada dos Veadeiros, onde a Associação Cerrado de Pé está situada, desempenha um papel crucial devido à presença de grandes extensões de vegetação de Cerrado, especialmente em áreas protegidas, como o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, a Área de Proteção Ambiental (APA) do Pouso Alto, diversas Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) e o território quilombola Kalunga. Dado o grau significativo de degradação do Cerrado, a demanda por iniciativas de restauração da vegetação é crescente. A Associação Cerrado de Pé desempenha um papel fundamental na cadeia produtiva de sementes para essas iniciativas, ao mesmo tempo em que gera renda para as



famílias da região e promove o conceito de "Cerrado de Pé" como uma alternativa de desenvolvimento socioeconômico. Isso envolve a restauração de áreas degradadas e a proteção de nascentes. O Brasil se comprometeu a restaurar 12 milhões de hectares até 2030, dos quais 5 milhões estão localizados no bioma Cerrado.

Figura 13 - Galpão de Sementes da Associação Cerrado de Pé



Fonte: Arthur Lacerda

Uma das principais funções da Associação é fornecer sementes de plantas nativas do Cerrado para o mercado de restauração de áreas degradadas. Esse trabalho reconhece a importância do conhecimento ancestral dos coletores de sementes sobre a diversidade das plantas do Cerrado. O processo de coleta de sementes envolve três etapas distintas. A primeira etapa é a coleta das sementes diretamente no Cerrado, seguida pela segunda etapa, que é a separação das sementes. A terceira etapa compreende o beneficiamento das sementes, preparando-as para o plantio.

Após serem coletadas, separadas e beneficiadas, as sementes são armazenadas em locais nas comunidades aguardando a chegada de Claudomiro

Cortes, presidente da Associação Cerrado de Pé, que as recolhe e transporta até o galpão da associação em Alto Paraíso de Goiás.

A comunidade quilombola Kalunga desempenha um papel importante na atividade de coleta de sementes. Habitantes do mesmo território há mais de 300 anos, situado no norte da Chapada dos Veadeiros. Os Kalunga ocupam o maior território quilombola do Brasil em extensão, abrangendo 240 mil hectares. Seu conhecimento sobre o Cerrado tem sido uma contribuição significativa para o estabelecimento da prática de coleta de sementes nativas do Cerrado na região da Chapada dos Veadeiros.

Como mencionado por Claudomiro em seu depoimento, "um dia fomos ministrar um curso com os Kalunga. E, quando chegamos lá, acabou que fomos nós que aprendemos muito com eles. As melhores sementes da região sempre vêm de lá. Só precisamos ensacá-las, pois elas já vêm beneficiadas." O relato de Claudomiro ressalta a profundidade do conhecimento dos Kalunga sobre as plantas nativas da região, bem como a excelência de suas sementes.

A gente já consegue preservar, gerar renda para quase todas pessoas. Imagina se tivesse mais apoio. Então, hoje as comunidades, se as pessoas que conhecem, talvez a gente monte um grupo aqui junto com a rede, com o ICMBio, ou vão treinar os Kalunga, vamos dizer, os Kalunga, mas é qualquer comunidade. A quarta semente é essa que ensina a gente, né? A gente fala sim que vai treinar porque é o jeito mesmo e tal, mas assim, eles sabem tudo. Então se sabe coletar, sabe, ele sabe, sabe como plantar, as melhor técnica até fico meio... tem um pessoal aí que quer ensinar os Kalunga a plantar... Mas eles sabem tudo. Então se a gente não envolver as comunidades na conservação, não, não adianta velho. (CORTES, 2003)

O conhecimento dos Kalunga sobre as plantas nativas e sua contribuição para a coleta de sementes na Chapada dos Veadeiros são temas de pesquisa significativos. À medida que exploramos a região da Chapada dos Veadeiros, torna-se evidente como as interações e conexões das pessoas dentro do território transcendem os limites municipais. Isso destaca a riqueza do conhecimento tradicional e a colaboração entre diferentes comunidades na preservação do Cerrado. Esse bioma, que é o patrimônio unificador da cultura de toda a região da Chapada dos Veadeiros, gerando uma "Cultura Cerratense". Amplamente reconhecido como o berço das águas do Brasil. Ele é atravessado por três das maiores bacias hidrográficas do país: Araguaia-Tocantins (cujas nascentes se

encontram na região da Chapada dos Veadeiros), Paraná-Paraguai e São Francisco. Podemos complementar com o que Claudomiro compartilhou com a pesquisa ao ser perguntado sobre a importância das comunidades na preservação do Cerrado

(...)sem envolver as comunidades não tem como preservar uma área tão grande... Se a gente incluir as comunidades igual a Cerrado de Pé tá fazendo envolvendo as pessoas que nasceram e conhecem e estão vendo... qual é a visão de qualquer coletor disso? Qualquer pessoa que mora nas comunidades pode chegar para ele e perguntar a ele como está o nível dos rios? Como estão as nascentes? Pergunta nas comunidades... fala que esse rio não secava, está secando e esse que é maior está quase secando aquela vereda. Ali, qualquer época do ano nós pisávamos, afundava, ou se pisava, o chão chiava por causa do barulho da água. E hoje você pode passar pelo campo tá seco. (CORTES, 2003)

Na descrição do processo de coleta de sementes, vemos como o conhecimento ancestral dos Kalunga e outras comunidades é fundamental para a preservação do Cerrado. Este conhecimento, que inclui técnicas tradicionais de coleta e beneficiamento de sementes, não é estático, mas fluido e transmissível, atravessando gerações e fronteiras culturais. Isso exemplifica a transfluência, onde o saber circula entre as comunidades e organizações, como a associação, enriquecendo e fortalecendo as práticas de conservação ambiental.

A fala de Claudomiro, presidente da Associação Cerrado de Pé, ao reconhecer que, embora o curso fosse para ensinar os Kalunga, foram eles que acabaram aprendendo, é um testemunho disso. As melhores sementes vêm das comunidades tradicionais, que têm um conhecimento profundo do Cerrado, demonstrando que esse saber não é apenas transmitido, mas também transformado e adaptado conforme as interações entre diferentes atores.

A transfluência se manifesta também na forma como as comunidades da Chapada dos Veadeiros, mesmo sendo geograficamente e culturalmente distintas, se conectam e colaboram para a preservação do Cerrado. O Cerrado, como um bioma complexo e interconectado, simboliza essa transfluência em sua própria ecologia, onde cada planta, árvore e rio está interligado e depende de um equilíbrio delicado, assim como os saberes das comunidades dependem uns dos outros para se manterem vivos e relevantes.

A transfluência e a confluência (Bispo, 2015) são conceitos que ajudam a entender as dinâmicas culturais em contextos de troca de saberes, como ocorre na preservação do Cerrado e na coleta de sementes na Chapada dos Veadeiros.

No caso da transfluência, temos a circulação de conhecimentos entre diferentes comunidades sem que esses saberes necessariamente se fundam por completo. Um exemplo claro disso é a interação entre a Associação Cerrado de Pé e as comunidades quilombolas, especialmente os Kalunga. Quando membros da Associação, como Claudomiro, compartilham suas técnicas de coleta de sementes com os Kalunga, e, em troca, aprendem sobre o vasto conhecimento que os Kalunga possuem sobre as plantas nativas do Cerrado, estamos observando a transfluência em ação. Os saberes fluem de um grupo para o outro, enriquecendo ambas as partes, mas cada comunidade mantém suas práticas e identidades culturais distintas.

Por outro lado, a confluência ocorre quando esses saberes e práticas distintas se encontram e se fundem, criando algo novo e sinérgico. No contexto da Chapada dos Veadeiros, isso se manifesta na fusão do conhecimento tradicional dos Kalunga sobre as melhores práticas de coleta e beneficiamento de sementes com as técnicas organizacionais e logísticas da Associação Cerrado de Pé. A excelência das sementes Kalunga, que já chegam beneficiadas, é complementada pela estrutura da Associação, que as distribui para projetos de restauração de áreas degradadas. Esse encontro de saberes resulta em novas formas de atuação, combinando a sabedoria ancestral com questões contemporâneas, criando práticas mais eficazes na preservação do Cerrado.

Enquanto a transfluência enfatiza o movimento e a troca de conhecimentos que circulam entre diferentes grupos, mantendo suas identidades originais, a confluência refere-se ao encontro desses saberes e à criação de algo novo e poderoso. No processo de preservação do Cerrado, a transfluência ocorre quando os Kalunga e a Associação Cerrado de Pé compartilham técnicas e saberes, mas continuam operando de maneiras que refletem suas próprias tradições. A confluência, por sua vez, é exemplificada pela criação de uma prática integrada de coleta e beneficiamento de sementes, que une a expertise tradicional dos Kalunga

com a capacidade logística da Associação, resultando em uma nova forma de atuação.

O Cerrado também abriga uma flora excepcionalmente diversificada (Munhoz, C. B. R. Proença, C. E. B, 1998) , incluindo bromélias (Bromeliaceae), a família das orquídeas (Orchidaceae) e a família das asteráceas (Asteraceae), entre outras. Este bioma é o lar de 11.627 plantas nativas catalogadas, sendo que aproximadamente 4.400 delas são endêmicas, ou seja, só podem ser encontradas no Cerrado. Dentre as inúmeras árvores que habitam o Cerrado, destacam-se algumas espécies notáveis, como o pequi (*Caryocar brasiliense*), buriti (*Mauritia flexuosa*), mangaba (*Hancornia speciosa*), cagaita (*Eugenia dysenterica*), cajuzinho-do-cerrado (*Anacardium humile*), araticum (*Annona crassifolia*), baru (*Dipteryx alata*), e graviola (*Annona crassiflora*). Todas essas árvores produzem frutos comestíveis, com alguns deles sendo símbolos distintivos do bioma, como o pequi. A flora do Cerrado também tem usos gastronômicos e medicinais como registramos anteriormente, quando Wilson e Dona Flor compartilharam nesta pesquisa seu saberes sobre as plantas medicinais do Cerrado. As comunidades da Chapada dos Veadeiros estão intimamente ligadas com a preservação desse bioma. Conforme uma funcionária do parque me disse “Uma comunidade com vocação para a conservação”.



Figura 14: Vale do Rio Preto, Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros



Fonte: Arthur Lacerda

O Cerrado possui 8 principais paisagens (Ratter, J. A., Ribeiro, J. F., & Bridgewater, S. 1997), que são chamados de Fitofisionomias, que são essas diferentes paisagens que compõem o bioma. Podemos classificar as fitofisionomias do Cerrado da seguinte forma: **Campo limpo**: Um tipo de Cerrado composto por gramíneas (capim) e vegetação arbustiva; **Campo Sujo**: predominam os estratos herbáceos e alguns arbustos; **Cerradão**: apresenta árvores de médio e alto porte, com muitas folhas e galhos tortuosos; **Cerrado Rupestre**: típico Cerrado que aparece nas áreas rochosas, como morros, chapadas e serras; **Cerrado stricto sensu**: é o mais comum entre as fitofisionomias do Cerrado. Apresenta árvores de

baixo e médio porte, com galhos tortuosos e raízes profundas, que podem chegar até 15 metros de profundidade; **Matas de galerias**: essas matas acompanham os cursos d'água presentes no Cerrado, com árvores que podem atingir 30 metros de altura.; **Mata seca**: essa fitofisionomia apresenta queda das folhas durante a seca e é encontrada em áreas mais áridas.; **Veredas**: considerada por muitos a vegetação mais exuberante do Cerrado, essa fitofisionomia pode ser encontrada em áreas de nascentes de rios. A árvore mais comum é o buriti com gramíneas e vegetação arbustiva.

Apesar de sua importância, de acordo com dados do MapBiomas<sup>4</sup>, o Cerrado perdeu em 2019 408,6 mil hectares. Em 2020, houve um aumento de 6% de área desmatada em relação ao ano anterior. E apesar de ser o segundo maior bioma do Brasil, já perdeu 50% do seu território original. Dessa forma podemos compreender a importância do ofício de coleta e restauração desempenhando pelas comunidades da Chapada dos Veadeiros e organizado pela Associação Cerrado de Pé.

O Cerrado desempenha um papel vital na formação da "Cultura Cerratense". Os conhecimentos dos Raizeiros, parteiras, benzedeadas e coletores de sementes são profundamente entrelaçados com o bioma, seu território e a proteção da biodiversidade. Sem o Cerrado, esses saberes estariam ameaçados de desaparecer. Da mesma forma, sem essas comunidades e indivíduos, o próprio Cerrado enfrenta ameaças. Isso representa uma forma de "biointeração", onde o resultado da energia orgânica dessas comunidades se manifesta na fauna e flora do Cerrado. É de extrema importância preservar para garantir a continuidade dos produtos que resultam dessa energia orgânica, incluindo a coleta de raízes, ervas, cascas e sementes. Preservar é essencial para manter o equilíbrio necessário à biodiversidade, reflorestar o Cerrado é manter os saberes populares e tradicionais vivos dentro das comunidades Cerratenses. Seja através da coleta de sementes, agricultura familiar e do uso medicinal de suas plantas no dia a dia.

---

<sup>4</sup> MapBiomas. (2020). "MapBiomas - Coleção 2020: Série Anual de Mapas de Cobertura e Uso do Solo do Brasil." Instituto Socioambiental (ISA), Observatório do Clima, e outras instituições parceiras. Disponível em: <https://mapbiomas.org>

Bispo (2015) conceitua a biointeração como a pescaria artesanal, a mandiocada ou a farinhada numa orquestra da qual participam as notas do trabalho, do amor, da sedução, do convívio, da partilha, do achar bom viver e fazer junto. Biointeração é saber a fase certa da lua para colher a palha do buriti, é "guardar o peixe nas águas, onde eles continuam crescendo e se reproduzindo", é a "muvuca"<sup>5</sup> de sementes nativa que vai germinar Cerrado, é viver, conviver e aprender com o Cerrado, com a terra, as águas, o vento, a lua, o sol, com as pessoas e os animais. É transformar o trabalho em vida. Ou seja, parteiras, benzedadeiras, raizeiras e coletoras de sementes precisam do Cerrado para viver, assim como o Cerrado depende dessas pessoas.

Não é porque assim é. Eu sou nascido e criado aqui, né? Eu veja se é que não te falei hoje no dia, no carro, eu busco na minha mãe, não na minha memória que teve quando era menino. Dez, 20 anos, 30 anos atrás. E o cerrado, como ele está hoje. E imagina ele daqui a dez, 20 anos pra frente? Do jeito que está? Eu tô falando que é da Chapada, que ainda está preservado se continuar nesse ritmo de incêndio, a monocultura, muita casa, loteamento. Olha, se a gente não começar a olhar para a conservação do cerrado, daqui a um tempo não vai ter água. (CORTES, 2023)

O Cerrado desempenha o papel do principal patrimônio cultural na região, operando em diversas dimensões. Por um lado, a pesquisa científica realizada pelas universidades contribui para entender as melhores técnicas de recuperação de áreas degradadas; a eficácia e a melhor dosagem de algum chá, planta, erva, casca, fruto ou raiz. Por outro lado, o conhecimento enraizado nas comunidades locais ao longo de séculos orienta a formulação de novas técnicas de coleta e restauração, assim como incentiva o aprimoramento de medicações a partir das plantas nativas. De acordo com Claudomiro, as parcerias com as universidades têm se mostrado extremamente frutíferas. O conhecimento científico complementa e enriquece as técnicas de coleta e plantio de sementes, resultando em um profundo entrelaçamento de saberes e conhecimentos. Isso representa a construção de um futuro compartilhado: a preservação e recuperação do Cerrado.

Aí em 2012 a gente fez a restauração de 3 hectares com capim, arbusto e árvore. Aí esse não ficou bom, porque a gente plantou muito... plantou capim, arbusto, mas plantou muita árvore. Aí nos primeiros 2 anos o capim e o arbusto vieram, ficou bonito. Aí como a gente plantou as árvores e o crescimento é mais lento aí as árvores cresceram, sombreou e matou o capim e os arbustos nativos. Mas foi bom que junto com o Alexandre

---

<sup>5</sup> Mistura de sementes nativas usadas para reflorestar o Cerrado



Sampaio e a esposa dele que é professora da UnB. Eles trouxeram alunos para fazer mestrado, doutorado, fazer pesquisa. E aí nas áreas que a gente plantou a gente pôs muito carvoeiro. Então se a gente plantou 10kg por hectare, nasceu tanto... pesquisa ali e tal... então tem que plantar menos, vamos plantar x. Hoje a gente tem a quantidade de espécie necessária pra restaurar qualquer fitofisionomia que a gente quer. Junto com a UnB a gente tem a parceria da Unicamp, Universidade Católica, todo mundo junto, pesquisando, buscando. A gente não tá fazendo no olho não, no começo foi um pouco no olho. Mas agora a gente trabalha em cima de pesquisa. (CORTES, 2023)

Figura 15 - Mutirão de restauração na nascente do Córrego dos Ingleses No Parque Nacional da chapada dos Veadeiros (PNCV)



Fonte: Arthur Lacerda

O ofício de coleta de sementes nativas do Cerrado tem sido um grande aliado das comunidades da Chapada dos Veadeiros na adequação ao modus operandi do

mercado. Por outro lado, os efeitos do capital financeiro dentro da cidade modificam cada vez mais sua arquitetura. Com a chegada de novos moradores vem novos modos de construir e ocupar o lugar. Na maioria das vezes o Cerrado perde espaço, para dar lugar a condomínios, monoculturas e tantos outros projetos que geram um impacto direto às comunidades e ao Cerrado. Aristéia Avelino, carinhosamente chamada de Tila, compartilha seu sentimento quanto as “invasões” que a Chapada vem sofrendo.

Isso é um pouco complicado, é um complicador, né? E Eu Acredito que se nós, enquanto comunidade. Não nos unir e nos fortalecer. Nós vamos ser engolidos. Entendeu? como o Alto Paraíso foi? Alto Paraíso é você, vai lá, você só vê gente de fora, pessoas de fora, com comércio e tal, e as pessoas que lá nasceram e viveram, venderam tudo e são empregados deles. Ou então moram em periferia. Isso que é o triste, isso que precisa é a gente ter muito cuidado e aqui em São Jorge. Nós estamos bambiando também, mas ainda nós temos o pé fincado no chão, na rocha de Cristal. O pé está firme no Cristal. O pé está firme na rocha, é porque senão vai ser difícil, entendeu? E nós somos uma família pioneira. Nós somos uma família que teve resistência. (Nascimento, 2023)

Durante a realização do inventário, ficou clara a necessidade de um aprofundamento da cultura e memória da Chapada dos Veadeiros. As constantes alterações na paisagem arquitetônica e cultural acabam desfigurando um quebra cabeça que já é de difícil montagem. Temos elementos suficientes para apontar que a constituição de um museu seria de extrema importância. Principalmente no que tange o fortalecimento das artes, ofícios e saberes dos povos cerratenses..

O inventário foi crucial para orientar a pesquisa metodologicamente. No entanto, os depoimentos desempenharam um papel central na obtenção das informações apresentadas. A pesquisa teve sucesso em transitar entre famílias e comunidades de memória. Como bem pontuou Edilberto Sebastião em seu depoimento, a memória é algo que circula da sala para a cozinha, é algo íntimo. Conseguimos adentrar casas, tomar cafés e ser sempre bem recebidos pela hospitalidade dos povos da Chapada dos Veadeiros. Realizamos diversas entrevistas, muitas das quais não puderam ser incluídas nesta pesquisa inicial, mas que serão fundamentais para a construção de novos panoramas sobre a memória, cultura e história de Alto Paraíso de Goiás e da Chapada dos Veadeiros.

### 3.4 Considerações finais da pesquisa total

Pensar na organização do último capítulo foi uma tarefa desafiadora. Não só pela trajetória extensa da pesquisa, mas pela necessidade de selecionar e recortar todo o material coletado em campo. A pouca informação sobre a Chapada dos Veadeiros me instigou a buscar outras fontes para compreender exatamente o que pesquisar. As leituras que serviram como referencial teórico foram fundamentais para demonstrar como a região sempre esteve presente na cartografia do estado de Goiás, mas, pouco explorada do ponto de vista historiográfico.

Os relatos históricos oficiais são esparsos e se concentram principalmente nas obras do historiador Paulo Bertran (1998, 2011), que nos ajudam a localizar a região historicamente, sobretudo do ponto de vista do colonizador e das missões dos bandeirantes. Por outro lado, recorreremos à tradição oral para tentar compreender o passado da região sob outras perspectivas, buscando traços da memória quilombola e indígena. Seguimos esse caminho principalmente pela necessidade de construir um campo epistêmico sobre os povos tradicionais da Chapada dos Veadeiros como um todo.

Ao conhecer essas comunidades e suas práticas, muitas vezes desterritorializadas, podemos traçar estratégias de sobrevivência frente aos avanços da soja, pecuária, mineração, turismo de massa, gentrificação e especulação imobiliária. Todos esses empreendimentos, movidos pela ganância, modificam as paisagens, desmatam o Cerrado e mudam drasticamente o estilo de vida em Alto Paraíso de Goiás.

Uma das perguntas que surgiu ao longo desta pesquisa foi: “A quem interessa a destruição dessa cultura?”. A resposta parece óbvia demais, então a questão se transformou em: “O que estamos fazendo para impedir que isso aconteça?”. Como pesquisadores, museólogos e trabalhadores do campo da memória, o que estamos fazendo para impedir o avanço cruel de uma máquina que dilui povos e culturas inteiras em uma massa homogênea? A desterritorialização dos povos, tirando-os do campo e da vida rural para jogá-los nas periferias, é um problema grave. A

apropriação do espaço para a construção de novos hotéis ou para a exploração de jazidas de "terras raras"<sup>6</sup> na Chapada dos Veadeiros é uma ameaça constante.

Por isso a escolha da aplicação do inventário participativo na cidade de Alto Paraíso de Goiás, pois, enquanto mais ao norte na cidade de Cavalcante, o povo Kalunga se organiza e faz resistência cultural buscando formas de manter suas raízes vivas, as comunidades mais ao sul da Chapada dos Veadeiros estão com seus territórios profundamente ameaçados.

A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas nesse mundo maluco que compartilhamos. (KRENAK, 2019 ,p.9)

O que quero dizer é que, apesar de o território Kalunga ser um direito constitucional, ele não é suficiente para proteger todas as comunidades da região. Da mesma forma, a Terra Indígena Avá Canoeiro está restrita a uma pequena porção no município de Minaçu e não abrange o antigo território desse povo, que pode incluir partes dos estados de Goiás e Tocantins.

Durante os primeiros 30 anos de Traíras e Niquelândia não encontro referência alguma a conflitos entre índios e colonizadores. Mas de 1760 até perto de 1940 não há melhor assunto para espantar o sono: os frequentes assaltos dos terríveis índios Canoeiros ou Avá-Canoeiros as fazendas e até mesmo povoados de toda área que vai de Niquelândia e Chapada dos Veadeiros até as lonjuras de Porto Nacional e Natividade, estendendo-se para o ocidente até o Araguaia. (BERTRAN, 1998)

Podemos afirmar que esses povos se encontram além dos territórios determinados pelo estado, pois inúmeros relatos históricos presentes neste trabalho indicam presenças e trânsitos indígenas por toda a Chapada dos Veadeiros. Do mesmo modo, existem comunidades que se identificam como Kalunga fora do território oficial. Esses povos encontraram formas próprias de desenvolver suas culturas e resistem, mesmo estando fora dos territórios reconhecidos por lei.

---

<sup>6</sup> Os minerais terras raras são considerados todos aqueles que possuem utilidade como matéria prima para a indústria produzir uma série de materiais distintos, sendo compostos por cerca de 17 diferentes elementos químicos que fazem parte da família dos lantanídeos, adicionando também o ítrio e o escândio.

Afirmo isso porque considero o ofício de ser raizeiro diretamente ligado ao conhecimento dos povos indígenas e do povo Kalunga. Ou seja, não podemos negar que existe uma conexão entre ser raizeiro e os saberes indígenas e quilombolas. Da mesma forma, não podemos negar que, apesar de estarem em Alto Paraíso de Goiás, muitas das famílias de raizeiros mantêm a memória dos povos indígenas e quilombolas em seu imaginário.

Portanto, acredito que devemos pensar novas formas de conceber o que seria um território e a cidade. Sendo que não existem pesquisas históricas que possam servir de base para a construção de meios de proteção do patrimônio cultural de Alto Paraíso de Goiás.

Dessa forma, ainda há muitos aspectos a serem investigados sobre a memória dos povos indígenas na Chapada dos Veadeiros, assim como sobre a memória e o patrimônio cultural do povo Kalunga e o legado afro-brasileiro. Embora possamos afirmar com certa convicção a relação direta entre as plantas medicinais e os saberes afro-brasileiros e indígenas, ainda há um vasto campo de pesquisa a ser explorado. É necessário aprofundar essas investigações para desenvolver estratégias eficazes de proteção do patrimônio cultural em todas as suas dimensões.

Dessa forma, compreendi inicialmente que o inventário participativo seria uma abordagem preliminar, visando uma metodologia de trabalho mais colaborativa e menos impositiva. Realizei pesquisas de campo, tirei fotos e entrevistei diversas pessoas. Como já mencionado, as conversas com os depoentes nos conduziram a novas dimensões. O inventário serviu para propor uma metodologia mais "participativa", quase como se a própria metodologia fosse secundária, permitindo que os interlocutores determinassem o rumo do trabalho.

Assim, nos aventuramos pelos descaminhos das conversas nos sertões goianos, afastando-nos dos padrões rígidos das fichas do inventário participativo e abraçando a flexibilidade da abordagem. Como Britto destacou, "me agradam mais aqueles que se atrevem do que aqueles que se atêm" (BRITTO, 2016, p. 201). Essa experiência nos ofereceu um vislumbre do que seria uma Museologia indisciplinada. A tentativa de mapear diversas tradições culturais com um inventário complexo

esbarrou na simplicidade da vida, que é orgânica e frágil, como a memória. A vida e a memória têm suas próprias dinâmicas e ditam o que deve ser feito.

Lembrar e esquecer é um ato político, como destaca Britto (2016). Optamos por valorizar a memória dos povos indígenas e quilombolas, entendendo que essa é uma ferramenta política crucial para enfrentar os avanços colonialistas e defender o Cerrado. Fortalecer a memória e o vínculo com o território é uma forma de resistência que pode nos tornar mais fortes frente aos desafios.

Podemos compreender que o inventário participativo do patrimônio cultural de Alto Paraíso não representou um ponto final, mas sim o começo de uma jornada. No total, foram entrevistadas 11 pessoas, com o intuito inicial de, através das conversas, resgatar informações sobre saberes, celebrações e festas, abordando de maneira geral o tema das fichas. No entanto, apesar de termos procurado indivíduos que estivessem de algum modo conectados com a cultura e memória local e que nos pudessem fornecer as informações desejadas, percebemos que as tradições estão profundamente interligadas. As garrafadas e os benzimentos se entrelaçam com a fé das pessoas, que por sua vez, dão continuidade às folias dos santos católicos. Esse ciclo dá vida às comunidades e funciona como um meio de fortalecimento da cultura popular.

As pessoas alcançadas pela pesquisa de campo foram: Edilberto Sebastião, Wilson, Tila Avelino, Nalu Mendes, Dona Izabel, Tião, Luiz Lima (Lula), Dorothy Marques, Claudomiro Cortes, André Ribeiro e Dona Flor. Cada uma delas teve uma importância única para o desenvolvimento deste trabalho. Alguns depoimentos não foram incluídos no levantamento inicial devido à necessidade de se estabelecer um recorte. Optamos por focar no conhecimento dos raizeiros, na coleta de sementes nativas do Cerrado e nas folias. Compreendemos que essas são expressões culturais da região que merecem uma atenção especial, sobretudo no que diz respeito às comunidades tradicionais do Cerrado e suas práticas.

Quanto às fichas, as utilizamos apenas como fonte de inspiração para formular as perguntas durante as entrevistas, sem nos prender a um roteiro rígido. Muitas vezes, tínhamos uma intenção, mas o interlocutor seguia outro caminho, e a conversa fluía conforme a perspectiva de quem era entrevistado. Isso acabou

abrindo o trabalho para uma nova convergência entre o conhecimento teórico e técnico da Museologia e os saberes tradicionais. Quanto mais eu me afastava das limitações técnicas do inventário participativo, mais me aprofundava nas vivências, contos, causos e lendas da região. Um café se transformava em almoço e, num piscar de olhos, em um convite para o jantar.

Acreditamos que a ressignificação da abordagem metodológica trouxe novas perspectivas para a pesquisa, assim como abriu caminhos para futuras investigações que queiram explorar as nuances do Cerrado. Temos plena convicção do potencial museológico e cultural de Alto Paraíso de Goiás. A criação de um museu na cidade, voltado para a cultura popular, seria um marco na valorização e preservação da memória dos povos originários da Chapada dos Veadeiros. Além disso, seria um espaço de resistência e mobilização popular em defesa do patrimônio. Este trabalho contribuiu para fortalecer a ideia desse museu, que, se vier a existir, deverá ser dedicado ao legado e à memória ancestral da região, buscando o fortalecimento dos povos, territórios e do Cerrado.

#### 4 Referências Bibliográficas

BERTAN, P. *História de Niquelândia*, 2a ed. Goiânia: Solos Editores 1998.

BERTRAN, Paulo. História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal - do indígena ao colonizador. Brasília: Editora UnB, 2011.

**BISPO**, Antônio. Colonização, Quilombos: modos e significados. Brasília/ DF: INCTI/UNB, 2015.

Bulhões, G. C. (2016, dezembro). As louças de vovó, o prato do garimpeiro, a altura dos olhos e nuvens; abelhas, formigas, seleção e seletividade; patrimônio, fratrímônio, a casa da princesa do Seu Tição e o Museu do Djhair; a cabeça da medusa, árvores, rizomas, afetos, afetividades e bem viver; coleções, acervos, musgo e outras performances museais. Revista Ventilando Acervos, Museu Victor Meirelles/IBRAM, v. 4.

BRITTO, C. C. (2019). 'Nossa maçã é que come Eva': a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de doutor, orientado por Mário Caneva de Magalhães Moutinho.

CAMARGO , M.T.L. 1988. Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros. São Paulo: ALMED. 97 p. In: GRUPIONI, Luís Donizete (Orgs) Índios no Brasil. Brasília: MEC, 1994

**Chagas**, Mário de Souza. "Por uma política de fratrímônios." In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza. (Orgs.). **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 103-122.

**Chagas**, M. (2009b). Memória e poder: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, n.º 19, 43-81



**Chagas, M.** (2017). Museus e patrimônios: por uma poética e uma política decolonial. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n.º 35, 121-138.

SANTOS, Florentina Pereira. O partejar e a farmacopeia de Dona Flor: histórias e ensinamentos de uma mestra quilombola. Organizadora Juliana Floriano Toledo Watson; coordenadora Natália Cristina Aniceto Ramos; ilustração Ani Ganzala; fotografia Melissa Maurer. Brasília, DF: Avá Editora, 2022. 272

**DE VARINE**, Hugues. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Trad. de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012. 256p.

IPHAN. *Educação Patrimonial: inventários participativos*. Brasília DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2016

**KRENAK, Ailton.** *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Luana Nunes Martins de. ***Lugar e memória: o patrimônio goiano entre o esquecimento e a resistência***. 2017. 394 f., il. Tese (Doutorado em Geografia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017

LIMA, Luiz. ***Entre cimos nublados uma solidão selvagem: uma corografia contemporânea da Chapada dos Veadeiros***. Brasília : Thesaurus, 2001. 98 p. ISBN 8570622708

RIBEIRO. Luanna de Souza. ***História do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros: da sua criação à sua [re]ampliação em 2017***. 2020. 167 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

**MapBiomias.** (2020). "**MapBiomias - Coleção 2020: Série Anual de Mapas de Cobertura e Uso do Solo do Brasil**." Instituto Socioambiental (ISA), Observatório do Clima, e outras instituições parceiras. Disponível em: <https://mapbiomas.org>

MUNHOZ, C. B. R.; PROENÇA, C. E. B. Composição florística do Município de Alto Paraíso de Goiás na Chapada dos Veadeiros. Boletim do Herbário Ezechias Paulo Heringer, Brasília, DF, v. 3, p. 102-150, 1998.

OXÓSSI, Diego de: A magia das Folhas:365 plantas e seus poderes. 2a ed. São Paulo: Arole Cultural: 2020.

PIRES, M.V. et al. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. R. bras. Bioci, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 3-8, jan./mar. 2009.

RATTER, J. A., Ribeiro, J. F., & Bridgewater, S. (1997). The Brazilian Cerrado Vegetation and Threats. *Biodiversity and Conservation*, 6(5), 519-534.

CHAGAS, M.de S. e NASCIMENTO JUNIOR, J. (orgs.) Subsídios para a criação de Museus Municipais Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Cultura/ Instituto Brasileiro de Museus e Centros Culturais/Departamento de Processos Museais, 2009. 40p.

VERGER , P.F. Ewé: o uso das plantas na sociedade Iorubá. São Paulo; Companhia das Letras: 1995

## 5. FONTES:

**CAMPOS, Edilberto Sebastião Dias.** Entrevista concedida a Arthur Lacerda. Alto Paraíso de Goiás, outubro de 2023.

**CORTES, Claudomiro Almeida.** Entrevista concedida a Arthur Lacerda. Alto Paraíso de Goiás, outubro de 2023.

**NASCIMENTO, Aristelina A. do.** Entrevista concedida a Arthur Lacerda. São Jorge, Alto Paraíso de Goiás, outubro de 2023.

**MORAIS, Joaquin Wilson Leite.** Entrevista concedida a Arthur Lacerda. Povoado do Moinho, Alto Paraíso de Goiás, outubro de 2023.

**RIBEIRO, André Afonso.** Entrevista concedida a Arthur Lacerda. Alto Paraíso de Goiás, outubro de 2023.

**SILVA, Sebastião Ferreira dos Santos.** Entrevista concedida a Arthur Lacerda. Alto Paraíso de Goiás, outubro de 2023.

**SANTOS, Izabel Ferreira dos.** Entrevista concedida a Arthur Lacerda. São Jorge-GO, outubro de 2023.

## ANEXOS

## Apêndice 1

## Ficha do projeto

<b>Título do projeto:</b>
<b>Nome da escola, Instituição ou grupo/bairro/Município/Estado:</b> Alto Paraíso de Goiás - GO
<b>Nome da orientadora do projeto :</b> Deborah Silva Santos
<b>Nome das pessoas visitadas :</b> Dona Izabel, Tila Avelino, Doroty Marques, Luiz Lima, Joaquim Wilson, Claudomiro Almeida Cortes, Edilberto Sebastião
<b>Instituições participantes :</b> Associação Cerrado de Pé, Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, Instituto Chico Mendes da Conservação da Biodiversidade.
<b>Período de realização:</b> Outubro de 2023
<b>Referências/manifestações culturais pesquisadas:</b> Raizadas e Garrafadas, Folia de São Sebastião, Folia de São Jorge e a Coleta de sementes nativas do Cerrado para restauração
<b>Observações:</b> O projeto foi executado por uma única pessoa, portanto possui suas limitações. Muitos lugares, pessoas e memórias foram não foram contempladas pelo trabalho. Isso não significa que não sejam importantes ou dignas de investigação. Visto que o tempo e os recursos para executar o inventário foram limitados.

## Apêndice 2

## Ficha de território

**Imagem do território:**

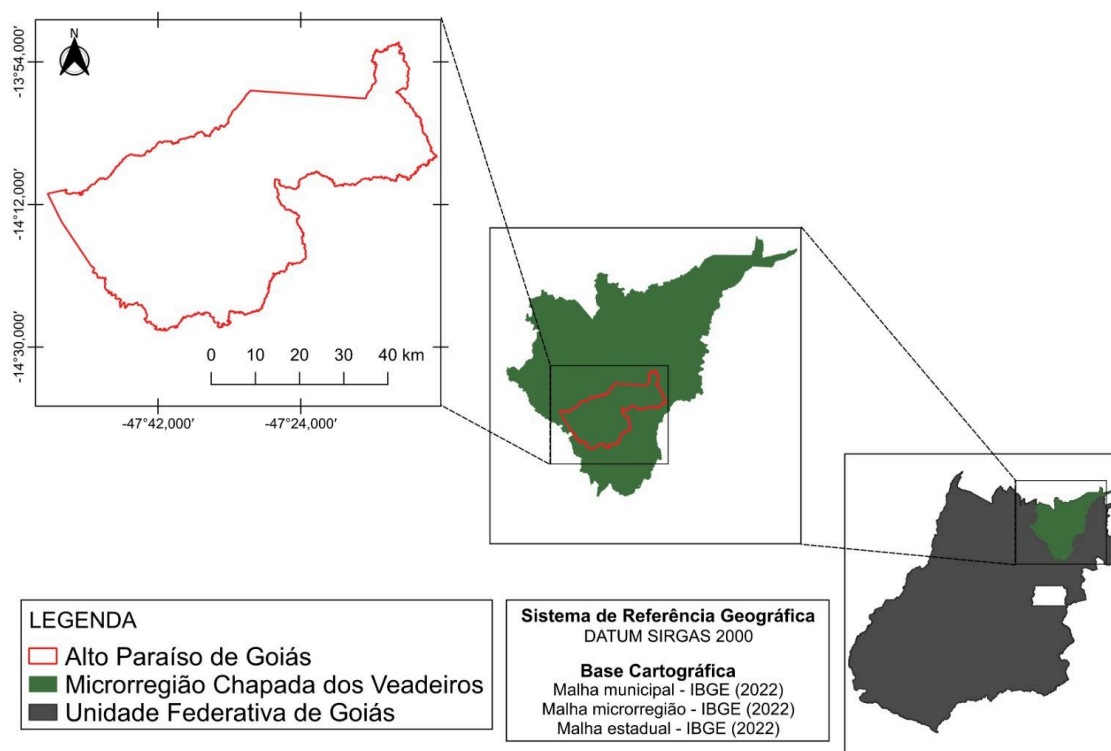
Figura 16 - Alto Paraíso vista do alto da serra



Fonte: Arthur Lacerda

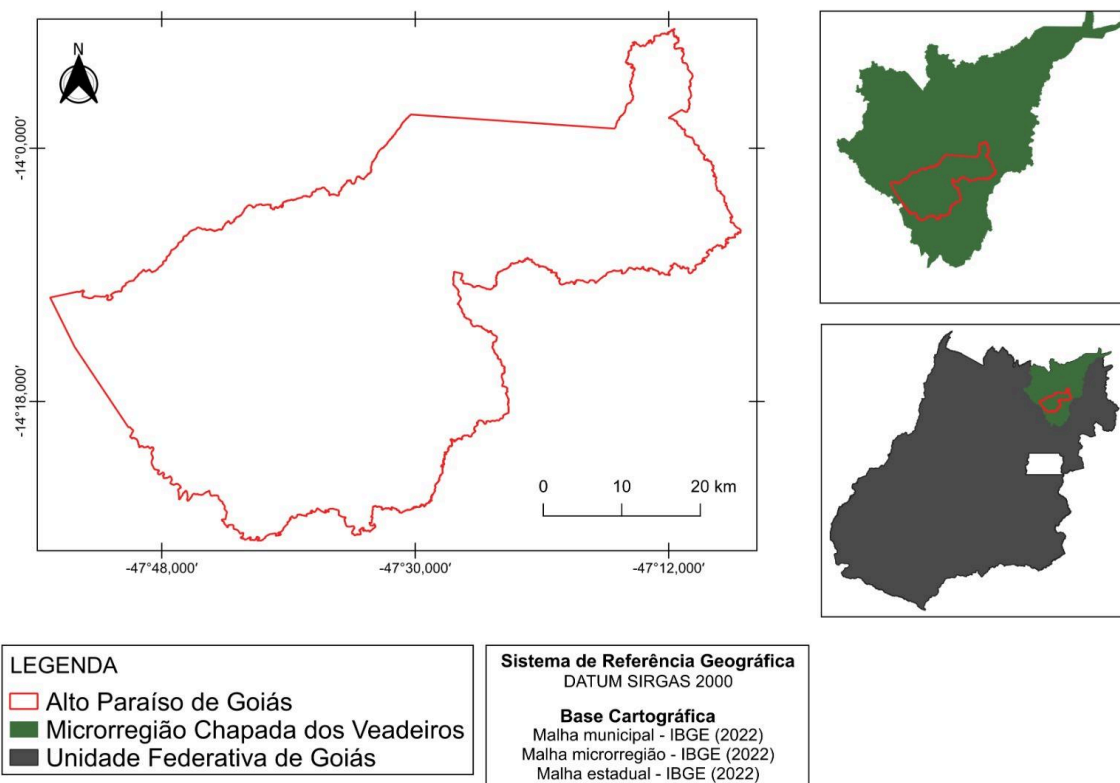
## Mapa do território:

Figura 17 - Mapa de Alto Paraíso de Goiás em relação a Chapada dos Veadeiros e ao estado de Goiás



Fonte: Arthur Lacerda

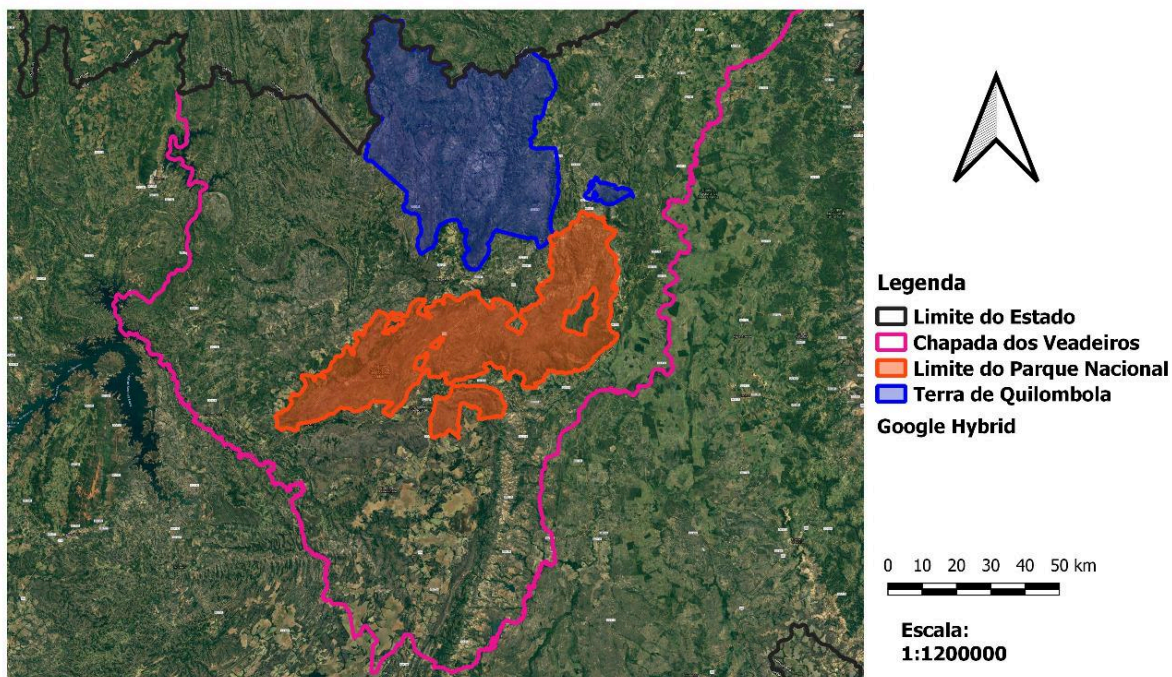
Figura 18 - Mapa de Alto Paraíso de Goiás com relação ao estado de Goiás



Fonte: Arthur Lacerda



Figura 19 - Mapa da Chapada dos Veadeiros, do Parque e da Terra Kalunga  
**Limites do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e da Terra Quilombola**



Mapa feito por: Heriton Barreto do Nascimento  
10/12/2020

Fonte: Heriton Barreto Nascimento

### **Denominação do território:**

Alto Paraíso de Goiás (que ainda não levava este nome e muito menos era um município) chamava-se Veadeiros e pertencia a Cavalcante. O local consistia em uma fazenda, fundada por Francisco de Almeida em um pequeno núcleo de colonização.

### **Outras referências de localização:**

Alto Paraíso de Goiás é um município brasileiro situado no nordeste do estado de Goiás, localizado na Chapada dos Veadeiros. Desde 2001, a cidade faz parte da Área de Proteção Ambiental (APA) de Pouso Alto. Está a 230 km de Brasília e a 412 km de Goiânia, inserida no Planalto Central do Brasil, em uma região caracterizada pelo bioma do Cerrado.

### **Descrição:**

Alto Paraíso de Goiás possui uma rica diversidade cultural que é profundamente enraizada nas tradições das comunidades tradicionais e raizeiras

da região. Situada na Chapada dos Veadeiros, a cidade é um ponto de encontro entre o passado e o presente, onde a cultura dos povos indígenas, quilombolas e raizeiros se entrelaça com a vida contemporânea.

As comunidades tradicionais, incluindo os quilombolas, mantêm vivas as práticas culturais e os saberes ancestrais transmitidos de geração em geração. Essas comunidades desempenham um papel crucial na preservação das tradições locais, como o cultivo de plantas medicinais, conhecidas como "garrafadas", e os rituais de benzimento, que refletem uma profunda conexão com a espiritualidade e a natureza. A sabedoria dos raizeiros, que conhecem o Cerrado como a palma de suas mãos, é essencial para o uso sustentável dos recursos naturais da região. Eles sabem identificar e utilizar as plantas nativas para fins medicinais e alimentares, mantendo vivas as práticas que são parte integrante da identidade cultural local.

As festas e celebrações religiosas também são marcantes na vida cultural de Alto Paraíso, com destaque para as Folias de São Sebastião e outras festas católicas, que são celebradas com fervor pelas comunidades. Essas festividades não apenas fortalecem os laços comunitários, mas também reafirmam a importância da fé e das tradições na vida cotidiana.

Além disso, a oralidade é um elemento central na cultura de Alto Paraíso, com contadores de histórias, lendas e "causos" que refletem a rica mitologia do Cerrado e as experiências de vida das comunidades locais. Esses relatos não são apenas entretenimento, mas também uma forma de preservar e transmitir conhecimentos sobre o ambiente e a história da região.

Em Alto Paraíso de Goiás, o patrimônio cultural é intrinsecamente ligado ao Cerrado e às práticas das comunidades tradicionais. O respeito pela terra e pelos saberes ancestrais não só fortalece a identidade cultural da região, mas também desempenha um papel fundamental na preservação do bioma, mostrando que cultura e natureza estão indissociavelmente conectadas.

**História:**

A história de Alto Paraíso de Goiás reflete a interação entre o homem e a natureza, além da resistência e preservação das tradições culturais em meio a grandes transformações.

**Origens e Formação:**

A região onde hoje se encontra Alto Paraíso de Goiás era habitada por povos indígenas muito antes da chegada dos colonizadores. Estes grupos, como os Avá-Canoeiros, possuíam um profundo conhecimento do Cerrado e uma relação simbiótica com o ambiente. No entanto, a história documentada de Alto Paraíso começa a ganhar forma no século XVIII, durante o ciclo do ouro, quando bandeirantes e exploradores passaram a adentrar o interior do Brasil em busca de riquezas minerais. O território de Goiás se tornou uma rota importante para essas expedições, mas a área onde hoje está Alto Paraíso permaneceu relativamente isolada devido à sua geografia acidentada e ao difícil acesso.

**Colonização e Quilombos:**

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a região do norte e nordeste de Goiás, incluindo a Chapada dos Veadeiros, tornou-se um refúgio para quilombolas — comunidades formadas por africanos escravizados que fugiam. Esses quilombos desenvolveram uma cultura rica e resiliente, baseada na agricultura de subsistência, no uso medicinal das plantas do Cerrado, e na manutenção de tradições culturais que misturavam elementos africanos e indígenas.

**Mudanças no Século XX:**

A cidade de Alto Paraíso de Goiás, propriamente dita, começou a se desenvolver no início do século XX, mas foi com a construção de Brasília nos anos 1960 que a região começou a receber mais atenção. A nova capital trouxe consigo um influxo de pessoas e recursos para o interior do país, e Alto Paraíso começou a ser povoada por migrantes atraídos pelo isolamento, pelo potencial agrícola e, mais tarde, pelo turismo.

### Década de 1980: A Chegada dos "Novos Colonos":

Nos anos 1980, Alto Paraíso experimentou outra onda migratória, desta vez de pessoas atraídas pela busca de uma vida alternativa e em harmonia com a natureza. Muitos desses novos moradores, influenciados pelo movimento "hippie", estabeleceram comunidades ecológicas e espirituais na região. Essa população trouxe novas dinâmicas culturais à cidade, transformando-a em um polo de terapias holísticas, espiritualidade e turismo ecológico.

### Turismo e Desafios Contemporâneos:

Com o início dos anos 2000, Alto Paraíso se consolidou como um destino turístico, especialmente devido à sua proximidade com o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, um dos maiores atrativos naturais do Brasil. No entanto, essa popularidade trouxe consigo desafios, como a especulação imobiliária, o impacto ambiental do turismo em massa e o avanço do agronegócio, que ameaçam tanto o Cerrado quanto as tradições culturais das comunidades locais.

### Preservação Cultural e Ambiental:

Hoje, a história de Alto Paraíso de Goiás é marcada pela luta para preservar tanto o bioma do Cerrado quanto o patrimônio cultural das comunidades tradicionais, incluindo quilombolas, indígenas e raizeiros. A cidade tornou-se um símbolo de resistência cultural, onde as práticas ancestrais são valorizadas como essenciais para a sobrevivência do Cerrado e para a manutenção de uma identidade que se recusa a ser diluída pelas pressões do progresso.

Alto Paraíso de Goiás, portanto, é uma cidade onde a história, a cultura e a natureza estão intimamente ligadas, e onde o passado continua a influenciar fortemente o presente e o futuro.

## Apêndice 3

## Ficha do lugar

**Nome do lugar:** Chapada dos Veadeiros

**O que é o lugar ?**

A Chapada dos Veadeiros é uma região de grande importância ecológica e geológica localizada no nordeste do estado de Goiás, Brasil. Trata-se de um extenso planalto com altitudes que variam entre 600 e 1.700 metros, caracterizado por suas paisagens impressionantes, que incluem serras, cânions, cachoeiras, rios de águas cristalinas, campos rupestres e uma rica biodiversidade típica do Cerrado, o segundo maior bioma do Brasil.

**Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros:** No coração da Chapada dos Veadeiros está o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, criado em 1961 para proteger a flora, a fauna e as belezas naturais da região. Com uma área de mais de 240.000 hectares, o parque é um dos mais importantes do Brasil, sendo reconhecido como Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO desde 2001. O parque abriga uma grande variedade de espécies de plantas e animais, muitas delas endêmicas e ameaçadas de extinção, como o lobo-guará, o tamanduá-bandeira e a onça-pintada.

**História e Cultura:** A região da Chapada dos Veadeiros tem uma longa história de ocupação humana, que remonta a milênios. Antes da chegada dos colonizadores, a área era habitada por diversos grupos indígenas, que possuíam um profundo conhecimento da terra e das plantas medicinais do Cerrado. Durante o período colonial, a região foi explorada pelos bandeirantes em busca de ouro e outras riquezas.

Ao longo dos séculos, a Chapada dos Veadeiros também se tornou um refúgio para quilombolas. Essas comunidades desenvolveram uma cultura rica, baseada na agricultura de subsistência, no uso medicinal das plantas, e em

tradições culturais que misturam influências africanas, indígenas e europeias.

**Turismo e Espiritualidade:** Nos últimos anos, a Chapada dos Veadeiros tem se tornado um destino popular para ecoturismo e turismo espiritual. Suas trilhas deslumbrantes, cachoeiras e formações rochosas atraem visitantes em busca de aventuras na natureza, enquanto sua atmosfera mística, alimentada por lendas locais e a presença de comunidades alternativas, atrai aqueles em busca de paz interior, meditação e práticas espirituais.

**Conservação e Desafios:** Apesar de sua beleza e importância ecológica, a Chapada dos Veadeiros enfrenta desafios significativos, como a pressão do agronegócio, a especulação imobiliária e a mineração. Essas atividades ameaçam o equilíbrio ambiental da região e a preservação do Cerrado. O esforço para proteger a Chapada envolve tanto a conservação de suas áreas naturais quanto a valorização e defesa das tradições culturais das comunidades locais, que desempenham um papel crucial na manutenção do bioma

**Descrever o lugar a partir de suas referências mais conhecidas:**

A Chapada dos Veadeiros é uma região rica em história, que remonta a tempos muito anteriores à colonização europeia e atravessa diversos períodos cruciais da formação do Brasil. Abaixo estão algumas das referências históricas mais conhecidas que ajudam a compor a história da Chapada dos Veadeiros:

Antes da chegada dos colonizadores, a região da Chapada dos Veadeiros era habitada por diversos povos indígenas, que conheciam profundamente o Cerrado e viviam em harmonia com a natureza. Esses povos utilizavam os recursos do bioma de maneira sustentável, praticando a caça, a pesca, a coleta de frutos e plantas medicinais, além de desenvolver uma rica cultura material e imaterial.

No século XVII, a Chapada dos Veadeiros começou a ser explorada pelos bandeirantes, que eram exploradores e caçadores de tesouros vindos de São Paulo. Eles adentraram o interior do Brasil em busca de ouro, pedras preciosas e

escravização de indígenas. A região se tornou um ponto de passagem importante para essas expedições, especialmente devido à sua localização estratégica e à presença de ouro. As expedições dos bandeirantes resultaram em violentos confrontos com os povos indígenas e quilombos locais.

Durante o século XVIII, a Chapada dos Veadeiros foi influenciada pelo ciclo do ouro que se espalhou por Goiás. A descoberta de ouro em diversas partes do estado levou a uma intensa exploração dos recursos naturais e à formação de pequenos povoados. Embora a extração de ouro não tenha sido tão intensa na Chapada dos Veadeiros quanto em outras partes de Goiás, a região foi impactada pelo fluxo de pessoas e mercadorias.

A Chapada dos Veadeiros também é marcada pela presença de quilombos, comunidades formadas por africanos. Esses quilombos foram estabelecidos em áreas remotas e de difícil acesso, onde os quilombolas puderam viver em relativa autonomia, cultivando alimentos, criando gado e preservando tradições culturais africanas. Até hoje, essas comunidades sobrevivem e são reconhecidas pela importância de sua cultura e resistência.

No século XX, com a construção de Brasília na década de 1960, a Chapada dos Veadeiros começou a atrair novos tipos de habitantes e visitantes. A partir dos anos 1980, Alto Paraíso de Goiás, o principal município da região, começou a ser ocupado por pessoas em busca de um estilo de vida alternativo, incluindo comunidades hippies, ecológicas e espirituais. Este movimento contribuiu para o desenvolvimento do turismo na Chapada e para a crescente preocupação com a preservação ambiental.

Em 1961, foi criado o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, como parte dos esforços para proteger as riquezas naturais da região. A criação do parque foi um marco na história da conservação ambiental no Brasil, e ao longo dos anos, ele se tornou um símbolo da luta pela preservação do Cerrado, além de um importante destino turístico..

## **História do lugar:**

### Aspectos Geológicos e Naturais

A Chapada dos Veadeiros é uma das regiões mais antigas do mundo, com formações rochosas que datam de cerca de 1,8 bilhão de anos. Essa região faz parte do Cerrado, o segundo maior bioma do Brasil, conhecido como a "caixa d'água do Brasil" devido à quantidade de rios e nascentes que ali se originam. O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, criado em 1961, é um dos principais marcos dessa região, preservando uma vasta diversidade de fauna e flora, além de importantes recursos hídricos.

### Primeiros Habitantes

Antes da chegada dos colonizadores, a região da Chapada dos Veadeiros era habitada por povos indígenas, incluindo os Avá-Canoeiros e os Kalungas. Esses grupos viviam em harmonia com o meio ambiente, utilizando os recursos naturais de maneira sustentável.

### Colonização e Garimpo

A colonização europeia trouxe mudanças significativas para a Chapada dos Veadeiros. No século XVIII, a região foi explorada pelos bandeirantes em busca de ouro e pedras preciosas. O garimpo, especialmente de cristais de quartzo, se tornou uma atividade econômica importante durante o século XIX e início do século XX. Esse período deixou marcas profundas na cultura local, como a criação de vilarejos e a introdução de tradições culturais que persistem até hoje.

### Criação do Parque Nacional

Em 1961, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros foi criado para proteger as belezas naturais da região. Inicialmente, o parque abrangia uma área menor, mas ao longo dos anos foi expandido para incluir mais territórios importantes para a preservação do Cerrado. A criação do parque foi um passo crucial na conservação da biodiversidade e dos recursos hídricos da região, que enfrentava ameaças devido ao avanço do garimpo e da agricultura.



### Ecoturismo e Espiritualidade

Nas últimas décadas, a Chapada dos Veadeiros se tornou um importante destino de ecoturismo, atraindo visitantes de todo o mundo interessados em suas paisagens deslumbrantes, trilhas, cachoeiras e na riqueza da flora e fauna. Além do turismo ecológico, a Chapada ganhou fama como um centro de espiritualidade e misticismo. A região é considerada por muitos como um lugar de forte energia espiritual, o que atraiu diversas comunidades alternativas, grupos esotéricos e pessoas em busca de autoconhecimento.

### Comunidades Locais e Tradições

As comunidades que vivem na Chapada dos Veadeiros, como a Vila de São Jorge e a Comunidade Quilombola do Moinho, preservam ricas tradições culturais e saberes ancestrais. As festas religiosas, como a Folia de São Sebastião, e o conhecimento sobre plantas medicinais do Cerrado são aspectos importantes da identidade cultural local.

### Desafios e Conservação

Apesar dos esforços de conservação, a Chapada dos Veadeiros enfrenta desafios significativos, como a pressão da agricultura, o avanço da fronteira agropecuária, os incêndios florestais e o impacto do turismo descontrolado. A luta pela preservação da Chapada é contínua, com iniciativas que buscam equilibrar o desenvolvimento sustentável com a conservação ambiental.

## **Significado e funções que o lugar tem para a comunidade ?**

### Identidade Cultural

A Chapada dos Veadeiros é um elemento central na formação da identidade cultural das comunidades locais. Festas religiosas, como a Folia de São Sebastião, e tradições como o uso de plantas medicinais, são expressões culturais que se enraízam profundamente na história da Chapada. Essas práticas conectam as pessoas à sua ancestralidade e à história do lugar, mantendo vivas as tradições

e os costumes que definem quem eles são.

#### Espiritualidade e Misticismo

Para muitos, a Chapada dos Veadeiros é um lugar de forte energia espiritual. O local é visto como um espaço sagrado, onde a natureza e o espiritual se encontram. Este ambiente místico atrai não apenas os residentes locais, mas também visitantes que buscam uma conexão espiritual mais profunda. Para as comunidades locais, a Chapada é um lugar onde as práticas espirituais e religiosas são realizadas, onde se sentem protegidos e guiados pelas energias do lugar.

#### Sustento e Subsistência

A Chapada dos Veadeiros é também uma fonte vital de sustento para as comunidades. A agricultura familiar, a colheita de frutos do Cerrado, o uso de plantas medicinais e, historicamente, o garimpo de cristais, são formas através das quais as pessoas obtêm seu sustento. A terra é valorizada não apenas por sua beleza, mas por seu papel fundamental na sobrevivência e bem-estar das famílias que ali vivem.

#### Conservação e Sustentabilidade

A relação das comunidades com a Chapada é marcada por um profundo respeito pela natureza. A consciência da importância de preservar o Cerrado e seus recursos naturais é forte entre os moradores, que veem a conservação ambiental como essencial para a continuidade de suas vidas e tradições. Essa função de preservação também se reflete na luta contra as ameaças ambientais, como o desmatamento e os incêndios, que podem comprometer o equilíbrio ecológico da região.

#### Coesão Social

A Chapada dos Veadeiros funciona como um elo que une as pessoas, fortalecendo os laços comunitários. As celebrações, festas, e o trabalho coletivo, como nas "farinhadas" e nas folias, são momentos de encontro e de reforço da coesão social. Esses eventos promovem a solidariedade e a partilha, onde o

alimento, a música e as histórias são compartilhados, criando um forte senso de pertencimento e comunidade.

#### Patrimônio Natural e Cultural

Para as comunidades locais, a Chapada é vista como um patrimônio que deve ser protegido e transmitido às futuras gerações. Esse patrimônio é tanto natural, com sua rica biodiversidade e paisagens únicas, quanto cultural, com suas histórias, mitos e saberes tradicionais. A preservação desse patrimônio é vista como uma responsabilidade coletiva, necessária para garantir a continuidade das tradições e da vida na Chapada.

Em resumo, a Chapada dos Veadeiros é muito mais do que um local físico para as comunidades locais; ela é um espaço sagrado, culturalmente rico, e vital para a sobrevivência e a coesão social. Suas funções e significados transcendem o material, tocando profundamente na espiritualidade, na identidade e na sustentabilidade.

## Apêndice 4

## Ficha de Celebração

**Nome mais comum da celebração:** Folia de São Sebastião

**Imagem:**

Figura 20 - Bandeira de São Jorge



Fonte: Arthur Lacerda

**O que é a celebração:**

A Folia de São Sebastião é uma tradicional celebração religiosa e cultural realizada anualmente. A festa acontece no dia 20 de janeiro, data em que se comemora o dia de São Sebastião, um dos santos mais venerados no catolicismo, conhecido como protetor contra a fome, a peste e a guerra.

Durante a Folia de São Sebastião, um grupo de foliões, liderado por um alferes que carrega a bandeira do santo, percorre as ruas e os lares da comunidade, cantando e tocando instrumentos tradicionais como a viola, o pandeiro e a caixa. O cortejo é acolhido nas casas, onde os devotos oferecem comida e bebida, em um gesto de generosidade e partilha que é característico da festa.

A bandeira de São Sebastião desempenha um papel central no ritual, sendo considerada um símbolo de proteção e bênção. Ela é balançada pelo alferes ao chegar às casas, abençoando os moradores e o local, além de ter o poder simbólico de atrair chuva e afastar adversidades.

A Folia de São Sebastião é uma manifestação de fé e de identidade cultural que fortalece os laços comunitários. Além de ser uma celebração religiosa, a folia é também um momento de reafirmação das tradições e dos saberes populares, como o uso de plantas medicinais e a celebração da fartura das colheitas. A festa é um exemplo de como as práticas culturais e espirituais se entrelaçam na vida cotidiana, mantendo viva a herança cultural e espiritual, mesmo diante das mudanças sociais e econômicas.

**Onde está ? Vila de São Jorge**

### **Períodos importantes da celebração ?**

A Folia de São Sebastião é marcada por várias fases importantes, que seguem uma sequência tradicional ao longo de alguns dias:

**Alvorada (17 de Janeiro):** A festa começa com a Alvorada, que marca o início da celebração. Neste dia, os foliões acordam cedo para dar início aos cânticos e às orações, anunciando a chegada da festa e pedindo proteção e bênçãos para todos os participantes.

**Procissão e Visitas às Casas (18 a 19 de Janeiro):** Nos dias seguintes, os foliões percorrem a comunidade, visitando as casas e levando a bandeira de São Sebastião. Durante essas visitas, os moradores oferecem comida e bebida, e os foliões retribuem com orações e cânticos de agradecimento. Este é um momento de grande interação social, onde a partilha e a solidariedade são enfatizadas.

**Dia de São Sebastião (20 de Janeiro):** Este é o dia principal da celebração. A procissão percorre as ruas da comunidade, com o alferes carregando a bandeira à frente, seguido pelos foliões que entoam cânticos e tocam instrumentos. Ao final do dia, acontece o "remate" da folia, que inclui um grande banquete, a distribuição de alimentos entre os participantes, e orações finais de agradecimento.

**Pouso e Oração Final:** Em cada pouso, local onde os foliões descansam e são alimentados, é realizada uma oração conhecida como "bendito de mesa", onde os foliões agradecem pelo alimento recebido e pedem bênçãos para os anfitriões.

### **História da celebração:**

A Folia de São Sebastião é uma celebração religiosa tradicional brasileira que possui raízes profundas na cultura popular, especialmente nas regiões rurais e em comunidades do interior. Sua história remonta à devoção a São Sebastião, um

santo católico que é venerado como protetor contra pestes, guerras e fome.

#### Origens e Significado:

A devoção a São Sebastião chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses e se espalhou pelas comunidades, especialmente em áreas rurais. São Sebastião, um mártir cristão que foi morto durante a perseguição aos cristãos no Império Romano, é frequentemente invocado como protetor contra epidemias e calamidades. No Brasil, essa devoção se fundiu com elementos das culturas indígenas e africanas, resultando em uma celebração que mistura aspectos religiosos, culturais e sociais.

A Folia de São Sebastião se desenvolveu como uma forma de expressão da fé e da cultura popular. Tradicionalmente, a folia é uma peregrinação festiva em que um grupo de foliões, acompanhados por músicos e cantadores, carrega a bandeira de São Sebastião pelas casas da comunidade. Durante a visita, os foliões cantam, rezam e pedem bênçãos para as famílias visitadas, que em troca oferecem comida e bebida. Essa prática reflete um profundo sentido de comunidade e solidariedade, onde a partilha dos bens e a hospitalidade são centrais.

Além de ser uma expressão de devoção religiosa, a Folia de São Sebastião tem grande importância cultural. Ela preserva tradições musicais, culinárias e sociais que são passadas de geração em geração. A celebração é também um momento de união comunitária, onde laços sociais são reforçados e a cultura local é vivida e revigorada.

Na comunidade de São Jorge, em Alto Paraíso de Goiás, a Folia de São Sebastião é uma celebração anual de grande importância. Liderada por figuras como Dona Izabel e seu filho Tião, a folia mantém vivas as tradições locais em meio às mudanças sociais e econômicas, como a gentrificação. A celebração envolve procissões, cantorias, partilha de alimentos e orações, refletindo a profunda conexão entre a fé, a cultura e o meio ambiente local.

Significados da celebração para a comunidade:

### Preservação Cultural e Identidade

A Folia de São Sebastião é um elo vital com as tradições antigas, mantendo vivas as práticas culturais que foram transmitidas de geração em geração. Para a comunidade, essa celebração é uma forma de reafirmar sua identidade cultural, conectando o presente com o passado e garantindo que as tradições não se percam com o tempo.

A celebração tem um forte componente espiritual, sendo um ato de devoção a São Sebastião, um santo venerado por sua capacidade de proteger contra as adversidades. A fé compartilhada durante a folia reflete a crença na intercessão divina e na proteção que São Sebastião oferece à comunidade. A bandeira do santo, por exemplo, é vista como um símbolo poderoso de bênção e proteção, capaz de abrir caminhos e afastar males.

A Folia de São Sebastião é um momento de união e solidariedade na comunidade. Durante a celebração, as famílias abrem suas portas para receber os foliões, compartilhando alimentos e histórias, o que reforça os laços entre os membros da comunidade. O conceito de "pouso" – onde os foliões descansam e se alimentam – simboliza a hospitalidade e a generosidade que são centrais para a vida comunitária.

A celebração também é vista como um ritual de fartura, onde a abundância de alimentos é interpretada como uma bênção divina. A multiplicação dos alimentos durante a folia, como mencionado nos relatos da comunidade, é percebida como um milagre e um sinal de que a fé e a devoção são recompensadas com prosperidade e segurança.

A Folia de São Sebastião reforça a relação íntima entre a comunidade e o meio ambiente. As práticas agrícolas e o uso de plantas medicinais do Cerrado, que são integradas à celebração, refletem um profundo respeito pela natureza e pela sabedoria ancestral em relação ao manejo sustentável dos recursos naturais. A festa é, portanto, também uma celebração da vida no Cerrado, valorizando a biodiversidade e a sustentabilidade.



### Educação e Transmissão de Conhecimento

Por meio da folia, os mais jovens são introduzidos às tradições e aos saberes dos mais velhos. Essa transmissão de conhecimento é fundamental para a continuidade das práticas culturais, garantindo que as futuras gerações compreendam e valorizem a importância da celebração. Além disso, a folia serve como um espaço de aprendizado prático sobre os valores comunitários, espirituais e ecológicos que sustentam a vida em São Jorge.

## Apêndice 5

## Ficha de saberes

<b>O nome mais comum do saber:</b> Raizeiro
<b>Características do saber e de que forma ele pode ser transmitido:</b> Transmitido de forma oral, entre pessoas da mesma família ou da mesma comunidade.
<b>Onde está:</b> Povoado Quiombola do Moinho, Alto Paraíso de Goiás
<b>Períodos mais importantes associados ao saber:</b> As fases da lua e as estações do Cerrado, todas elas.
<p><b>História do saber:</b></p> <p>O saber ser raizeiro está profundamente enraizado nas tradições culturais de várias comunidades indígenas, quilombolas e rurais no Brasil. Esse conhecimento é uma prática ancestral que envolve a identificação, cultivo, colheita e uso de plantas medicinais para tratar uma variedade de enfermidades e promover a saúde e o bem-estar. Sua origem remonta às práticas dos povos indígenas, que, ao longo de milênios, desenvolveram uma vasta compreensão das propriedades curativas das plantas nativas da flora brasileira. Com a chegada dos africanos escravizados ao Brasil, esse conhecimento foi enriquecido com saberes trazidos do continente africano, resultando em uma fusão cultural que caracteriza o saber raizeiro até hoje.</p> <p>Os africanos trouxeram consigo não apenas a memória de suas plantas medicinais, mas também práticas de uso e rituais associados. A mistura dessas tradições com o conhecimento indígena local deu origem a uma prática de cura, onde a espiritualidade, a natureza e o conhecimento científico tradicional se entrelaçam.</p> <p>Os raizeiros são os guardiões desse conhecimento, possuindo uma relação íntima com a natureza e um entendimento profundo das plantas, incluindo suas propriedades curativas, métodos de preparação e dosagens apropriadas. Esse saber é frequentemente transmitido oralmente, de geração em geração, dentro</p>

das comunidades, baseado em longa observação e experimentação. O saber ser raizeiro também está relacionado a uma visão holística da saúde, onde o corpo, a mente e o espírito são vistos como partes interconectadas do ser humano, o que explica porque as práticas de cura dos raizeiros muitas vezes incluem rezas, cantos e rituais, além do uso de ervas e plantas medicinais.

Esse conhecimento desempenha um papel crucial na manutenção da saúde em comunidades onde o acesso à medicina convencional pode ser limitado, além de preservar tradições culturais e fortalecer a identidade comunitária. Com o avanço da ciência, o saber raizeiro tem ganhado reconhecimento, inclusive por parte da medicina oficial, que tem estudado e incorporado alguns desses conhecimentos em práticas farmacêuticas. No entanto, os raizeiros ainda enfrentam desafios, como a degradação ambiental, que ameaça a biodiversidade de onde extraem suas plantas medicinais, e a desvalorização de seu conhecimento diante do crescimento das cidades e da modernização das sociedades rurais.

O saber ser raizeiro representa não apenas um conhecimento profundo da natureza, mas também uma visão de mundo que valoriza a conexão entre o ser humano e o meio ambiente. A preservação desse saber é essencial para a manutenção da biodiversidade, da saúde comunitária e da cultura tradicional brasileira

#### **Significados e funções do saber:**

O saber ser raizeiro é carregado de significados profundos e desempenha diversas funções essenciais tanto no contexto cultural quanto no âmbito da saúde comunitária. Este conhecimento representa uma conexão íntima com a natureza, refletindo o respeito e a compreensão que as comunidades tradicionais têm pela biodiversidade e pelo ecossistema ao seu redor. Além disso, o saber ser raizeiro é uma herança cultural transmitida de geração em geração, simbolizando a sabedoria acumulada ao longo dos séculos por povos indígenas, africanos e comunidades rurais. Ele é uma parte vital da identidade e da memória cultural

dessas comunidades.

O uso das plantas medicinais, que constitui a base desse saber, não se limita à saúde física, mas também está imbuído de espiritualidade e tradição. Muitas vezes, as plantas são associadas a rituais, rezas e crenças que refletem a cosmovisão das comunidades. Nesse sentido, o saber ser raizeiro também se revela como uma forma de resistência cultural e autossuficiência, especialmente em contextos onde o acesso à medicina convencional é limitado ou inexistente.

A função principal desse saber é o cuidado com a saúde e vida espiritual das pessoas. Os raizeiros utilizam suas plantas para tratar uma variedade de enfermidades, desde problemas digestivos e respiratórios até dores musculares e questões dermatológicas. Além disso, eles atuam na prevenção de doenças e no fortalecimento do sistema imunológico das pessoas em suas comunidades. Outra função crucial do saber ser raizeiro é a preservação da biodiversidade, pois os raizeiros dependem do acesso a uma grande variedade de espécies vegetais para o exercício de seu conhecimento. Eles desempenham um papel importante na manutenção de práticas de cultivo e coleta sustentável, essenciais para a saúde do ecossistema.

Os raizeiros também são educadores e transmissores de conhecimento, garantindo que esse saber não se perca. Eles ensinam as gerações mais jovens a identificar, colher, preparar e usar as plantas medicinais, preservando tradições e perpetuando o conhecimento ancestral. Além disso, o saber ser raizeiro tem uma função social significativa. A prática de curar com plantas ocorre muitas vezes em um contexto comunitário, fortalecendo os laços sociais e promovendo a solidariedade entre os membros da comunidade.

Em alguns casos, o saber ser raizeiro é integrado à medicina convencional, funcionando de forma complementar. Muitos profissionais de saúde reconhecem o valor das plantas medicinais e colaboram com raizeiros para oferecer um cuidado mais holístico aos pacientes. Assim, o saber ser raizeiro vai além de uma simples prática de cura, sendo um elemento central na preservação da cultura, da identidade e da saúde das comunidades tradicionais.

**Modos de fazer ou técnicas:**

Os modos de fazer ou técnicas dos raizeiros envolvem um conjunto de práticas detalhadas e cuidadosas que refletem o profundo conhecimento sobre as plantas medicinais e suas propriedades. Essas técnicas incluem a identificação das plantas, a coleta, o preparo e o armazenamento, cada uma delas realizada com precisão para garantir a eficácia dos remédios naturais.

**Identificação das Plantas:** A primeira etapa é o reconhecimento das plantas medicinais. Os raizeiros possuem um vasto conhecimento sobre as diferentes espécies vegetais, aprendendo a distinguir entre plantas semelhantes e a identificar aquelas que possuem propriedades curativas específicas. Esse conhecimento é muitas vezes transmitido oralmente e através da experiência prática, passando de geração em geração.

**Coleta:** A coleta das plantas é feita com cuidado, respeitando os ciclos naturais de crescimento e reprodução para garantir a sustentabilidade das espécies. Os raizeiros sabem exatamente em que época do ano ou fase da lua é melhor colher cada planta para obter suas propriedades medicinais mais potentes. Além disso, a coleta é feita de maneira seletiva, retirando apenas o necessário e preservando o restante para futuras colheitas.

**Preparo:** Após a coleta, as plantas são preparadas de diversas maneiras, dependendo do tipo de tratamento necessário. Elas podem ser secas ao sol ou à sombra, trituradas, maceradas, fervidas, ou transformadas em chás, infusões, xaropes, unguentos ou pós. Cada técnica de preparo é escolhida com base nas propriedades da planta e na doença a ser tratada.

**Armazenamento:** O armazenamento das plantas medicinais e dos preparados também é uma etapa crucial. As plantas secas são guardadas em locais frescos e secos, protegidas da luz e da umidade para preservar suas propriedades. Os preparados, como xaropes e unguentos, são mantidos em recipientes limpos e vedados para evitar a contaminação e

garantir sua durabilidade.

Aplicação e Dosagem: Finalmente, a aplicação e a dosagem dos remédios são realizadas com precisão. Os raizeiros conhecem as doses adequadas para diferentes idades e condições de saúde, ajustando a quantidade de acordo com as necessidades individuais de cada pessoa. A administração dos remédios pode ser feita por via oral, tópica, inalatória, ou até mesmo através de banhos medicinais.

### **Produtos e suas principais características:**

#### Chás e Infusões

Características: São preparados a partir da infusão de folhas, flores, cascas ou raízes em água quente. A principal característica dos chás e infusões é a sua leveza e absorção rápida pelo organismo, sendo usados para tratar desde problemas digestivos até distúrbios do sono.

Uso: Comuns em tratamentos para resfriados, insônia, problemas digestivos e para fortalecer o sistema imunológico.

#### Xaropes

Características: Xaropes são preparados a partir da mistura de extratos vegetais com mel ou açúcar, resultando em um produto espesso e doce. Eles são conhecidos por sua eficácia em tratar problemas respiratórios, como tosse e bronquite.

Uso: Geralmente utilizados para aliviar tosse, bronquite, asma, e outras condições respiratórias.

#### Unguentos , Pomadas e extratos

Características: Esses produtos são feitos a partir de extratos de plantas misturados com gorduras, como óleo de coco ou banha, resultando em uma substância espessa e de fácil aplicação tópica. São conhecidos por suas

propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes.

Uso: Aplicados diretamente na pele para tratar feridas, queimaduras, dores musculares e articulares.

#### Garrafadas

Características: As garrafadas são preparadas a partir da maceração de plantas medicinais em bebidas alcoólicas ou vinagre, criando um extrato concentrado. Esse produto é caracterizado por sua potência e longo prazo de conservação.

Uso: Utilizadas para tratar uma ampla gama de condições, desde problemas digestivos até disfunções sexuais e reumatismo.

#### Pós

Características: Obtidos através da secagem e trituração de plantas medicinais, os pós são conhecidos por sua versatilidade. Eles podem ser ingeridos diretamente, misturados em alimentos, ou usados em compressas.

Uso: Comuns em tratamentos para condições crônicas, como artrite, problemas digestivos, e para fortalecer o sistema imunológico.

#### Banhos Medicinais

Características: Preparados com a infusão de plantas em água, os banhos medicinais têm propriedades relaxantes e purificadoras. A característica principal desses banhos é o alívio físico e espiritual que proporcionam.

Uso: Utilizados para aliviar tensões, tratar problemas de pele, e em rituais de purificação espiritual.





## Apêndice 6

## Ficha de fontes

<b>Fonte:</b>	<b>Onde está (A biblioteca, a casa da pessoa, sites, museu, a escola, a prefeitura, o arquivo público etc):</b>
Edilberto Sebastião	Alto Paraíso de Goiás. Setor Novo Horizonte. Rua 28 Quadra 54-A, Lote 14-A
Tila Avelino	Rua Pequi Qd 03 Lote 02 - São Jorge
Claudomiro Almeida Cortes	R. Abílio Domingues - Alto Paraíso de Goiás, GO Lote 40.
Izabel e Tião	Rua 1. QD 01, Lote 11 - São Jorge
Luiz Lima (Lula)	Av Esperanto. Lote 31, Novo Horizonte
Joaquim Wilson	Chácara Lírio dos Vales - Povoado do Moinho

## Apêndice 7

### Depoimento Joaquim Wilson Leite Moraes

concedido a Arthur Lacerda no Povoado do Moinho, Alto Paraíso de Goiás em 31/10/2023.

Me chamo Joaquim Wilson, mais conhecido como Wilson. Me encontro hoje aqui com 58 anos. Nasci aqui com mais de 12 irmãos, no final somos 13 irmãos. Uma vida bem pacata, vivendo bem na agricultura familiar. E... Junto a meus pais, até quando eles existiam aqui, que é o Senhor Donato e Dona Flor, sempre lidando com o dia a dia, com meios de sobrevivência, de sobrevivência, de subsistência, que é viver na chácara, viver numa comunidade quilombola reconhecida, e veio aí de uma longa data. lidando com muitas coisas, fiquei fora um tempo daqui do Moinho, me ausentei para cuidar de outras atividades. Em 2010, retornei ao povoado Moinho novamente, vivi com meus pais, com meus irmãos, vivi a cultura antiga, as origens antigas, e cuidar também daquilo que aprendi quando ainda era criança, quando tinha oito anos de idade. Aí, comecei as atividades novamente, comecei as atividades com a minha mãe. Minha mãe já bem na idade, meu pai já bem na idade. Quando eu era bem mais jovem, quando tinha gente aqui como criança, na época que eu estava quase adolescente, já nos ensinavam a noção da vida, nos ensinavam as culturas de fazer as coisas de casa, de cuidar das lavouras . cuidar dos meninos menores, dos irmãos menores. E no dia a dia, para a roça, a escola, que no qual nós não nos preparamos, não temos grau de instrução, de preparação e formação, mas vivemos aqui, aprendendo no dia a dia, que a vida nos ensina muito. E viemos também buscar o conhecimento a respeito das plantas. Vamos falar de uma coisa diferente que é as plantas medicinais, cultivo, mata e Cerrado, que seriam as nativas. Então a minha mãe tentou nos preparar, procurando nos preparar. Hoje nós nos encontramos aqui todos na idade, eu com 58, que sou o número 5 dos 13, mas sempre ao lado da minha mãe , do meu pai e dos meus irmãos. Família é a base de tudo. Ai de mim se não tivesse minha família, que hoje eu não estaria aqui, para contar um pouco disso que sobrou, que as espécies estavam ameaçadas de extinção, que seriam essas culturas de parteiras, benzedadeiras, pajés, raizeiros, e as práticas das plantas medicinais. E fui também para cuidar de outros afazeres, que seria cuidar de atrativos turísticos, empreendedores na cidade, enfim, mas parei aqui

e continuo aqui. E Hoje me encontro com mais minha irmã, a Deja, depois que minha mãe nos deixou, partiu e deixou a gente um pouco preparado para cuidar de tudo isso, que não é fácil. A gente viver alinhando em fases de lua, são muitos cuidados, calendários biodinâmicos, épocas de plantio, época de coletas, seja o material que for, entre cascas e raízes, folhas, e cuidar também do outro lado que são as pessoas que nos esperam com a nossa sinceridade, com nossa consciência. Então nós vemos que aí tem futuro. Esse conhecimento ancestral, tradicional, popular, que é cuidar das plantas, Até então as pessoas cuidavam de me chamar pra alinhar eles, caminhar junto com eles pra ser raizeiro. Eu nunca deixei de ser raizeiro desde quando nasci, porque eu nasci com o sangue da minha mãe . Minha mãe até porque ela não tinha prática de buscar meios teóricos pra ter mais conhecimentos. Porque o conhecimento e o saber são caminhos diferentes. São parceiros, são amigos, mas são caminhos diferentes... Bem diferentes... Que é de você saber, de ir contra a indicação , que não é indicado para gestantes, que não é indicado para portador de qualquer doença, que seria, por exemplo, infecção, arritmia, glicemia. Renais ou qualquer outro problema que a pessoa acarreta, tenha acarretado, é portador. Além das plantas, tem também esse porém, é de ter o conhecimento, ter o cuidado e ter também o saber, que o saber significa aplicar. Para as pessoas que não sabem. Imaginar conhecer toda hora, a cada momento a gente conhece. Agora o nosso saber é bem pequeno, ele é bem pouquinho, a gente parte daqui, veste outra roupa e não sabe nada..E agora eu me encontro aqui para falar sobre nossa cultura, nosso respeito às pessoas e ao universo das plantas.

### **Como você descreve esse saber ?**

Olha, esse saber pra mim é muito importante. olha , as vezes eu me pergunto, por que eu tenho tanto interesse em saber. Pra mim é importante esse saber, por que as pessoas me procuram, por que eu preciso saber pra ter a resposta pras pessoas que me procuram, que no qual também, sei que as pessoas do lado de lá também sabem, então a gente partilha e compartilha o nosso saber. por que hoje ta muito presente as pessoas nos procurar a cada momento, então por isso é importante esse saber , por que muitas pessoas, como minha mãe me ensinou, minha mãe deixou pra mim, então eu procurei aprender com ela de formas diferente, até por que eu descobri sozinho, por que esse saber é tão importante que em 2015

me convidaram pra fazer parte do raízes, que é o raizeiros da chapada dos veadeiros. Que até essa época as espécies estavam ameaçadas de extinção. As pessoas tavam deixando, porque muitos eram chamados de feiticeiros, por que feitiço e muito bom, fazer um feitiço, fazer um xarope, fazer um vermífugo de forma natural, então os saberes são muito importantes por isso. é, plantar é um saber, fazer um xarope, fazer um extrato, uma garrafada é um saber, cuidar de si mesmo é um saber, começando pela água, saber que a água é a peça mais importante na vida do ser humano. E muitas das vezes, as pessoas imaginam que ser chamado de feiticeiro de macumbeiro, isso pra mim não significa nada, o importante pra mim é o saber. O conhecer já é presente a cada olhar, a cada amanhecer o conhecer está presente na nossa vida, mas o saber é meio que oculta, então por isso que é importante o saber , porque tem tanta gente querendo saber, mas imagina, que o conhecer é o saber e é o contrário, o conhecer ta pra todo mundo o saber tá pra pouco, principalmente quando se trata de plantas e ervas medicinais, por que é muita responsabilidade, é foco, é missão, esse é o segredo do saber. e que são poucas as pessoas que procuram o saber, a maioria procura conhecer, muito importante conhecer e saber. então pra mim essa saber significa muito. Por que a onde eu vou, eu tenho coisas do meu avô que ele sabia, mas eu passei a saber por mim mesmo, tudo que meu avô me ensinou eu peguei conhecimento pra mim , então hoje eu não posso aplicar conhecimento do meu avô pros outros, pois eu tenho que mostrar o meu conhecimento e meu saber. Hoje eu passo o que aprendi com meu pai e minha mãe o que eu sei, eles não estão mais aqui pra falar, então quem se responsabiliza por tudo agora sou eu. Por isso é muito importante esse saber, por que quem me ensinou no passado não está mais aqui hoje, pra me ensinar algo mais que eu precisava, eu tenho que me responsabilizar ou aprender com outras pessoas e saber com outras pessoas.

### **Como você aprendeu ?**

Eu nunca aprendi muito, mas eu aprendi desde menino, a começar pelos meus pais. Pois se meu pai pedisse pra eu buscar uma planta na horta e eu buscasse a planta errada eu teria que buscar de novo. Então eu procurei aprender, procurar a fazer certo, seja qualquer das coisas que eu for fazer eu tenho que fazer certo, então eu busquei aprender vendo, eu busquei sozinho, alguém aprendendo

comigo e eu aprendendo com alguém. Mas eu comecei a aprender em questão de obediência com minha mãe, que minha mãe não me forçou fazer o que eu faço hoje, porque hoje eu estudo coisas diferentes, tenho meus teóricos, pesquiso pela internet, tenho enciclopédia de livros, tem a prática também de caminhar sozinho e curiosidade de saber que planta é aquela. Então das plantas daninhas que invadem os canteiros e os jardins eu praticamente tenho buscado o conhecimento de todas. Por que o conhecimento ele é bem visível, o que a gente não pode é desistir, por que já veio época de eu querer desistir e hoje eu procuro falar pras pessoas que eles precisam desse conhecimento, que eu não vou ficar aqui a vida toda pras pessoas adquirirem esse conhecimento comigo. São médicos, que hoje buscam a fitoterapia das plantas do Cerrado. Cultivando, desidratando, fazendo os remédios, fazendo os chás, as garrafadas, eu faço o cultivo, faço preparação do solo, eu faço a coleta das plantas na época certa. Então eu venho aprendendo com muito interesse, por que quando você é adolescente e chuta o balde, então eu poderia estar lá fora da comunidade fazendo outras coisas, mas eu vim parar aqui, pra cuidar desses conhecimentos isso é como se fosse uma joia preciosa, por que muita gente quer saber por que que a gente aprendeu, qual o interessa a gente ? O interesse da gente não é dinheiro, é provar que as plantas medicinais do cerrado existem e elas curam. A gente precisa saber que entre o remédio e o veneno é a dosagem. Então a gente precisa saber o que a gente tá dando pra pessoa. Por que no futuro pode ter um efeito colateral, um efeito alérgico. Por isso eu digo que valeu a pena o tempo que eu parei pra centrar e conhecer desde criança. Fui fazer outras atividades, mas meus livrinhos sempre estavam na minha mochila. A coisa que eu mais gosto é ganhar livros de presente, além do dia a dia eu estou aprendendo. Aqui com você eu tô aprendendo, por isso é muito importante estar aqui hoje falando de mim pra te dar um degrau, então eu te dou isso aqui não é pensando no dinheiro ou no ego, é pensando na simplicidade das pessoas, que percorreu essa distância pra vir até aqui, pegar conhecimento de uma pessoa que não estudou não teve formação não teve preparação, mas teve um conhecimento de vida.

Como você luta pra preservar esse saber ?

Primeira coisa é pegando as plantas, respeitando meu médico, procurando fazer os diagnósticos que eles pedem. Eu não posso receitar, nem prescrever nem

indicar, por que eu não tenho CRM, por isso meu médico é importante. esse saber é importante preservar por que eu procuro muito que as pessoas aprendam, mas não sai por aí querendo enganar as pessoas. Se você quiser saber é só caminhar na minha estrada que um dia você vai saber igual a mim ou um pouco mais. Então pra mim é muito importante preservar esse saber por que amanhã ou depois vai ter gente aqui procurando esse saber igual você. As pessoas estão em busca e se eu não sei como eu posso passar para o povo, é um legado, pois o que minha mãe deixou pra mim, deixou pra nós foi um legado. e eu fui atrás desse legado enquanto essas pessoas estavam em vida. Eu me esforço muito pra não esquecer as espécies que me foram passadas. Eu dediquei um tempo pra ficar ao lado da minha mãe e do meu pai e de outros procurando saber. Então, essa eu falo por mim, pois essa é minha vida desde que eu tomei conhecimento, criança, adolescente e adulto e to procurando preservar até que um dia apareça alguém ou neto um filho que faça igual eu fiz com minha mãe, encarar. Quando me convidaram pra ser raizeiro eu falei ah não dou conta. Depois me chamaram pro encontro de raizeiros da Chapada em 2015, voltei de lá empolgado, gostei muito do que se tratava. até daí até então me tornei raizeiro. Aí daí pra cá continuei caminhando, correndo história, tem algumas histórias no YouTube, tem algumas com o público em geral, que não é só nos estados brasileiro, é fora do país. E quando a minha mãe estava já bem cansada e debilitada ela chega pra mim e fala, ah meu filho você vai cuidar. De tudo isso, então assim como a minha mãe cuidava, se a minha mãe cuidava bem, eu, nós, precisamos cuidar melhor. Porque são coisas bem verídicas, bem verdadeiras. Onde a pessoa foi, faz voltas, voltas, voltas, e vem parar no mesmo lugar em relação as plantas e ervas medicinais, porque não tem como se perder aquilo que você aprendeu. Então por isso que é bom preservar. Esses conhecimentos mas eu não dou eu não dou eh... como se diz uma entrevista só pra você. Eu dou entrevista pra várias pessoas e seria uma coisa mais difícil na vida da gente é você contradizer uma coisa que é verdadeira. Imaginando que alguém vai tomar o seu conhecimento. Ah quem me dera, se tivesse uns dez aí que já tivesse na estrada se preparando. Como pessoas pegaram parteria com a minha mãe, pegaram limpezas intestinais com a minha mãe, pegaram conhecimento em plantas com a minha mãe. Eu tive dificuldade de pegar tanto com a minha mãe, porque a minha mãe não tinha condição de me ensinar a vida toda, eu tive que me esforçar e mostrar pra ela, olha, esse aqui já foi eu que descobriu sozinho. Esse aqui eu aprendi com alguém.

Porque é menos verdade eu falar que aprendi sozinho. Aprender vem de alguém. Aprende o aprendiz. Agora descobrir é meio difícil, mas a gente acaba descobrindo uma hora sozinho, perguntar melhor. Esse é um bem. Que a pessoa tem de falar pras pessoas, olha tem coisas que eu descobri sozinho. Mas quando fala que aprendeu sozinho hum hum. Você tem professores. Eu tenho professores. Que digamos meus livros são meus professores. O universo é meu professor. Quem criou tudo isso aí é meu professor, basta usar humildade, a simplicidade e abraçar isso como verdade. Porque é verdadeiro. Ninguém aprende sozinho. A gente só aprende com alguém. Eu aprendi muito com as pessoas, continuo aprendendo com as pessoas e às vezes eu descubro sozinho, muitas coisas, eu descubro sozinho. Minha mãe não está aqui mais pra mim fazer uma pergunta pra ela. E eu pego às vezes pesquisa, eu pego o inteligente (celular), tira foto não sei o nome da planta eu acho que tal planta ah.. as plantas muda muito de nome pra vários estados uma planta sozinha tem oito, cinco, dez nomes diferentes, além do nome científico a origem da planta. Então preservar esse conhecimento é bom por isso a gente vai lá e volta vamos de novo bater na mesma planta... Eu estou aqui pra saber mais de você.... porque, uma planta ela não tem só uma finalidade. Uma planta sózinha tem várias finalidades, são poucas as plantas que tem só uma finalidade. Por isso é importante preservar esses saberes.. Porque é muita responsabilidade. Eu continuo insistindo, batendo na tecla, quem está dizendo que é raizeiro que é curandeiro ele tem que voltar atrás... Senta lá na última cadeira... alguém vai ver ele lá... Chega no auditório e quer sentar na frente... não precisa... Se você é conhecido alguém vai te ver ali. Eu sempre pego a última cadeira, você não tem ego. Qualquer pessoa que quer saber de mim eu estou pronto, eu estou aberto a conversar. Estou aberto a mostrar. Agora vai fazer igual eu não faz. Vai eu fazer igual a você que eu não faço. Igual não. Pode fazer parecido, mas igual não. Ninguém faz igual a ninguém. Pode imitar, mas igual. Não faz. Então esses conhecimentos é bom assim, porque tem gente que quer te imitar. Pode imitar, não tem problema, eu quero que alguém fizesse igual a mim. Eu não faço igual a minha mã.e a minha mãe foi uma matriarca que eu sempre respeitei a cadeira dela. E hoje posso sentar na poltrona da minha mãe. Porque ela me entregou a ela. Ela me entregou a chave. Eu abri a porta. Não entrei pela janela. E procuro sair pela porta novamente. Só se for uma emergência pra mim sair pela janela. E nós precisamos ter competência naquilo que nós fazemos. Então você que eu sou competente mas eu quero ser competente. Em

tudo que faço. Porque antes de a pessoa vir antes que uma pessoa vim aqui me entrevistar ele já sabe da minha vida todinha. Depois dele conversar comigo, ele vai saber muito mais. E a gente vai crescer juntos, porque é uma árvore que estava um pouco sem folha. Você chegou, colocou a água. Ela vai dar folha. O outro chega, coloca o adubo, ela vai dar fruto, vai florescer, o outro chega coloca mais um calciozinho que seria eu uma velha que já está caindo as folha... sozinho que é um cordão eu fico fácil de romper e de quebrar ficar frágil, mas junto a vocês junto a outras pessoas eu vou ficar muito mais forte. Então por que é bom fortalecer, preservar esse conhecimento. Teve muita gente em busca desse conhecimento. E desses saberes. Se eu não me preservo, se eu joga fora, deixo escapar, deixar a avalanche levar, ninguém vai encontrar. Amanhã vai ter alguém em busca desse trabalho que você está fazendo. Ou hoje já tem muitos também caminhando fazendo o mesmo que você está fazendo. Tenho outras pessoas. Aqui no Moinho só tem eu . Poderia ter mais. Você vê que o negócio não é fácil. A caminhada ela é longa e eu não vou levar nada, vou deixar. Quem pegar, quem pegar de vocês no futuro? Esse aí caminhou com sabedoria. Quem pegar de mim, quem pegar lá no escritório que ele trabalha como como se fala e estagiário aprendiz está ganhando o seu tempo. Agora quem deixou a boca aberta e descuidou a mosca está ali dentro, vai ter que tirar ela é um trabalho a mais né? Então é melhor fechar a boca e olhar pra frente ser igual água rápido sábio e inteligente.

**Qual grande legado que você considera que você herdou dos mais velhos?**

O maior legado que eu herdei do mais velho, pra mim que eu considero foi o princípio da família. Depois é o respeito aos mais velhos, aos mais idosos, respeito desde a fila, até conviver com as pessoas. Chegarem numa fila querer ter o primeiro lugar respeito com a minha idade eu tenho cinquenta e oito anos Mas eu não gosto de prioridades. A dar prioridade pra eles. Eu eu sei que existe um dia que chegar a minha vez de eu ser prioritário beleza. Mas eu respeito. Prioridade das pessoas avanço o sinal, isso eu aprendi com os mais velhos, ser honestos, ser sincero às pessoas, saber entrar e sair em qualquer lugar. Um bom dia, um boa tarde, ele sempre prevaleceu, as pessoas esqueceram disso hoje no mundo que nós vivemos. E cultivar essa cultura de família. Família pra mim são todas as famílias, mas em



primeiro lugar a minha. Família que é a base. Se eu não tenho família, eu não tenho a base. E daí as outras famílias, a criança, é o andar direito com as pessoas, falar a verdade pras pessoas é amar as pessoas, tá aberta as pessoas, ajudar as pessoas, se solidar, ser bom samaritano com as pessoas. Isso aí pra mim tudo foi coisas que eu aprendi com as mais velhas, porque eu também vou vou exigir isso das pessoas, tô exigindo isso das pessoas ao respeito, então os mais velhos exigiu isso de mim e meus pais me ensinaram, meus avós me ensinaram, isso ser trabalhador, ser digno, sobreviver, viver, sobreviver do seu suor, não pesar as pessoas, também tudo isso eu aprendi com os mais velhos. Tudo que eu aprendi hoje das culturas antigas, da da vivência das vivências antigas foram essas coisas, essas práticas de andar direito, de fazer tudo que eu falei foi com as pessoas mais velhas que hoje nós temos poucos disso. As crianças de hoje eles já querem viver o mundo deles. Eles não querem mais. Eh também porque não pode. Crianças não pode. Adolescente acompanha os pais do trabalho para aprender uma coisa no dia a dia. Não pode que é proibido por lei. Naquela época não existia isso. Então eu ainda consegui ser um pouco gente. No mundo que vivi. Naquela época era muito bom. Porque tínhamos mais velhos e ainda colocava perto deles pra aprender. Pra estar ali perto fazendo as coisas. No qual hoje os pais respondem porque não tem mais como ensinar os filhos como é o caminho que deve andar. Vai pra escola pensa que é pra educar. Educação ela vem de berço. Lá é formação e preparação também porque não vou subestimar e desmerecer. Porque eu vivi na escola. Mas a minha educação realmente vem dos meus pais. A educação dos meus filho vem de mim. Olha a preparação deles. A formação deles veio da escola, veio de um professor, que tanto lutou tanto estudou pra tentar educar, mas é porque às vezes quer tirar educação de um professor, quer fazer um professor desistir, tanto que estudou tanto que quer dar pra o aluno. eu por exemplo eu sou aluno. Eu não sou, nunca fui professor, nunca vou ser professor, continuo sendo aluno. Eu preciso aprender. Se eu não parar pra aprender, quem é que vai colocar sabedoria na minha mente? Então, meus pais me ensinaram. A ser assim, tentar ser como eles. Eu represento os meus pais muito bem, porque eles me ensinaram ser igual a eles, não consigo ser igual, mas represento eles dentro daqueles que os mais velhos não só meus pais, eu convivi, vivi e convivi sempre com pessoas mais velhas. Tudo que eu aprendi de bom e aprendo também de bom com pessoas mais jovens, mas tudo que eu aprendi que eu tô passando aqui eu aprendi com pessoas mais velhas. Então por isso eu

valorizo muito. Tudo que eu aprendi no passado foram com os mais velhos.. Tem gente jovem com a mente de pessoa idosa. Pessoa idônea, pessoa madura gente velho também que não tem uma mente voltada pra idade é simplesmente jovem não quer hoje um dia ele vai chegar o corpo dele a matéria dele chegar na idade ele vai querer que a mente dele vai também chegar na idade a mente está pro lado o corpo está pra outro o corpo não trabalhou junto. Tem que trabalhar os dois juntos.

**Eh qual que você acha que é o grande patrimônio aqui dessa dessa região aqui?**

Olha o grande patrimônio que nós temos aqui. Há pouco tempo foi tombado aqui como comunidade quilombola falando de moinho né? Hm-huh. Comunidade Quilombola. Mas existe também um patrimônio além da comunidade quilombola que chama é... culturas ancestrais que é um patrimônio, que é a cultura de saberes que são envolvido, envolvido nós aqui, envolvido outras pessoas, são pessoas de vários países lá fora, são pessoas daqui do local, pessoas de vários estados brasileiros, que hoje a gente conhece aqui. Então, fundou esse patrimônio, aqui na comunidade porque hoje a gente vê que Moinho é um lugar era um lugar bem pacato. Então hoje nós temos aqui pessoas diretamente e indiretamente de vários estados de muitos estados, então o Moinho se tornou um patrimônio histórico da humanidade. É tombado. Como patrimônio que foi criado aí há pouco tempo. Então, englobou todo mundo, todas as pessoas. Quem tem prática e quem não tem, de culturas, de saberes e de práticas do dia a dia, um faz eh costuras, com bonecas, artesanais, fazem roupas, fazem biscoitos, alimentos, sulcos, polpas, artesanatos e madeiras, em fibras, enfim... E culturas de feitios, como remédios, chás, preparações, caseiros, sabonetes de Tingui, isso é uma planta que não sei se você já ouviu falar faz várias praticas bem artesanal com cinza queimada no local pra fazer os resíduos pra preparo pra fazer o sabão e várias outras atividades... E aqui hoje por exemplo como é a comunidade quilombola cada um tem uma atividade pra apresentar pras pessoas e vem aqui pra ver o que que uma comunidade quilombola faz... Que é um patrimônio. nós vivemos dentro de um patrimônio que é a comunidade quilombola patrimônio povoado Moinho. Ele pega essas experiência daqui muitas coisas daqui que é do passado e leva pra muitas outras coisas que as pessoas tem aqui que é coisas de tempo de escravo, histórias que fica com a gente,

mas leva em arquivos, e gravados, memórias eles levam pra museus muitas coisas daqui da região. Como o trigo do Moinho, que era ali o Campo do Meio, também é um local que se vocês pudessem pesquisar também, mas também é muito bom. Tudo que vocês possam falar aqui de compartilhar depois, as pessoas pegam muito a cultura de lá, né? Que já que pra mim, aqui hoje é um patrimônio que nós devemos preservar, que as pessoas de fora tem tanto interesse a saber disso aqui a cuidar disso aqui. Só que muitos daqui as vezes passa despercebido que é essa jóia preciosa que nós temos, que é essa comunidade do povoado Moinho que hoje é um patrimônio. Como aqui aqui hoje se tornou como Goiás né. São Jorge também é um patrimônio né e outros lugares também são patrimônios que eu não conheço, mas pesquiso ou ouço falar. então o moinho se tornou um patrimônio não tem muito tempo, uns dois três anos.

não sei não bebe mais mais mesmo da Mil novecentos e setenta e três. Não tem muita história. Porque os mais velhos daqui já se foram. Está uma história muito longa. Se for pegar a baseado em fatos reais do moinho. Melhor mesmo pra contar é a minha mãe, meu pai tinha bastante história e eu daqui pra frente eu vou ter algumas histórias pra contar. Mas até então eu tenho poucas. Poucas, poucas. Eu não sei nem quantos anos O Moinho. Ninguém aqui ainda tem um levantamento histórico da comunidade do Moinho. Quando começou como foi eu conheci. Meu avô já tinha quase cem anos, pai do meu pai. O outro quase cem anos... pega cem anos do meu avô pega oitenta e cinco da minha mãe cento e oitenta e cinco pega cento e oitenta e cinco mais cinquenta dá duzentos e tá mais pedrada, meu filho já tá com trinta, tá pegando essa borracha, pra ver aonde vai, vai longe... Então eu já tenho bastante história da minha mãe de mil novecentos e sessenta e três. Pra cá do meu avô e minha mãe pode contar, agora eu já sei o que vi ele e tal, mas não tem bem lembrança do meu avô botando lavoura, trabalhando com meu avô, trabalhei com meu pai. Aí já tem história do meu pai, sessenta e três pra cá. A minha mãe já tem pra lá e eu já tenho pra cá. Da minha mãe eu tenho muitas. Eu tô com cinquenta e oito. História de cinquenta e oito anos é muito equívoco, né? Tem que contar, ele quer ouvir, trazer ele. Aí já achou Mas é isso aí. Então o patrimônio Moinho hoje, ele é muito procurado. Muito pra cá. Aqui é um lugar que não se expande muito. Preencheu alguns lugares aqui dentro. Mas é um lugar que não cresce, e também porque tem regras de crescimento das nossas nascentes, fluentes

aqui são bem pequenos, né? Os mananciais são bem pequenos e pode afetar no futuro e já tá prestes a afetar. Poços artesianos, enfim. Então é uma coisa bem difícil de mexer aqui.

### **Como é a sua relação com esse patrimônio?**

É boa, elas são muito boa. Aqui a gente se comunica muito bem, entre comunidade quilombola, patrimônio que eu estou dentro, né? Que eu cuido desse patrimônio, então eu sou levado pra dentro do patrimônio, saio de dentro do patrimônio e volto pro patrimônio ? Então qualquer movimento que tiver em relação ao patrimônio do Moinho eu tenho que tá atento que vai tá mexendo no patrimônio que sou eu. Vai tá, se for pra ferir vai tá ferindo o patrimônio que sou eu, que que é meus filhos, meus netos. E outros. Então é cada um se movendo, nós unindo, formando corrente, fortalecendo. Para que esse patrimônio seja preservado. Somos nós. E as pessoas pensam que o patrimônio não acontece localmente. Não, abrange todo mundo. Está aqui dentro. E somos um patrimônio.

### **E quais são as perspectivas que você tem pra preservar a saúde do patrimônio?**

Olha, enquanto eu viver aqui a perspectiva é estar junto com as pessoas defendendo junto com as pessoas que no qual se interessa a preservar e cultivar zelar desse patrimônio. Porque cada passo que eu dou, eu vejo que eu estou dentro do patrimônio. Se eu saio eu tenho que voltar pra esse patrimônio. Então as perspectivas é fortalecer tudo que vai fazer aqui dentro que é cabíveis e no qual nós temos presidentes da associação. Já temos presidente da associação, vice-presidente da associação. Nós temos um legislativo que ajuda nós aqui no dia a dia, a olhar pra isso e temos ONGs também que querem ajudar a preservar esse patrimônio. Então a expectativa maior vem de fora, de pessoas que estão morando aqui que às vezes do que é nossa mesmo. Eu hoje nós olhamos pra isso, mas quem mais olhou pra isso pessoas que vieram pra cá nos anos oitenta mas isso aqui era tudo devastado, isso aqui era tudo pasto, roça, lavoura e as pessoas que vierem pra cá brigaram, brigaram, em prol disso em torno disso pra não degradar, pra não

devastar pra não agredir. E ninguém saber que isso aqui me iria se tornar um patrimônio. E então eu tenho muito respeito pelas pessoas que vieram pra cá, porque eu aprendi muito com eles, nos ajudou muito, nos orientou muito, abriu muito os nossos olhos, porque isso aqui hoje poderia hoje não tá mais aqui, sei se poderia ter vendido que no qual a maior parte vendeu, venderam pras pessoas de fora e agora quer voltar e não consegue. Cê eles quiser vim aqui entrar no quintal pedir uma fruta que é natural de cultivo daqui, ele tem que pedir pra quem ele vendeu. Então ele não preservou, nos zelou do patrimônio que era ele. E que no final vai ser difícil continuar aqui, mas essa cadeira aqui amanhã ou depois o outro vai sentar e falar o que eu tô falando parecido do que eu tô falando. Mas não deixa de ser um patrimônio. Eu tava olhando lá no não sei se você já viu lá no no material e imaterial. Aí eu tava olhando e ela falou assim “Wilson você é um patrimônio raizero, parteira, benzedeira e pajé também é um patrimônio. Ela falou você é um patrimônio. Então por que depois eu fui pesquisar né? Eu pesquiso sempre assim qualquer coisa. Patrimônio é uma coisa que é de todo mundo, um sozinho não pode mexer, um sozinho não pode vender e ela tem uma etiqueta. Que não é meu, é de todos. É uma responsabilidade minha, Sua, De todos cuidar desse patrimônio. Quem não pode vender? Não pode emprestar. Não pode dar. Tem que prestar conta. Tenha o selinho de origem dele? Tem. É do patrimônio. Eu tenho selinho de origem. Todo aqui tem o selinho de origem. Nós somos um patrimônio, né? Então não podemos, não podemos nos vender, não podemos nos vender. Não podemos emprestar porque somos um patrimônio. Então por isso que a gente preserva que pode aqui dentro. Porque é um patrimônio e no qual que aqui se tornou patrimônio eu estou dentro eu não posso sair daqui. Tem registro tem identificação povoado do Moinhos, tem identificação outros lugares chupetazinha. Lacrezinho. A gente não vê, mas tem o lacrezinho. Pode falar, ah cê é do Moinho...Tem regras, não pode chegar aqui e já devastando tudo, já jogando tudo fora, porque é patrimônio. O Prefeito chega aqui, ele vai conversar com a comunidade, ele vai ouvir a comunidade, vai ouvir a comunidade primeiro...Deixou virar patrimônio... Prefeitura nós não vamos chegar lá e abrindo as portas e fazendo o que nós quer. Eles aqui também não pode chegar aqui e fazer o que eles querem. Tem que procurar pra gente aí. Está satisfeito ou não. O que eles estão fazendo. Aonde é que está melhor? Pra comunidade. O que fica bom pra comunidade. Aos olhos da comunidade. O grau de satisfação da comunidade a gente tem que respeitar isso. E muita gente mora aqui

mas não sabe o que é patrimônio. E eu também não sei muito bem o que é patrimônio não. Estou começando a aprender.

**Quais são as memórias mais marcantes que você carrega no seu trabalho no Moinho?**

com olha as memórias mais marcantes que eu carrego foi a vivência com minha família, todos juntos. É o tempo em que vivíamos 13 irmãos juntos, meu pai e minha mãe. Passou... As relações com as pessoas de idade, que hoje não volta mais, as plantas medicinais. E entender que o tempo passou, mas cada passo que eu continuar dando aqui é pra continuar com as culturas antigas. Cada passo que eu dou é memória da minha mãe, cada planta que tem aqui no quintal é memória da minha mãe, cada vez que vou fazer alguma coisa que fazíamos juntos é memória da minha mãe. Isso que não vai voltar mais. Então tudo isso pra mim são as memórias mais marcantes, poder viver com os mais velhos e viver aqui no Moinho com minha família. E hoje estou aqui vivendo, continuo vivendo a memória da minha mãe, do meu pai e dos meu avós... Não morreu em mim. Minha mãe fez 350 partos, cuidar de outras mulheres, ela dava de mamá pra outras crianças, pois ela nunca mediu esforço para ajudar outras mulheres.

## Apêndice 8

### Depoimento Aristelina Avelino Nascimento

concedido a Arthur Lacerda em São Jorge, Alto Paraíso de Goiás na data de 20/10/2023.

Dia 20/10/2023, sexta-feira, São Jorge, Goiás. Entrevista com Tila Avelino na casa de cultura, cavaleiro de Jorge.

#### **Um pouco sobre como que você se envolveu com essa questão da cultura aqui na cidade.**

É meu nome mesmo, é aristelina, né? E meu apelido é Tilla. E eu tive o privilégio de nascer aqui em São Jorge. E eu sou filha de garimpeiros, que São Jorge foi construído através de garimpo de Cristal né? Meus pais se conheceram aqui, né? Minha mãe nasceu lá no Moinho, em outra comunidade, depois de Alto Paraíso, 12 km e meu pai veio de do Rio Grande do Norte. E aí, como esse espírito garimpeiro, né? Ele ouviu dizer que tinha um garimpo aqui. Em São Jorge na época chamava baixa, né? Tem 72 anos, que é São Jorge. Aí ele ouviu dizer do garimpo e veio para cá. Ainda jovem. Ele tinha 18 anos na época que ele veio na construção de Brasília, que estava lá ajudando na construção de Brasília. Ficou de saber do garimpo e veio, e os 2 se encontraram, casaram e tiveram 10 filhos. Dentro desses 10, nós somos 8 mulheres e 2 homens e hoje nós estamos em 9, continua 8 mulheres e um homem. E para mim, é um privilégio muito grande. Que eu vivi todas as etapas, quase todas as etapas do garimpo, não é? Eu já nasci em 67. Eu já peguei a época da recessão que o Cristal caiu de preço, era a única sobrevivência nossa aqui e até 83, nós éramos uma comunidade isolada. É um carro uma vez por mês, né? E. Nós sofriamos muito porque não tinha acesso a outras comunidades tipo Alto Paraíso, Colinas e na época de chuva não tinha ponte, não tinha estrada, não tinha nada. 83, vê o projeto, é? Veadeiros, né? Aquele projeto do Ari Valadão onde abriu as estradas e até então aqui era conhecido como corredor da miséria, né? De tão pobre que nós éramos, a gente não conhecia o mundo lá fora. Aí, a partir de 87, começou a chegar o turismo. Bem pouco, e nós, o único meio de sobrevivência aqui era o garimpo. O garimpo está todo dentro da área do parque

nacional e isso foi tirado de nós porque veio o turismo e tem o parque que não podia garimpar, porque o garimpo deu uma devastação. Apesar de que era manual, né? Mas era muita derrubada de árvores. Muita. E muitos buracos, né? E o turismo chegou e nós, como comunidade, estava na boca do parque nacional e sofrendo porque o visitante chegava e acampava lá dentro do parque, que é lá nas corredeiras e nós sofrendo e tal. Aí veio o Ibama. Na época era Ibama e deu o primeiro curso de condutores de visitantes na Chapada. Eu sei que nós iniciamos em 17 pessoas, isso era uma contrapartida que o Ibama tava dando pra comunidade, né? E. Porque tirou o único meio de sustento, né? Das famílias. E aí fez o curso. Eu tive o privilégio também de ser a primeira guia mulher daqui de São Jorge, porque no curso tinha mais 3 mulheres, que era entre aqui e Alto Paraíso, a única de São Jorge, daí. Nós fomos. O turismo foi chegando e como nós éramos muito pobre, custo de vida a gente não tinha nenhuma. É, eu quero dizer, não tinha visão, nós éramos funcionário, não conhecíamos lá fora e. As pessoas foram chegando-se de fora, são visionários, né? E com esse tanto de turismo e tal, aí foi comprando as propriedades, as pessoas locais aqui e. Daí a maioria do pessoal, que isso aqui é o lado triste. São funcionários deles, né? Daqui eles venderam e tal. E nós ainda tivemos o privilégio de não vender nada que meu pai não deixava vender. E ele falou, ó, nesse mundo a gente adquire, não vende, né? E daí? A minha irmã tem uma pousada, 2 irmãs, tem uma pousada. Eu entrei em sociedade com minha mãe e a minha outra irmã. Montamos um café da manhã, que foi o primeiro café da manhã, desde quando iniciou o turismo, aí fomos aí, fomos crescendo, fomos, investimos, o Sebrae investiu muito em capacitação WWF. O próprio Ibama mesmo, né? Aí fomos nos capacitando e tal e. Até a pandemia, é? Nós. Eu tinha o café da manhã e tal, veio a pandemia e eu. Transformei o café da manhã, transformei num espaço onde está escrito espaço dona dita aqui no na Rua Principal, indo para o parque e aluguei todos os espaços, entendeu? Então minha vida se transformou assim. Hoje eu tive a oportunidade de trabalhar. Hoje estou dando oportunidade para outras pessoas, trabalhando, trabalhar, não é? E. E assim foi essa construção. É, mas não era isso que eu queria falar. Aí quando em 2004, eu eu ingressei na cultura. E com toda essa história, eu fui presidente da associação de condutores de visitantes, né? Que eu digo e depois eu fui eu. Era funcionária pública também. Eu já fui. Fui 1001 utilidades. E eu trabalhava na agência dos Correios aqui, e eu fui convidada para mim ser presidente da associação de moradores em 2005. Foi 2005,



e aí foi aí nós fizemos uma parceria com a casa de cultura cavaleira de Jorge, que eu estou lá desde 2004, né? Vai fazer 20 anos, né? 20 anos agora e entrei nesse mundo cultural que é um mundo assim. Eu acho que é a parte, né? Eu acho que para mim é de grande valia está nesse mundo porque você conhece, é o povo tradicional, que é sua origem, né? Os povos indígenas que eu trabalho também com eles. E artistas, né? É a casa de cultura, é um palco de encontros. Agora, vários grupos quilombolas, indígenas e e foi construindo, e dentro de uma casa de cultura, ela tem vários braços que nós temos no projeto social que atende crianças, né? E adolescentes. Hoje nós estamos com 50 crianças e adolescentes. E na parte artística e cultural também. E aqui, lá na aldeia multiétnica é outro braço da casa de cultura e nós estamos no outro espaço. Depois de Alto Paraíso. Ai atendemos várias etnias indígenas. Não sei se você conhece o espaço lá, então é, e acontece o encontro em julho, né? E aonde a gente recebe mais de 8 etnias? Esse ano nós estávamos com 250 indígenas lá, e aí tem um encontro de culturas, né? Que é um braço da casa de cultura, que é, a gente recebe grupos folclóricos. Artistas. Nacionais internacionais, então nós somos tem várias vertentes na casa de cultura e eu só tenho que agradecer, porque é um espaço para mim, para conhecimento, é para conviver com essas pessoas e criar esse elo, essa ligação, essa rede que nós construímos. Isso para mim é muito importante.

### **Qual é o patrimônio de São Jorge ?**

Eu acho que a nossa cultura é assim, por mais que nós estamos, que eu, eu falo que a gente está se perdendo ainda. Mas ainda a gente está meio agarrado, entendeu? Na nossa cultura, que é forte, o encontro de cultura, dá essa essa fincada e o garimpo assim, para te falar, as pessoas que chegaram aqui colocaram na nossa cabeça que essa garimpeira era feio. Né? E isso não é. É isso, é a nossa originalidade. Então como hoje eu tenho outro conhecimento, outra visão é, eu ia falar, não, eu preciso falar da minha origem, né? Que eu acho que o grande patrimônio nosso aqui também é o garimpo. Eles se perdeu e tal, mas assim, agora nós, a gente, eu falo com com bom grado que eu sou garimpeira. Entendeu? É minha origem. Eu não posso esconder minha origem, né? Eu preciso fortalecer. É. Eu acho que é um dos patrimônio, mas ele está meio perdido, sabia?

### **Me falaram que tem o museu do garimpo aqui, não tem?**

Inaugurou não, não tem, não tem, não inaugurou. Um restaurante aqui que chama garimpeiro. Eles estão tentando resgatar, mas o museu, essa é a intenção de fazer um museu que ainda não foi concluída. Não, mas já tem um projeto. Tem um projeto bem, só falado, só falado é vago. Ainda não saiu do papel.

O encontro de culturas é uma, festa é da festa de São Jorge, que acontece em abril, que é o padroeiro daqui. É forte também. É uma festa religiosa entre os dias 22 e 23, a 22 é a igreja que faz e em parceria também todo dia 23 a gente faz uma festa aqui também em homenagem ao padroeiro, né? Aí onde tem comidas, tem várias celebrações. Eu acho que é uma também forte, forte, uhum. E tem a folia de São Sebastião, que acontece todos os anos. A companhia em que data? 20 de janeiro. 20 de janeiro. Aí tem a folia que começa antes, né? Tem Alvorada e tal. Começa por volta do dia 17 . Se não me engano, e vai até o dia 20, que é o remate da folia. A folia de São Sebastião acontece dentro da cidade. Dentro da cidade, dentro da cidade, e o remate é lá no outro setor novo, mas a Alvorada começa aqui dentro e finaliza lá, mas é aqui, dentro de São Jorge.

Eu acho isso incrível, sabe, porque eu nasci e me criei aqui. Conheço todos. O povo da comunidade, me relaciono muito bem com ele e estou inserida em todos os processos, entendeu? Uhum. Estou aqui na folia, OK? Estou aqui na casa de cultura né? Estou na festa religiosa, apesar de eu não participar da religião, entendeu que eu sou de outra denominação, mas eu estou dentro e ajudando, participando.

Eu acho que a comunidade assim é bem consciente, sabe? Apesar de eu falar, Ah, nós somos um garimpeiro, a gente não preservava, pelo contrário, a gente preservava, né, que você estava fazendo para comer, mas tinha consciência de não derrubar todas as árvores, né? E ao mesmo tempo, eu acho que essa consciência ela tem que ser construída dia a dia e falado nas escola o que a gente é. Gente, vem com essa consciência com as crianças, as crianças que levam a educação para casa e fala para os pais. Então, principalmente na questão do lixo, só é do lixo, né? E aí, se você não tem educação? Desde pequenininho, é. É. Você não acha que não consegue? Porque se você tem educação, é isso, é trabalhado, é na comunidade, nas escolas, em todos os ambientes a sua criança já cresce com o novo olhar, entendeu? É igual as crianças daqui de São Jorge, isso é muito inserido nelas,

entendeu? É não jogar lixo, papel na rua e tal. Eu sei que tem muito lixo e que é difícil a gente controlar, mas as crianças daqui são bem conscientes, não jogam lixo. Não mata os passarinhos, entendeu? Já tem outra visão quanto a isso? Acho que nós estamos no mundo mais ecológico. Preservação, do lado do parque nacional, entendeu? Eu acho que veio essa visão também, mas é difícil também. É um trabalho do dia a dia, né? Até para você chegar no ideal.

O maior patrimônio nosso é a nossa história. Porque de patrimônio mesmo é porque eu estou falando de coisas materiais mesmo. Nós tínhamos o único bem remanescente na nossa época que era a igreja católica, que era uma Capelinha, sabe? Aí veio o padre e ele se desfez. Ele tirou porta de 60 anos atrás e colocou, é essas portas, essa porta janela de vidro, como é que chama esse negócio? Blindex. Entendeu? Pra mim aqui, acho que o patrimônio mesmo real, nós temos a casa de cultura. Ela é toda feita em Pedra, a Pedra da região, entendeu ainda é essa construção que nós temos de Adobe, a praça que é feita de taipa, entendeu? Então nós tentamos.

Hoje eu sou diretora da casa de cultura cavaleiro de Jorge e eu estou. Eu ainda estou nessa função, né? Eu trabalho com na produção local e faço parte administrativa da casa da aldeia e acho que é isso.

Muita gente de Fora muitas cabeças pensando, entendeu? Muitos interesses, não é? É. É um pouco preocupante. Nós somos uma comunidade que hoje é. Quando iniciou os turistas, nós éramos 17 famílias. Hoje está em 800 pessoas 1000 e com um crescimento muito desordenado, sabe? E, até hoje não foi feito plano diretor, né? Do município, que isso é um... Isso é um pouco complicado, é um complicador, né? E Eu Acredito que se nós, enquanto comunidade. Não nos unir e nos fortalecer. Nós vamos ser engolidos. Entendeu como o Alto Paraíso foi? Alto Paraíso é você, vai lá, você só vê gente de fora, pessoas de fora, com comércio e tal, e as pessoas que lá é nasceram e viveram, venderam tudo e são empregados deles. Ou então moram em periferia. Isso que é o triste isso que precisa é a gente ter muito cuidado e aqui em São Jorge nós estamos bamiando também, mas ainda nós temos ainda o pé fincado no chão, na rocha de Cristal. O pé está firme no Cristal. O pé ta , firme na rocha, é porque senão vai ser difícil, entendeu? E nós somos uma família pioneira. Nós somos uma família que teve resistência. Na época, O Cristal caiu de preço. Quem tinha o poder aquisitivo melhor for todo mundo? Embora quem resistiu foram 3 famílias aqui, que uma foi a minha e tem mais 2,

entendeu? E foi a resistência que ficou, que lutou para chegar aonde nós estamos hoje. E é isso.

## Apêndice 9

Depoimento André Ribeiro Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

Concedido a Arthur Lacerda em São Jorge, Alto Paraíso de Goiás no dia 20/10/2023.

Dia 20 de outubro.

Bom, eu sou geólogo de formação, sou analista ambiental do ICMBio, né? Sou servidor público federal desde 2005 e trabalho aqui no PNCV desde 2018 e desde então, na equipe do parque nacional, eu sou responsável pela agenda de uso público e gestão da visitação. Muito resumidamente, é essa, né?

Cara, isso ao longo do tempo variou muito. Então, por exemplo, de 2018, se eu não me engano pra cá, a gente tem um relatório de gestão anual, então assim tá super bem registrado, tudo o que a gente fez em todas as agendas de gestão e tal. Se quiser te passo esse documento é público, posso te passar os dos últimos 2 anos pra você dar uma olhada e ver, mas tem um registro muito, muito bom de tudo o que a gente fez e aí disso para trás, cara. Como te disse, varia muito, né? Então esse parque foi criado em 61, ainda com o novo parque nacional Tocantins. Então assim, eu pessoalmente nunca vi nenhum registro do que aconteceu de gestão aqui na década de 60/70 não se tem, não tem, não tem o conhecimento. Se há algum registro de gestão nessa época, até porque quem administrava, né? Os parques e tal era o IBDF instituto brasileiro de desenvolvimento Florestal. Que, junto com outros órgãos em 89, formou o Ibama e aí sim, em 89, formou o Ibama e aí a gente já começa a ter notícias de gestão do parque, né? Esse prédio aqui foi inaugurado em 95, né? Tem a placa ali na porta, a gente. A gente tem relatos, né? Então, em 91, teve o primeiro curso de formação de condutores de visitante. Então a década de 90 é a década que começou a ter o ordenamento da visitação aqui. Antes disso, os relatos que a gente tem é de que? Não tinha nenhum controle da visitação, as pessoas entravam sem nenhum tipo de registro e, enfim, tinham impactos muito mais severos de visitação, né? com pesca, inclusive. Enfim, né? E então é a partir da década de 90 que a gente começa a ter algum registro de gestão. É?

Como nós somos o serviço público, então a gente tem que olhar a lei, a legislação e a Constituição o tempo todo. Então esses são os nossos grandes norteadores, não é? A Constituição é a lei que institui o instituto Chico Mendes? A lei do do sistema nacional de unidade de conservação e uma série de outras leis, decretos, instruções normativas e tal. A gente sempre trabalha nesse arcabouço legal, tecnicamente falando, é. A agenda de uso público. Ela, por força de lei, os parques nacionais, eles têm que dar oportunidades à sociedade de recreação e contato com a natureza. É ecoturismo de uma forma mais geral, então eu sou uma obrigação legal para além disto, institucionalmente a gente tem uma visão e ela é baseada em pesquisa científica, não é achismo, nada de que a visita numa unidade de conservação ela pode ser uma experiência transformadora. A grande maioria das pessoas no Brasil e no mundo, em áreas urbanas. Muitas dessas pessoas estão desconectadas completamente da natureza. Elas não têm mais o que nossa espécie tinha antes de uma relação diária e muito próxima da natureza. Muita gente nem sabe mais o que é o ambiente natural, né? Então, e por causa disso, não entende a importância disso ser preservado. Então, a visita a uma área protegida a um parque nacional. Ela é uma grande oportunidade para que as pessoas. Possam transformar um pouco a sua visão em relação à natureza, né? E aí, num cenário ideal, que elas passem a ser parceiras da conservação, né? Que a visita num parque, além de gerar oportunidades de Descanso mental, de confraternização com família, com amigos e tal que é importante. Mas que também a visita aqui gere é essa sensibilização, não é essa experiência transformadora da pessoa entender um pouco mais a importância disso tudo aqui. Então a nossa missão nessa agenda de uso público, ela é de que o visitante tenha cada vez mais a melhor experiência possível aqui dentro. E além disso, a gente tem, nos últimos anos ampliado a oferta de trilhas, atrativos e experiências. Aqui a gente tem aberto trilhas novas, a gente abriu setores de Escalada, a gente abriu a visita noturna aqui no roteiro, saltos, corredeiras, que é completamente diferente da experiência diurna de visita. Em breve a gente está estudando junto com a concessionária, aluguel de bicicleta aqui na estrada de serviço. Talvez a atividade de balonismo com pouso ou decolagem dentro do parque é canionismo. Já rola aqui dentro também no Rio Preto. Então a gente quer cada vez mais diversificar, né? Aumentar esse leque de oportunidades para que a gente possa atingir mais perfis. Na sociedade, e ter cada vez mais visitantes aqui dentro e aumentar a chance dessa experiência transformadora

acontecer. Assim eu te falei muito conceitualmente, né? O que que é o uso público na prática, cara, o meu trabalho é muito em escritório e em campo, né? Eu tenho as 2, as 2 coisas e gosto muito de ir pra campo e a gente tem uma equipe de campo só de uso público, são 6 agentes temporários ambientais. E com essa missão de abrir trilha nova e explorar, né? Locais, né? Aqui dentro do parque. Para que tenha um potencial de uso público para a gente abrir para visitação, é.

Bom, o parque como um todo por ser, né? Uma unidade de conservação de proteção integral e tal, ele já foi O limite dele, já foi desenhado buscando abranger as áreas mais importantes e especiais da Chapada dos veadeiros, né? Então, desde 2017, o parque tem 240000 ha e. E aí, pessoalmente falando, né? Como você me perguntou? Tem locais dentro do parque que, de fato, são muito especiais? A Serra de Santana, que vai de de Colinas da divisa de município a Alto Paraíso. Até quase o setor urbano de Cavalcante. É uma área muito especial, né? É uma Serra contínua de acho que uns 80 km de ponta à ponta, então, do ponto de vista geomorfológico e do ponto de vista biológico também. Ela é muito importante, né? Além das nascentes de né, de de córregos que tem na Serra de Santana e tal, então acho que ali é uma região especial. A região que a gente chama de Pouso Alto, saindo da cidade de Alto Paraíso e subindo em direção à Teresina Cavalcante. É também muito especial porque é a porção mais alta do cerrado inteiro. Então, é um cerrado de altitude que tem poucos lugares do Brasil a gente tem ali. Tem espécie endêmicas, espécies raras. E muita, muita nascente, né? Como é uma parte mais alta e lembrando que aqui a gente tá na bacia do Tocantins, né? Então, a Chapada dos veadeiros é a porção mais alta da bacia do Tocantins que vai lá pra Amazônia, né? Ela inicia aqui e passapelo estado todo e entra na Amazônia, então é uma bacia importante para o Brasil e várias das nascentes que lá na frente compõem o Rio Tocantins, estão aqui nessa parte. É dentro do parque também tem todas as nascentes do Rio Almas. Que depois passa ali perto da cidade de Cavalcante e entra no território kalunga e no território kalunga do vão de Almas, né, que é O vale do Rio Almas. Ele... Ele tem uma importância não só ambiental, mas cultural também, né? O vão de Almas é não sei se você vai chegar a entrevistar alguém do território kalunga, mas é bem importante. O vão de Almas, né? Culturalmente e socialmente, enfim. Então acho que e aí tem toda uma parte. Nova do parque, né? De 2017 para cá, no município de Nova Roma, em Teresina, e. É são fitofisionomias do do cerrado E paisagens diferentes do que a gente tinha aqui no limite antigo de

65000 ha. Então é uma área especial. Também tem o Rio de pedras, tem a Serra da Tabocas, tem o Canyon forquilha, algumas regiões bem especiais ali também para o extremo leste do parque. É no município de Nova Roma, fora, bom aí fora o Rio Preto, que é o Rio, que que tem os principais atrativos, né? De visitaçã do parque nacional. Então, todos, com exceção do da trilha da siriema, que chega no córrego preguiça. Todos os outros atrativos aqui da área de visitaçã em São Jorge são do Rio Preto, né? A caixa do garimpão corredeiras Carrossel, cariocas, então o Rio Preto é um Rio muito cênico, né? Muito bonito e fora da área de visitaçã, ainda tem locais como a gente chama Sete Lagoas, né, que está dentro da zona de preservaçã do plano de manejo, é uma zona que não pode ter visitaçã, só pesquisa científica. E é muito especial também é muito especial. Eu falei quase do parque inteiro, mas é isso.

Eu só lembrei agora, complementando, também tem ali perto da comunidade do moinho que tá fora do parque, mas bem próximo ali tem também é a cachoeira Simão Correia, o complexo Caldeira e a Chapada alta, que é um outro conjunto ali. Assim, muito, muito especial de cachoeiras e rios, É tem formações florestais do cerrado ali, então é bem bem importante também. Em relaçaõ à ameaça. Sim, nós temos ilícitos ambientais dentro do parque, né? Então, algumas vezes no ano, nós temos grandes operações de fiscalizaçã e durante o ano algumas ações de fiscalizaçã e sim, já tem atos de infraçã de desmatamento, de construçã irregular de atividades não compatíveis, né? Com o parque nacional e tal, mas eu diria que nossa grande preocupaçã é o entorno do parque. É o entorno imediato, porque algumas ameaças, como é desmatamento para agronegócio? É especulaçã imobiliária. Uso irregular, né? Do dos recursos naturais de perfuraçã de de poço e captaçã de água em em em rios a. As ameaças que vêm do uso de agrotóxicos. Né? Então tem, é e bom. Espécies Como Cães e Gatos que, por exemplo, São Jorge, moinho tem algumas comunidades que estão muito próximas do limite do parque e culturalmente na chapada infelizmente as pessoas criam seus animais domésticos soltos, tanto cães quanto gatos e esses animais domésticos causam um impacto enorme da fauna Silvestre. As pessoas não têm noçã disso, mas é. A gente tem até uma publicaçã recente sobre isso que, né? O ICMBio e a nossa equipe montaram aqui estão divulgando isso localmente e tal, mas é um impacto gigantesco de animais domésticos sobre a fauna Silvestre e a especulaçã imobiliária, está chegando a cada ano que passa. Parece que ela tem mais força de



impactar em torno do parque. Nossa preocupação, nosso receio, é de que o parque vire uma ilha de que todo o entorno do parque comece a ter impactos. É sem autorização, né? Com ilícitos ambientais e não é uma atribuição do ICMBio atuar no entorno imediato. Sim, o que pode impactar o parque. A gente pode fiscalizar, mas no entorno que não vai impactar diretamente o parque e tal, os outros órgãos, né? Municipais e estaduais têm que atuar. Isso não vem ocorrendo como deveria, né? Com a frequência e com a qualidade técnica que deveria. Então, cara, eu te diria que a nossa grande preocupação é em torno do parque. E essas atividades que eu falei. Além de caça e pesca. E pesca? Isso tem, não só fora, mas dentro do parque. Nossas operações de fiscalização já atuaram, né? Alguns infratores, pessoas que estavam praticando essas atividades dentro do parque e é uma preocupação grande também. A serra das cobras, ela tá ali no parque a Serra, mas. O um do um dos limites da Serra das cobras é o Rio dos couros. Então, se você pega a rodovia de Alto Paraíso em direção a Teresina Cavalcante, toda aquela paisagem que você vê entre a rodovia e o Rio dos couros, que aí você já vê a Serra das cobras ali não é parque. Então, cara, todo esse trecho é alvo de especulação imobiliária e é uma grande preocupação, porque ali é uma área um pouco menos acidentada e pode até impactar o próprio visual, né? A Serra não vai ser impactada, mas toda a parte mais baixa ali que não é parque, pode virar condomínio se não tiver um. Né? Uma regulamentação como deveriam.

Acho que o primeiro que eu destacaria é a repartição dos benefícios econômicos relacionados ao turismo. Então isso você ouve dos moradores, né? Se você entrevistar os moradores mais antigos aqui de São Jorge, você ouve muito isso, deles de que depois que a atividade de garimpo foi encerrada e a Vila de São Jorge se formou por causa da atividade de garimpo. O que. O que deu vida a Vila e o que dinamizou, né? Fez a Vila o viral que ela é hoje, né? Foi atividade turismo e muito em função é da marca parque nacional e dos atrativos aqui do parque, né? Hoje, o entorno do parque tem dezenas de atrativos em fazendas né, particulares e tal, mas durante muito tempo o parque foi o grande carro chefe ainda é, né? Assim, o grande atrativo da da. Da região, então acho que. O óbvio é esse, né? É o benefício social econômico que vem da visitaçã do parque nacional. E acho que tem outros também, né? Muitos brigadistas são das comunidades do entorno do parque de São Jorge, dos assentamentos moinho Cavalcante, do território Kalunga, né? E quando esses é moradores do entorno, ficam na nossa brigada 6 meses ou 2

anos, né? Dependendo do tipo de contrato, a gente busca sempre treinamento no das dos mais diversos temas, né? Semana que vem talvez tenha um curso de operação de motosserra, né? E tem várias atividades de educação ambiental. Então? Fica, né? No No pro, pessoal que trabalha diretamente com a gente. 11 legado de treinamentos e capacitação. Acho que a nossa atuação enquanto. Parque nacional, ela acaba sendo referência pro entorno do parque, então a nossa gestão dos atrativos aqui, a nossa gestão da visitação, ela é muito referência para os atrativos do entorno do parque. Então, O IC MBio acaba sendo uma referência técnica de como fazer, né? A gestão da visitação nos outros atrativos e tal. Tem lugares que você não tem referência, não é? Então, o turismo acaba sendo desordenado porque você não tem uma grande referência de como fazer esse turismo de natureza. Certamente tem diversos, né? Outros benefícios, mas eu ficaria nesses, né? É, a gente tem dificuldades de várias ordens e. Acho que o primeiro que eu destacaria é. A quantidade de servidores Na área ambiental federal. Então assim, existe uma visão da sociedade que o estado é inchado, né? No Brasil tem muito servidor público e tal. Na área ambiental, isso é completamente o contrário. A gente tem uma carência absurda, enorme. Né, de servidores, então isso faz muita falta, né? A gente acaba aqui, veadeiros, até nem é nossa realidade, porque a gente tem uma equipe boa e tal, mas se a gente olhar pro ICMBio como um todo, é uma carência enorme. Tem unidades na Amazônia de, sei lá, 1000000 de hectares com uma pessoa ou 2 pessoas. Então isso é um grande problema. E gargalo, né? Pra gente avançar na gestão das unidades de conservação, é a burocracia que você falou, ela tem quase todo um lado bom, lado ruim, né? Então, a burocracia na real, ela existe, existe para evitar a corrupção, né? Bom, tem vários outros motivos, né? Quem estuda A máquina pública e tal, vai falar que eu tô sendo muito simplista, mas enfim. Ela tem esse objetivo, mas ela cria muitas amarras, né? Então, por exemplo, a gente em breve vai receber 7 caminhonetes. 4 por 4 e tal. Então assim, o instituto tem capacidade de comprar caminhonetes. Mas se eu precisar trocar esse vidro que está quebrado, eu não consigo, não consigo. Não existe o recurso, a forma, ou então a forma é muito mais fácil comprar a caminhonete do que trocar esse vidro ou do que trocar aquele, aquela tomada. Ou sabe trocar essa porta? Então, às vezes, o serviço público tem coisas que são inacreditáveis, né? De de você ter amarras para coisas do dia a dia e... Borracheiro, cara. Nenhum borracheiro da região emite nota fiscal. A gente só pode pagar quem emite nota fiscal. Como é que a gente faz,

então? Eu. Eu vou para Brasília para ter um serviço de borracheiro. Não vou. Olha o custo-benefício disso. Eu vou, sabe, vou botar 12 brigadistas dentro de um carro para levar um pneu para fazer um remendo em, sabe, uma coisa que não faz o menor sentido, né? Não vou gastar, sei lá. 1000 BRL para, no fim das contas vai custar 10000 BRL para fazer e então a gente tenta aqui um parceiro, pague para nós e tal. Só que aí começa a entrar aquilo, pô, o parceiro pagando tem corrupção aí e não tem, a gente só está né, então a gente... Busca fazer isso com um instrumento que chama termo de cooperação. Onde tem algumas instituições locais que a gente tem formalmente um termo de cooperação e aí elas nos ajudam. Por exemplo, a pagar o borracheiro, né? Mas é. Cara, olhando pro contexto mais geral, acho que a falta de servidor é o grande problema e acho que o apelo social em relação ao meio ambiente ainda é muito pequeno no Brasil. Voltando naquilo que eu te falei, né? A visitação é uma ferramenta pra gente aumentar esse apelo. Então, por exemplo, tem educação e saúde, tem um grande apelo social. Se o governo falar que vai cortar recursos de educação em saúde, tem protesto, né? O povo vai na porta da prefeitura dizer que está tudo errado e aí, né, todo político sente a pressão de reduzir e concordo, não tô discordando, né? Saúde e educação e tal que. Seria bom que a gente tivesse a mesma. O mesmo apelo, a mesma força social em relação ao meio ambiente, porque. Qualquer esfera de governo municipal, estadual e federal se disser que vai diminuir pela metade ano que vem o orçamento do meio ambiente, nada acontece. Vai ter 2 ou 3 pessoas na porta da prefeitura ou um pequeno movimento, mas você não vai ter grandes protestos porque o governo está diminuindo o recurso na área ambiental, então acho que é um grande desafio. É esse de que a sociedade olha a gente. O que a gente está vivendo de mudanças climáticas está batendo na nossa cara. O rio Negro não tem água lá na amazônia Oo Rio Grande do Sul tem mais água do que nunca, teve. Está morrendo gente por causa disso né? De enchentes no Rio Grande do Sul. E a Amazônia secando? Então é. Que isso possa ligar o alerta, né? Na sociedade como um todo, assim no fim, talvez esse seja o nosso grande problema, né? Como a gente não tem pressão social pra investimento na área ambiental? Ela fica sempre no segundo, terceiro plano ali, né? Fica sempre entre as últimas da fila, né? Meio ambiente, cultura e políticas públicas para Territórios e populações indígenas, né? Combate à igualdade, combate ao racismo, igualdade racial. Então tem coisas que ficam infelizmente, né?

Por mais que ficam lá no final da caixinha, né? Acho que esse é um desafio pra gente

Cara, eu prefiro acreditar que dentro do parque tudo vai ficar igual, né? É. A gente tem impactos, né? Os incêndios florestais que eu acho que eu não falei antes, né? São um grande impacto e tal, mas a gente tem conseguido. É, desde 2017 para cá, né? Depois daquele grande incêndio catastrófico, nossa capacidade de gestão do ICMBio e de vários atores locais e regionais têm melhorado muito. Então assim, eu acho que a paisagem do parque. Em tese, imagino que daqui a 50 anos tá mantido. O entorno é a grande preocupação, como já falei, né? Precisamos de um grande esforço de todas as esferas de governo federal, estadual e municipal e da sociedade civil organizada, do Ministério público, todo mundo vai ter que estar atuando junto. Com um olhar muito. Atencioso, e técnico pro pra essa região da Chapada dos veadeiros como um todo. Porque se não, sim, o parque pode ser uma ilha, né? A gente pode ter os 240000 ha do parque e o entorno dele tá extremamente degradado. E aí o próprio parque começa a perder suas funções, né? Tem espécies que. Precisam de uma área maior do que o parque, né? Então o entorno é o grande desafio, lembrando que boa parte do entorno do parque é uma unidade de conservação. É área de proteção ambiental do Pouso Alto sob administração estadual do governo estadual de Goiás. E ela tem um plano de manejo. Ela tem um chefe, então ela. Tem um órgão de gestor que é a semad, então a gente precisa do governo do estado ter uma atuação na região. Para que todos juntos. A sociedade civil também a gente consiga manter a Chapada dos veadeiros minimamente com o seu serviço ecossistêmico, né? Mas quando você vem de Brasília para cá? Dá para ver o que aconteceu com as paisagens em São João da Alliança, boa parte do cerrado Lá foi suprimido para. Monocultura, então será que não daria para ter feito diferente? Porque a gente precisa da agricultura, né? Ninguém nega que a agricultura é uma atividade que a gente precisa, mas. Será que O latifúndio com monocultura é a solução do ponto de vista econômico, ambiental, social? Não sei. É isso, cara, isto é um grande desafio aqui. Eu não sei, eu posso dizer da minha expectativa, né? Eu espero que não só o parque, mas o Antônio do parque, continue com um bom grau de conservação. O que vai ser, cara... é. É temerário.

## Apêndice 10

### Depoimento Claudomiro Almeida Cortes

Cedido a Arthur Lacerda em Alto Paraíso de Goiás no dia 23/10/2023

Meu nome é Claudomiro Almeida Cortes, sou nascido e criado aqui na Chapada dos Veadeiros, filho de garimpeiro, filho de agricultor. E... Eu cheguei aqui, aliás, eu sou um dos fundadores da Associação Cerrado de Pé e a Cerrado de Pé é fruto de uma iniciativa do parque do qual eu fiz parte. Então, em 2007, eu falei com meu pai se eu podia ser brigadista, porque assim... Como a gente vivia da agricultura familiar, porque em 2007, já não tinha mais garimpo. Filho de garimpeiro e em 2007 já não tinha garimpo mais. E aí eu convenci meu pai, né, que eu ia fazer o curso da brigada, ser brigadista no período de julho a novembro e aí o contrato acabava no final de novembro, que já era o começo da chuva, eu voltava para gente plantar arroz e feijão que a gente vivia dessa agricultura familiar que a gente chamava roça de toco. Roça de toco é quando os ribeirinhos, que são essas famílias, vão com faca, enxada e foice, derrubam o Cerrado, cortam as árvores, aí dois, três meses depois a vegetação vai secar, eles limpam a área, plantam arroz, feijão, milho, tudo ali mesmo.

Aí entrei na brigada em 2007, trabalhei os 6 meses que a brigada contrata. E aí o pessoal gostou do meu trabalho e eu também gostei de trabalhar no parque e eles me convidaram pra continuar no parque fazendo serviços gerais. Aí eu era contratado como serviço gerais, mas eu fazia essa função de brigadista, acompanhava pesquisador, mas eu fazia mais trabalho de combate a incêndio. Mas eu fazia mais o trabalho de combate de incêndio, fazia o aceiro e na hora certa combatia.

Em 2009 começou um fogo ali no Pouso Alto, a área mais alta do parque, e como a zona era mais alta, o vento batia e empurrava o fogo pra dentro do parque. Ali a gente montou uma estratégia pra combater, começamos no início da noite, lá pelas 10 horas da manhã, a gente tava quase controlando o incêndio quando ele se espalhou e ficou fora de controle, subiu pelas costas da baleia e queimou 80% do

parque. Aí ficamos pensando como esse fogo espalhou tão rápido, esse incêndio durou um mês mais ou menos, aí depois a gente voltou pra ver o que tinha acontecido ali.

Aquela região do Morro da Baleia que é parque tinha uma área de 600 hectares de pastagem antes de ser parque. Antes de ser parque nacional, ali tinha um fazendeiro que desmatou o Cerrado e plantou plantas invasoras que são as gramíneas africanas não endêmicas do Cerrado. A criação do parque fez o fazendeiro sair, mas ele deixou pra trás essas pastagens. Aí quando o fogo chega nessas áreas de pastagem, o fogo espalha muito rápido. Aí a gente entendeu que a gente tinha que começar um trabalho de restauração ali, porque as espécies não são nativas, né. A gente tá falando de uma unidade de conservação. E outra, né, aquelas espécies que ele plantou pra criar gado, elas são mais agressivas que o Cerrado, o Andropógo cresce mais de um metro de altura e espalha as sementes por mais de 500 metros. A Chapada venta muito, foi espalhando as sementes pra dentro do parque. A gente viu que tinha várias áreas de campo que já tavam dominando ali. E ali surgiu a ideia de começar a restaurar. Mas como restaurar o Cerrado, né? Então, em 2009, a gente fez um experimento junto com o parque, a gente pegou 5 brigadistas com a foice, enxadão e enxada, a gente foi pra área.

Eu até lembro, a gente fez 3 linhas de 1 de largura com 50 de comprimento. Uma ia roçando a braquiária com a foice, outros com enxadão arrancando a braquiara, outros com a enxada arrumando ali. A gente fez uns 3 canteiros, vamos dizer assim. Saímos pra campo, coletamos 3,5kg de sementes. A gente fez a muvuca e jogou naquela área que a gente tinha preparado. Até me lembro, a gente voltou 3 meses depois pensando... Germinou? Pra mim semente nativa do Cerrado não germinava. Mas eu sabia que germinava sim, porque na época tinha uma lenda de que era difícil plantar Cerrado. Mas depois que a gente chegou lá e viu que nasceu tudo. A gente jogou semente numa escala tão grande, porque a gente pensou que não ia nascer. Aí quando a gente chegou lá e viu, nasceu uma em cima da outra, porque a gente jogou tudo uma em cima da outra (risos). Então, daquele dia pra frente a gente “nossa o Cerrado nasce bem, o Cerrado nasce bem as semente, vamos plantar”. Então, ali foi o início mesmo que ativou a gente, porque a gente viu que germina bem. Em 2010 a gente fez um experimento também, 2011

que a gente fez áreas pequenas, porque a gente iniciou ali com as pessoas que estavam no parque e o parque naquela época tinha o chefe do parque e o Fernando Ribeiro, foi o cara que deu uma força grandes lá atrás e nesses experimentos de restauração dar certo, foi um dos caras que iniciou, que teve a ideia junto.

Mas eu que puxava, eu falava “Fernando amanhã a gente vai coletar semente?” ele falava “não posso”. Mas eu entendia porque só tinha dois funcionários no parque, o Fernando era gerente de fogo, era fiscal e cuidava do aeroporto, então ele não tinha tempo, a gente também dependia do carro do parque e só tinha dois. Precisava também da ajuda da brigada. E aí eu ficava “Fernando a gente vai coletar semente, semana que vem a gente vai coletar?” aí chegava no dia não dava certo, mas mesmo assim a gente foi fazendo, aos poucos, mas fez. Acho que de tanto pegar no pé dele, um dia ele chegou de Brasília e disse Clau “achei um rapaz que vai te ajudar nesse processo de restauração” continuar as pesquisas, se chama Alexandre Sampaio, ele aí vir semana que vem a gente vai falar o que já fez e vocês dois vão continuar. Mas coisa pequena mesmo, a gente fazia coisa pequeninha. Aí ele chegou, falamos com ele o que a gente já tinha feito, as espécies que a gente já tinha trabalhado. Aí a tarde a gente vai pra campo, mapear umas áreas de coleta e incluir outras espécies. Descemos pra campo, fomos pro meio do parque, aí o Alexandre Sampaio começou “esse capim que até então... a gente só plantava semente de árvore... “Esse capim a gente vai plantar esse, vai plantar aquele”. Aí eu fiquei pensando, plantar capim xandão? Isso não dá certo não. Falou “Sim”. Ah capim tá certo não. Aí ele falou olha Clau, como dá certo a gente tá no meio do parque, uma área que é bem preservada, olha aí pro cê ver o tanto que tá cheio, olha as árvores uma com passada da outra, se a gente não plantar... se a gente tinha que areq que era cerrado e a gente não planta capim, os arbustos, você acha que a gente tá restaurando? fiquei olhando e pensei “o cara tá certo”. Mas a gente em essa cabeça de que é só a árvore, a gente ainda tá no cerrado, mas a cabeça tá que tem que plantar só árvore, aí eu vi que ele tava certo, né. Aí a gente começou a coletar sementes, já tinha umas maduras, aí ele falou olha Clau esse capim é o capim traquipol, vamo dar um nome? acha um nome aí... aí eu falei “ah capim fiapo” aí ele falava o nome científico e a gente falava o nome da região. aí eu fui dando nome sabe... a maior parte dos capins eu que dei nome principalmente pros capins, os arbustos, porque até então eu lembro que antes desse projeto a gente via o

cerrado e chamava essa capim de capim agreste, a gente olhava e parece que só via um capim, depois que a gente começou trabalhar com o xandão ele foi falando o nome científico dos capins e a gente viu que hoje já tem na chapada mais de quinhentos capins. que as pessoas que não conhecem não valorizam porque acham que o cerrado é uma coisa só, aí vai ver tem várias plantas endêmicas, que são as plantas que só têm na região... Aí eu comecei a coletar semente de capim. e na época eu tinha uma motinha. pegava a motinha em São Jorge e parava na beira da GO, na época era uma estrada de terra. São Jorge era uma comunidade pequena, todo mundo conhecia todo mundo. aqui a região todo mundo conhecia todo mundo. eu parava ali na beira da rodovia, tava coletando sementes e São Jorge não tem hospital, não tem posto, não tem... São Jorge, todo mundo que mora ali paga as conta aqui, vai em hospital aqui e abastece o carro aqui em Alto Paraíso. e eles passavam ali e me viam coletando semente, aí eles passavam “precisa de ajuda?” aí eu “não, beleza, tá de boa”. aí tem uns que paravam, tavam com mais tempo. e vinham perguntar “o que cê tá fazendo aí?” “Não, tô colhendo semente, semente de capim e tal” povo falava “uai, mas semente de capim?” “mas isso aí é mato... um nativo, filho de garimpeiro que curtia arroz, feijão e laranja, pra alimentar e plantar mato...” ali as pessoas não falavam, mas elas comentavam “esse menino vai ter futuro não”. Aí o povo falava em São Jorge que eu tava ficando doido. Aí eu parava lá em São Jorge, a gente conversando uns com os outros” aí uns comentavam “tá coletando pra plantar cerrado... mas coletando capim? isso dá certo ?” Aí eu falava que a doidura era do Alexandre Sampaio do ICMBio.

Aí em 2012 a gente fez a restauração de 3 hectares com capim, arbusto e árvore. Aí esse não ficou bom, porque a gente plantou muito... plantou capim, arbusto, mas plantou muita árvore. Aí nos primeiros 2 anos o capim e o arbusto vieram, ficou bonito. Aí como a gente plantou as árvores e o crescimento é mais lento aí as árvores cresceram, sombreou e matou o capim e os arbustos nativos. Mas foi bom que junto com o Alexandre Sampaio e a esposa dele que é professora da UnB. Eles trouxeram alunos para fazer mestrado, doutorado, fazer pesquisa. E aí nas áreas que a gente plantou a gente pôs muito carvoeiro. Então se a gente plantou 10kg por hectare, nasceu tanto... pesquisa ali e tal... então tem que plantar menos, vamos plantar x. Hoje a gente tem a quantidade de espécie necessária pra restaurar qualquer fitofisionomia que a gente quer. Junto com a UnB a gente tem a



parceria da Unicamp, Universidade Católica, todo mundo junto, pesquisando, buscando. A gente não tá fazendo no olho não, no começo foi um pouco no olho. Mas agora a gente trabalha em cima de pesquisa. Então ali surgiu a coleta de semente de capim, como coletar, como beneficiar, quando ela tá madura? Como coletar? A gente foi descobrindo, como beneficiar, quando ela está madura qual a quantidade, vê isso... E o bom que muita gente chamou de doido. A gente começou em 2009, caçando plantar cerrado, maneiras de plantar capim, arbusto do Xandão e em 2012 a gente já conseguiu incluir a primeira família e hoje tem 240 famílias, em média de duas a três pessoas que coleta em cada casa. Então, se somar meio por cima, assim dá... Dá de 600, 700 a 1000 coletores e que coleta desde território Kalunga, Cavalcante, Teresina, Alto Paraíso, São Jorge, Colina, São João da Aliança. Então toda chapada tem grupos coletores protegendo o parque, coletando sementes, plantando. Em 2012 a gente incluiu a primeira família na coleta de sementes. Aí a gente foi aumentando junto com Alexandre Sampaio, foi buscando, ficando recurso. A gente conseguiu fazer áreas maiores, mas assim, numa escala pequena, mas a gente foi incluir mais famílias. Eu sei que 2015 chegou aqui no parque, uma empresa chamada Norte Brasil. Hoje ela tem um nome de xxx e essa empresa ela tinha eu fazer 94 hectares de compensação ambiental, uma empresa de transmissão. Ela desmata para fazer a rede de energia e depois vem fazer a compensação né? Meio eu acho que o cara desmata lá pro lado da Bahia, e vem fazer a compensação aqui, mas também o bom é que essa compensação aqui precisou de muita semente para restaurar 90 hectares do sistema que a gente usa de semeadura direta. Não faz muda. Então, para você produzir muita muda, precisa de pouca semente para você restaurar. Cerrado com muvuca de semente vai muita semente e no final a restauração com a semeadura direta fica mais barato e mais eficiente que com muda. E aí a gente foi atender essa demanda. O parque intermediava esse grupo de coletores porque nós começamos a coletar sementes em 2009. Esse trabalho junto com o parque ali é praticamente do parque. Era o trabalho no parque, mas 2012 a gente incluiu essa família e depois foi crescendo. Era um grupo de coletores da Cerrado de Pé. Foi criado em 2007, então o parque intermediava esse grupo de coletores com as empresas e então essa empresa ia fazer 94 hectares. 2015 a gente fez 37 e 2016 a gente completou os 94, que foi 57. Então, em 2015-2016, precisava de uma demanda grande de sementes. Seis toneladas de semente, 2015, 2016 12 toneladas. Para a gente conseguir essa

quantidade de sementes, a gente precisava de mais coletores. Aí a gente foi dentro da comunidade, buscando coletores. Sei que no final de 2016 a gente chegou em 66 famílias. Só que pra 2017 a gente não tinha como vender sementes. Aquela empresa está cumprindo a compensação ambiental até final de 2016. Ele ia embora e nós ia ficar com 66 família que já coletava, já sabia coletar sem expectativa nenhuma, que não tinha associação ainda. E aí eu tava lá. Aí eu tava lá no parque como guarda, estava lá de guarda e chegou um carro lá.

Parou aquele moço. Olhei pro Chico,” já vi aquele moço” aí ele cumprimentou, falou que era o Marcos Palmeira da Globo, que a gente assistia na televisão. E aí ele perguntou se eu sabia informar sobre o grupo de coletores. Falei não, não, eu faço parte desse grupo. E na época ele chegou. A gente tinha dois galpão de lona que até foi o Alexandre que criou com eucalipto, colocou umas uns cano, colocou uma lona, amarrou, dois galpões, quatro por dez de comprimento, cheio de semente, apertado até a lona, 12 toneladas. E quando ele entrou nesse galpão, então foi ver 12 toneladas de semente de milho, soja é fácil, mas 12 toneladas de cerrado, né? Gerando renda para as famílias, preservando a chapada e restaurando as áreas. Mandando para o Brasil inteiro, mas essa de Minas que o povo conhece muito, que é o desastre de Mariana. Não é todos que você vê. Então ele ficou, coçando a cabeça, ficou me olhando. E aí eu tinha falado pra ele que 2016 eu acho que chegou no final de outubro, novembro, nós ia plantar em 2017 e expectativa nenhuma. E ficou assim e falou vou ver que eu posso ajudar vocês aí. Na hora pegou o telefone, ligou pro Sebrae e explicou um pouco lá pro Sebrae, é um pedido do Marcos Palmeira. Nossa, aí foi três semanas, depois veio o Sebrae com dez camionete até o presidente Sebrae veio. A gente ficou até feliz. Sei que era o pedido do Marcos Palmeira, por isso que vi aquele monte de gente, mas nós ficou feliz de ter recebido. Eu juntei as 66 famílias, eu falei com o pessoal do parque, Sebrae disse que a gente podia ajudar, só dinheiro que não, A gente só ajuda em capacitação do pessoal. É isso que a gente quer. A gente quer criar uma associação, porque como a gente não tinha uma associação, não tinha CNPJ, essas coisa, a gente não podia vender semente pra fora. Só aqui atendendo a demanda do parque, se não tinha demanda no parque, nós não vendia semente e para manter as comunidades constantemente tem que vender a semente. Como que eles tem que gerar dinheiro com a venda da semente? Aí o Sebrae nossa, a gente, a gente consegue sim, tal. Três meses depois já tinha criado o estatuto bonitinho, associado,

já dado umas umas capacitação para o pessoal da Cerrado de Pé os coletores. Bom, bora vender semente umbora, quem sabe vender semente? Olham um, pra a cara do outro. Não, eu não sei vender semente, sei coletar e beneficiar. mas vender nós não sabe. a foi, vê, tem A legislação precisa de não sei o que, precisa, nem a gente agora, nossa, enrolado. E aí a gente conhece a rede de Sementes. Aí a gente entrou em contato com a rede de sementes. Aí, aí ele já conhecia a gente também lá no nosso trabalho, Mas, explicou, se eles não faziam essa parceria para ajudar a gente a atender essas famílias, se a gente não vendesse essas sementes os coletores, ia parar e voltar a fazer tudo o que fazia. E assim que na conversa, no começo para eu convencer essa família que plantar cerrado compensava muito mais que desmatar, porque essa agricultura eu que vinha da agricultura familiar. Você derruba o cerrado e planta, ela mantém a família, mas é difícil, não compensa muito não. E aí as pessoas já tinham recebido algum dinheiro das áreas que a gente plantava. E aí a rede topou e começou a articular ir atrás de comprador fazer tudo porque precisa cumprir o mapa. Dia de cumprir, um bocado vai fazer um bocado de coisa. Precisa um engenheiro florestal para ser responsável técnico das sementes que hoje é a Natana. E aí a gente organizou 2017 que a gente não tinha expectativa nenhuma. Vendeu 105.000 R\$ para essas 66 famílias ali, para a gente que não tinha expectativa e vendeu. A gente ficou feliz demais. Só que a gente tinha um desafio grande, né, Porque a gente não tinha essa casa aqui, esse terreno a gente ganhou em 2018, lá pra 2019, que a gente construiu a primeira parte, e no galpão de lona ,velho ventava assim sempre sobra semente. As empresa que não comprava tudo, ventava, arrancavam, molhava perdia 500 kg, nois perdeu 500 kg de sementes os coletores. Aquilo ali desmotivava porque uma que você tirava um banco de semente do cerrado e ali molhava a gente tentava vender e acabava perdendo. Você tirava um banco de semente que podia ta ali no cerrado, dispersando e aumentando mais, restaurando o cerrado que todo ano queima e outra que você não vendia o coletor ficar na expectativa e o coletor não recebia. A gente olha molhou, que a gente não tem. Aí a gente conseguiu um depósito, um quarto mais, a semente, a semente atrai rato Aqui não, Aqui a gente sabe tudo, é mais aberto a gente combate os bicho não tem essa, casa pessoal, o que a gente só visita lá, porra semente estavam botando rato e as pessoas pedir para tirar a semente e aí não deixar onde era um sufoco. Mas aí a gente mandou um documento para feitura, ia lá todo dia, a prefeitura foi rápido cedeu esse terreno. Aí

doou o terreno, mas a gente tinha que fazer uma planta. A gente correu atrás do engenheiro, do arquiteto, fez a planta tal, tal, um voluntário, As pessoas que ajuda muito é, e aí a gente fez uma vaquinha, fez uma vaquinha, conseguiu 16.000, era 16, mas tinha porcentagem lá do site que era 5%. A gente comprou tijolo, comprou cimento, tal e ferro, juntou. Eu sei que aí depois nós ganhamos portão e conseguimos banheiro. E aí um mais de um ano depois a gente conseguiu um dinheiro para fazer e até foi do ISA, Instituto Sócio Ambiental, tocou lá com o Rodrigo, ele conseguiu um valor. Além disso, foi ter 56.000 R\$. Para a gente fazer esse primeiro galpão, a gente precisa de um galpão maior e não dava para fazer do jeito que queria, com telhado ecológico e uma telha térmica, né? Deus deu para fazer isso aqui. A gente fez, mas serviu, ficou um espaço onde ventila tal e é assim tá bom, não está muito quente isso aí. Bom, e ficou, foi acontecendo. Eu sei que tem mais no começo, 2009 a venda era menor, consigo a 20 mais e foi aumentando, foi para 80, 100 famílias. Aí saiu o primeiro nosso Globo Rural, então nós tinha cinco comprador no Globo Rural, subiu pras 35, escala pequena, grande, mas subiu de 5 para 35 comprador. Foi uma ajuda grande. Saímos divulgando. Eu sei que o ano passado a gente conseguiu gerar 600.000 R\$ esse ano se não chegar 1 milhão. Só que assim vai chegar. Fico feliz. O ano que vem também já está garantida a venda de sementes por causa dessa parceria com o Fundo Caixa, restaurando 600 hectares aqui na Chapada. Só que o ano que vem a demanda vence. Então, sim, eles têm nós junto com a rede. Aqui a Semeia tem que restaurar 600 hectares até o ano que vem. Então, do ano que vem pra frente, nós temos que correr agora, esse ano, o ano que vem para 2025, a gente conseguir garantir a venda da semente dessas 240 famílias para dormir. Então, toda vez, esse ano passado foi bom, esse ano é bom, o ano que vem já está garantido a venda, mas para 2025, a gente começa a correr. Agora que não tem ainda nada certo. Até 2025, tem muita expectativa que eu acho que vai acontecer. Eu acho que o mais difícil foi o início, aquele início ali nas pessoas falando que plantar cerrado era coisa de doido, mas agora, com o aquecimento global o povo está preocupado, o mundo e isso é um pouco da história da Cerrado de Pé, como foi iniciado. E funciona assim: a associação trabalha em 17 comunidades, e cada comunidade tem um líder. A gente chama de líder. É ele que faz o trabalho de organizar toda a semente, né? Ele vai na casa dos coletores porque assim, primeiro de janeiro, junto com a Rede Semente, a gente junto com todos coletores, a gente vai fazer a lista de preço, sabe? Quer dizer,

aumenta ? Tem sementes que um ano produz, outro ano não produz, tem semente nova que a gente está incluindo. A gente sabe que hoje preço de feijão, arroz tem uma tabela mais fácil. E esse preço de semente A gente vem construindo com as famílias. Então, a gente senta com todos coletores e a gente vai discutir o preço da semente jatobá do campo, o valor x. O que vocês acham? Não tá bom. A gente também orienta todo mundo que não adianta colocar um preço alto, senão não vai ter venda. O comprador não vai comprar e também não pode ser um preço muito baixo, porque se não o coletor não vai coletar. Tem que ser meio termo, todo mundo tem que ganhar. Então, a gente vai discutindo. O ano passado, mês tinha a Mutamba, a semente pequeninha tem que pesar, mas pequeninho, difícil para beneficiar. Então, num preço baixo, a gente reajustou não só ela, mas outras. Então, a gente fez o preço da semente, o preço ficou todas as sementes, coletou, não, espera, está bom. Tem umas que a gente ainda não sabe, porque é difícil você coletar semente de capim. Então as regiões têm muitas, têm pouca, aquela coisa, mas já o preço a gente já trabalha com preço bom, todo coletor aí já fica feliz. Talvez a gente não ganhe, mas não perde na luta, a gente já ganha. Fez o preço da semente, a gente vai fazer a lista de potencial, cada coletor e aí a associação e os coletores mais velhos, a gente que já com a rede também, o chão da usina Parque não. Isso, amigo, ajuda nós junto com os coletores fazer a sua lista. O coletor vai colocar ali quantos quilos de semente que ele vai coletar por ano. É um chute, mas como um coletor já coletor, temos coletor experiente, ele já sabe mais ou menos quanto que ele coleta por ano já tomado cano. Aí o cara sabe que esse ano produziu muito. O ano que vem não vai dar, que é uma semente que dá todo ano a copaíba de quatro em quatro anos, Buriti em quatro, quatro anos, Pequim dois dois anos. Então, que já sabe ao pequi não vou por porque não vai pegar e não vai produzir, então o coletor coloca lá a quantidade fechou todos coletores, colocou, fez, o seu potencial junto com a rede. A gente fez ali, vamos dizer. Jatobá Eu fui dez, depois 20, depois de cinco, depois. Então, vamos dizer que o Jatobá deu uma tonelada. Essa tonelada de Jatobá, se todas mais faz de tudo que a rede, junto com a Associação, vai em busca de compradores e as empresas têm fazer a compensação. A gente já tem uns clientes também oferece ali para eles, né? E ali começa aí a venda o projeto da Caixa. A gente também tem uma parceria com a WWF. Esse ano a WWF está plantando 20 hectares e a Cerrado de Pé também está atendendo a empresa, uma Cargill que é 57. A Cargill só esse ano, mas a WWF o

ano que vem vai plantar 50 hectares, então isso já está garantido. Então assim, o ano que vem a gente já tem 50 hectares, já está garantido. A gente já viu o quanto de semente a gente vai precisar ali, então o coletor já começa o ano coletando para atender o pedido da caixa que um ano vai ter e o ano que vem vai ter. E o projeto da WWF então, a gente já tem ali uma quantidade de semente, já motiva os coletor, coletar e depois no meio, por fim, e vão aparecendo mais compradores. Então tem dessas 17 comunidades com os líderes ali fazendo esse trabalho, acompanhamos coletores e é aí assim, começo do ano a gente começa coletar fevereiro, coleta semente de capim e mais ali para junho, semente de arbusto. Em agosto, dia 20 de agosto não recebe semente dos capim, dos arbustos, de todos coletores. Aí a gente já tem uma quantidade de compra de cada espécie. Aí a gente atende os clientes recebendo a semente, entregamos o pedido e eles pagam e a gente paga nos coletores. Então tem, na verdade três pagamentos por ano. O primeiro é porque assim sobra semente, a gente vai vender uma grande parte, mas sobra semente pro ano que vem. Então tem uma venda também no começo desse ano e termina no começo do ano que vem. Então assim, no começo do ano, a semente que sobrou vai ser vendida. O coletor recebe em agosto de novo, alguns recebem também dos capim dos arbustos, aí eles começam a coletar semente de árvore. Novembro agora está entregando, agora em novembro já recebe três pagamentos. E porque a gente não faz pagamento, o coletor entrega aquela semente. A gente paga porque o comprador não paga na semente, ele paga, depois entrega o produto, eles pagam como a gente. Então o fundo até a gente vem buscando junto com os parceiros do edital a gente quer criar um fundo rotativo na Cerrado de Pé. Então o coletor recebeu uma semente, ele entregou, tá vendido ali, tá ali, é garantia. Já um contato com a empresa que vai comprar ali a sociedade já repassa e quando a empresa pagar aquele fundo volta o fundo que o ano que vem vai servir para os coletores, mas a gente não tem como conseguir mais, estamos atrás. Mas não tem mais para tanto tempo que não faça mais isso não. Pode fazer a vontade de boa.

### **Como é que você descreve assim a sua relação com o Cerrado?**

Não é porque assim é. Eu sou nascido e criado aqui, né? Eu veja se é que não te falei hoje no dia, no carro, eu busco na minha mãe, não na minha memória que teve quando era menino. Dez, 20 anos, 30 anos atrás. E o cerrado, como ele

está hoje. E imagina ele daqui a dez, 20 anos pra frente? Do jeito que está? Eu tô falando que é da Chapada, que ainda está preservado se continuar nesse ritmo de incêndio, a monocultura, muita casa, loteamento. Olha, se a gente não começar a olhar para a conservação do cerrado, daqui a um tempo não vai ter água. Tô falando de água, mais tem tudo a gente fala de água, que é o que mais a gente tem medo. E é como a gente nasceu, criou aqui, eu tenho comigo, acho que com todos coletores, que nossa casa não é aquele 50 metros quadrado, a nossa base ali, nossa casa, ali não. A gente entende que toda chapada é assim, não só todo chapadão, formado, chapada, porque a gente mora aqui, mas todo o cerrado, todo o Brasil, todo o planeta. A gente tem que contribuir aqui. Se a gente preserva aqui e em outros estado ou em outras comunidades, não preserva. A gente sabe que a Terra é conectada. Faça uma comparação é igual nosso corpo. Quando a gente dá um bico numa pedra, machuca o dedo. Mas o olho vai chorar, o nosso corpo todo vai sentir para mim igual a terra. A mãe natureza está conectada. Se você desmata lá na Amazônia, sabe? Cerrado Vai sentir desmata no Cerrado, a Amazônia também... porque isso está conectado. A gente sabe que das 12 bacias hidrográficas do Brasil, 8 estão no cerrado, então o Cerrado é a caixa d'água no Brasil. Se nós desmatarmos aqui, não vai ter a água daqui. Aqui as nascentes, não vai ter água em outros lugares, vai secar aí. Se a gente hoje eu vejo que o Cerrado está servindo de celeiro para preservar a Amazônia, sabe? Cada dia, a cada mês as pessoas mostram que está cada vez aumentando a porcentagem de desmatamento. Só que o mundo não esquece ou nós esquecemos que nós estamos na caixa d'água. Então, essa relação minha com o Cerrado, sei porque eu nasci, criei aqui e eu vi muita nascente, muita vereda, muito campo, muito campo úmido, que tinha água o ano todo e hoje não tem. Conto aqui. Vou citar algumas. O Ali, o Lageado, A Bailarina no morro da Baleia, tem o Siriema que me cercava, tinha o abismo. Quando era menino, não secava. Hoje, passou a chuva dois, três meses seca. Não tem água nem pra pássaro beber. Então a gente está vendo que tem muito incêndio, desmatamento, gente vendo que está tudo secando. Outra coisa que eu pensei muito, porque assim, desde menino andava no cerrado e eu também. Meu pai plantava arroz e ali tinha que vigiar a roça de arroz. Tinha muito. A gente chama aqui de sereno. Hoje, se chama orvalho, então cedinho a gente tinha vigiar a roça de arroz, o arroz estava molhado ou a gente andava no cerrado. Estava molhado desde a época seca, porque tinha esse sereno que a noite molhava e estava molhado,

úmido. O cerrado. Hoje, qualquer época ou qualquer hora da noite, madrugada cê anda, não tem mais sereno porque está muito seco. Em 2007 a gente estava com a política de fogo zero. Se a gente fazia uma aceiro em volta do parque, não, a gente queimava uma faixa em volta do parque, o Fogo fora do parque não entrar, para não entrar, a gente queimava, que lá a gente fazia aceiro negro. Aqui no outro ano, quando a gente ia fazer o acesso, a onde a gente queimou ano passado, não queima, não queimava, queimava. Aqui um ano, um ano não passou, não queimava. Esse ano de 2016 para cá, você faz o bife, que é muito aquele manejo integrado do fogo. Você queima que o colocar em maio ainda pega um pouco de chuva quando chega outubro, novembro até setembro o fogo queima a mesma coisa que não tinha, que não teve queima esse mês. No mesmo ano teve incêndio aqui no parque nesse ano que vem queimando onde era MIF que ele fez em maio, o fogo queimou a mesma coisa. Vai diminuir o tamanho do fogo. O fogo é menor, mas queima. Queima até duas vezes no ano. Mas em 2007, quando eu fui brigadista, disse que mal num ano passava um ano você queria queimar, não queimava ficar dois anos sem queimar. Então a gente está vendo que o planeta vem secando e rápido até um ponto que quando a gente começou a plantar, a gente trabalhava na expectativa da gente controlar o aquecimento global. Hoje a gente tem essa, esse trabalho pensando que vai controlar. Então a gente tem dúvida será que a gente vai conseguir mesmo? Cada dia aumentando, a gente planta. Este ano, junto com os parceiros, a gente vai plantar 300 hectares, mas eu sei que só numa área e derrubou 1000 hectares, você planta uns 30, cara, derruba 1 milhão. Mas estou na luta agora

como Você avalia a participação da comunidade na preservação do cerrado?

Fundamental... Se a gente pensa em preservar, falar, a gente pra deixar mais aqui, mas se pensa em preservar o Cerrado. Eu tô falando aqui da Chapada, estou colocando foco na Chapada, sem envolver as comunidades não tem como preservar uma área tão grande. se a gente incluir as comunidade igual a Cerrado de Pé tá fazendo envolvendo as pessoas que nasceram e conhecem e estão vendo qual é a visão de qualquer coletor disso? Qualquer pessoa que mora nas comunidades pode chegar para ele e perguntar a ele como que está o nível dos rios? Como estão as nascentes? Pergunta nas comunidades falar que esse rio não secava, está secando



e esse que é maior está quase secando aquela vereda. Ali, qualquer época do ano nós pisávamos, afundava, ou se pisava, o chão chiava por causa do barulho da água. E hoje você pode passar pelo campo ta seco. Então as pessoas já estão vendo mais como que essas pessoas preservam o cerrado que não tem outro meio, sobrevive onde comer e tirar o cerrado. Você vê o Cerrado de Pé, com trabalho de coleta de sementes, dá para a gente incluir muita coisa. Artesanato. Tem muita coisa. A gente já consegue preservar, gera renda para quase todas pessoas. Imagina se tivesse mais apoio. Então, hoje as comunidades, se as pessoas que conhecem, talvez a gente monte um grupo aqui junto com a rede, com o ICMBio, ou vão treinar os Kalunga, vamos dizer, os Kalunga, mas é qualquer comunidade. A quarta semente é essa que ensina a gente, né? A gente fala sim que vai treinar porque é o jeito mesmo e tal, mas assim eles sabem tudo. Então se sabe coletar, sabe, ele sabe, sabe como plantar, as melhor técnica até fico mei... tem um pessoal aí que quer ensinar os Kalunga a plantar... Mas ele sabe tudo. Então se a gente não envolver as comunidades na conservação, não, não adianta velho. Para mim eu tenho uma historinha assim pra você que está mei.... Quando eu comecei com esse trabalho de coleta de semente, quando eu chegava nas comunidades com carro de ICMBio porque era brigadista eles saia correndo gritando "IBAMA", "IBAMA", com medo. Mas aí as pessoas foram me conhecendo, então quando eles via o carro do parque, depois ao lado do Ibama, já falavam "ah, é o menino da semente, homem da semente". Aí fui conversando, então aproximou muito as comunidades com as fiscalizações aqui, com os órgãos que fiscalizam aqui. Então, quando eles viam o carro do ICMBio e hoje nós vai no caminhão e vai na caminhada na cidade pé, isso fica feliz. Está vendo que as coisas estão mudando, é bom que mudou também. Hoje eu vejo que as comunidades vêem esses logos que fiscalizavam como parceiros, eu vi um pé atrás, mas assim, se não envolver as comunidades nesse trabalho de conservação, esquece. Nós não conseguimos manter o cerrado de pé sem esse povo

### **memórias mais marcantes que você carrega?**

Olha, gente, eu tenho várias histórias marcantes, mas acho que a que mais me marca é a da primeira coleta de sementes que fizemos. Comecei coletando com

poucas famílias, e hoje chegamos a 240. Muitos chamaram de loucura, mas eu entendo. Acredito que o Alexandre também estava ficando assim. A coisa que mais me marca é quando eu entrei pela primeira vez nas comunidades. Antes desse projeto crescer mesmo eu fui na casa das pessoas nas comunidades... Entrei em casas de palha, barro, taipa. Não estou falando de eletrodomésticos, estou falando de comida. Praticamente nada de comida. Acordar de manhã, não tinha café, almoço, nada. Assim começava o dia, indo pescar. Fiquei pensando: "Caramba, nós estamos no Brasil, um país rico, e há tantas pessoas passando fome". Então, a gente pensa cara, não é bom... Está lá na Constituição o direito de tomar café, almoçar e jantar. Com o nosso trabalho em uma das primeiras vendas, um coletor comprou um bezerro com um pé de Cagaita. Ele coletou a semente, beneficiou a semente, vendeu para a empresa que está aqui restaurando. A semente foi vendida, só que ele pegou a polpa, beneficiou e saiu vendendo. Vendeu aqui. Ajudei a vender em São Jorge, que é um lugar turístico, tem muita lanchonete e restaurante. Com um pé de Cagaita a semente, a polpa. Ele juntou 600 R\$ e comprou um bezerro. aí ficou feliz. Eu até brinquei aqui que dinheiro dá em árvore.

Depois entrevistei uma moça que ficou muito feliz porque comprou meio lote em Cavalcante com o dinheiro da semente de 2007. Foi juntando, juntando. Tem outra ali perto de Teresina que comprou uma casa com dinheiro de semente, construiu uma casa. Falou que a maior parte do dinheiro foi de semente, né? Eu falo isso porque ela falou, ela sempre fala que temos que falar. A gente tem lá, e ela até falou? Tal ano vocês me pagaram X, a gente tem os comprovantes. Aí ela fala "Essa parte paguei a parcela, sabe?" Então a gente está vendo a conquista. Uma conquista tão simples para nós, mas para eles é tão grande. Quando começamos o projeto, já tivemos a primeira família incluída. Mas chegou um ponto que as coisas sempre são difíceis, é muita gente, assim, pessoal amigo ali que tinha comércio, né? A cabeça das pessoas sempre é voltado, a, trabalhar só ou ganhar dinheiro. falavam assim " Clau, Por que você não monta uma empresa? Se você montar uma empresa cê vai ficar rico. Falei, rapaz, mas ai não faz sentido, né? Nós que quer conservar, preservar. E já tem, né? Eles tinham um grupo de coletores, já não, não tinha associação mais. O grupo de coletores. Né? Ali pouco, mas tinha, né? As pessoas até agora né? ajudô? Né? Nesse processo vou fazer isso. Não vou fazer essa processo mesmo. Nós vamos incluir pessoal, vamos juntar todo mundo e eu hoje eu

vejo, se eu tivesse continuado, né? Se eu continuar, não, se eu tivesse ido assim, na ideia de muitos ou com essa ideia de ganhar dinheiro. A coleta de semente, né? Eu estava lá atrás. Né? Coletando pouco e esse projeto não estava grande igual está hoje, todo mundo junto. Por isso que Eu Acredito se junta à comunidade, junta pessoas no mesmo objetivo, acredita. Velho velho. A coisa vai. Então, hoje nós tem a sede da Cerra de Pé, nós tem essa casa de semente. A associação já tem carro hoje, né? Já saiu toda essa TV que você imaginou? Já saiu na China, já saiu no New York Times, já saiu na TV, seria o Jornal Nacional lá da da Espanha. Esse ano, não. Assim, estou falando porque você vê, não é tanto que trabalhar junto as coisas, vai. Ter o Congresso de restauração, né? Todo ano vai para um país, é do mundo todo. Esse ano foi na Austrália, né? Eu não fui, mas o ano que vem eu quero ir, que é na nos Estados Unidos. E foi muita gente de Brasília ali, do do do Xingu, né? No Mato Grosso, que também mexe restauração foi e quando ele chegou lá, né? No Painel no fundo, assim está a minha foto da Cerrado de Pé , Grande... Né? Quando ele chegou lá, caramba, tira o teu foto, mandou pra nós, viu, né? A foto minha e assim não era uma coisa de sair, não estava ali. todo o projeto que ia apresentar do mundo todo, né? Ali, que tinha o público e tinha ali, né? Onde as pessoas vai ali pra apresentar o projeto, né? Saía a foto da da Cerradop de pé, a minha foto ali, né? Para vários lugar do do mundo. Então aqui traz assim, né? Quando a gente trabalha Unido, E juntando comunidade, trabalhando velho, muita gente faz a força. Se eu tivesse tentado trabalhar sozinho, igual muita gente a falou, que dava mais certo, criando empresa, comprar e revender. Hoje, nós não tinha uma estrutura dessa, não tinha mais de de de de 700 pessoas coletando. E outro outra Conquista que a gente teve lá em Minas iniciou, né? Lá no norte de Minas, iniciou um. Tem um projeto que ele chamou a gente para treinar e eles lá a gente foi, deu curso, já tem mais de 30 pessoas coletando semente, espelhando na Cerrado de Pé lá em mambaí e tem outro grupo aqui em Tocantins, tem outro, tem um grupo aí querendo que a gente vai, mas é muito corrido, mas a gente vai organizar que lá no Piauí. Mesmo que a vegetação é o outro, mas o que a gente tem de experiência que a gente passar para eles, para eles ir já dá um pulo, né? Porque tudo que a gente sabe já passa para eles. Tem que melhorar até em nós, mas ali já dá um pulo, né? Já começa a fazer, né? Já iniciar uma coisa aonde já a gente já tem essa experiência lá no Rio Grande do Sul, nos Pampa, né? Tem um grupo lá, está iniciando também, quer que a gente vai... Então tem muita Conquista, tem muita coisa acontecendo. E junto com tudo

que está acontecendo, que eu falei para você, a gente criou uma meta que é coletar e plantar semente na quantidade de estrelas no céu, né? A coisa está indo, chamava de doido. Hoje tem 240 família coletando. Tem gente lá em Minas, tem Mambaí, tem num sei a onde... velho e ainda para fechar, tirou esse governo nosso não, eu não era o governo Bolsonaro junto com o Ricardo Salles e hoje tem um governo com a Marina. Aí que anima nós cada vez mais. Eu vi lá, você estava lá em Brasília, eu. Vi que é. Trazer. Ela é. Vou traz. É, eu acho que nós já pôs uma pulga na orelha deles. Acho que vamos trazer eu. Posso fazer a tua? Pergunta. Pode, a. Conversa está bombando, eu gosto de. Ouvir. Não, não vamos falando que esse museu aí tem que sair com uma história boa da da semente. Aqui tem história demais. É pensando, né? Em tudo que você falou eu fiquei pensando assim, como que que você EE pensa assim, quais são suas perspectivas para a preservação do cerrado aqui na Chapada dos veadeiros? Tem muita coisa acontecendo, não é? Tem esse MIF que é o Manejo Integrado do Fogo. E para somar mesmo, acredito, tem as brigadas voluntária, né? Que faz um trabalho nossa e assim muita gente envolvida tem a Cerrado de pé plantando. Mas só que assim é num... velho. Olha, a gente tem animação muito grande, mas não vai ser fácil não. Esse ano teve pouco fogo, né? A gente ficou bem animado que teve pouco incêndio. Mas eu vejo que a soja ta entrando dentro do Alto Paraíso. Qual a expectativa nossa? Tem muito projeto bom, mas tem muita coisa acontecendo aí. Tem até mineração dentro da Chapada. É assim lá perto de Colinas, se puxar uma linha reta do parque lá deu... Acho que foi 15 km. Dentro da APP, né? Da APP, não dentro da do, da APA do alto, uma empresa minerando dentro da Chapada, dentro da APA, assim roncando, morro assim, né, tem outro aqui que até da Magda Mofatto. Mas eu sei que é dela, tem uma laranja... até fechou as águas quente. Alguns, as águas quentes, morro vermelho. É jequitiba, Éden piscina, né, que é a água sai quente, né? Que vem profundo, esse fez ali, a piscina fechou uma empresa querendo minerar, né? Que faz água quente também, mas querer minerar o ouro, tudo. Então trem ta feio fechou as águas quente, né? Porque eles registrou o solo que é minerar, né? Não só água e trem tá feio. Né? Em Cavalcante e minera, tem mineração também tem empresa minerando. Então, assim, tem muita coisa acontecendo. Boa tem, mas. Tô vendo que as coisa ruim é maior que as coisa boa que tá acontecendo. Melhorou, né? Com esse governo que entrou, né? Parece que essa empresa que está minerando teve que regularizar algumas coisas, então ela tem que melhorar. Então deu uma paradinha, ela vai

continuar, mas deu uma. Os incêndios diminuiu? Olha. Vamos lá, né? Mas nós é mais, né? Não é possível. Nós vamos deixar a Chapada acabar? Nada. É pra fechar de vez de vez mesmo é falar os locais assim que você já restaurou que é serrado de pé. Já trabalhou aqui Na Na Chapada dos veadeiros diretamente assim com a restauração. É hoje, né? A as maiores que a gente tá restaurando aí dentro do parque, né? Hoje tá chegando quase 500 ha do parque. A gente tem áreas fora do parque, né? Em parceria, né, com outros, né? Com a rede com a semeia, a gente tá restaurando lá em São João da Aliança. Aqui na fazenda São Bento, fica em Alto Paraíso e lá em São Domingos. É, e a maior dificuldade hoje da restauração hoje que eu visto, não é nem recurso numa época, era uma. Hoje eu vejo que é fácil, fácil, não é, mas consegue recurso igual. A gente fez parceria com o fundo do caixa para restaurar 600 ha aqui na Chapada. Hoje está difícil é as áreas. Né? Então quando a gente conseguiu esse projeto da caixa para restaurar 600 ha aqui na bacia de Tocantins, a gente puxou, né? É no... No CAR (Cadastro Ambiental Rural), o fazendeiro coloca ali que quer regularizar suas propriedades, mas ele coloca, porque você não coloca lá, que tem interesse e não consegue o crédito, né? O empréstimo? Mas quando você chega lá e lá, a gente vê que eles têm... e aqui, próximo de Alto Paraíso tem uma fazenda que chama fazenda Vereda, que ele tem 15 km de beira de Rio, chama fazenda Vereda que era uma fazenda, era um Jardim de maitreia. Muito Buriti, derrubou tudo e plantou soja. Então ele tem que recuperar 15 km de beira de Rio de APP Não convencemos ele, não quis, não só ele, não. A gente andou, todos fazendeiro aqui e a gente ia cedo. Conversava com ele grosso. Passava 2 semanas, ia, o outro, ia nós mesmo e revezando, conversando e tal. Então, assim, o mais difícil hoje é conseguir áreas. A gente sabe restaurar, né? A gente consegue, né? As compensação ambiental, igual a gente conseguindo. Mas as áreas para restaurar... por isso que está localizado no parque parque, tem area para restaurar. Hoje, o parque tem 3000 ha para ser restaurado e a gente vai fazendo, conversando com os fazendeiro e restaurante do parque e que em alguns fazendeiros a gente está fazendo. Então assim tá acontecendo, tá? Mas uma coisa importante também que a gente, além de fazer a restauração, tá preservando, tá gerando renda ,incluindo a comunidade da região. A gente tá fazendo Jardim de Cerrado Né? Junto com a Mariana Siqueira e agora virou moda fazer jardins de cerrado plantar, chuveirinho cadela, dinheiro tudo, né? Os dados Capim. Então a gente já fez um telhado verde aqui na Chapada e fica ali na casa jubarte. É um,

depois você pode ter pesquisado no Instagram que é casa jubarte. Depois te mando a foto velho, então a gente já fez jardins, né? Em rotatório de Brasília as pessoas passaram para conhecer o cerrado. Se a gente já não trazer o cerrado, as pessoas conhecer igual eu, né? Que na época nasci, cresci na roça, mas não conhecia. Eu conhecia assim. Depois que passei a trabalhar no parque, conheci a importância do cerrado se a gente, não levava o cerrado pra pra cidade, pra universidade, para as escola, para as pessoas conhecer, saber que o Cerrado... Cerrado, né? A caixa d'água do Brasil hoje já está chegando em quase 13000 espécies só de planta no cerrado, 5% da biodiversidade do mundo está aqui. Que o cerrado é uma floresta de cabeça para baixo que os capim arbustos pessoas, vê ali pequeno, pô, só olha para cima, na árvore? Mas as pequenas, não valoriza mais os Capim, é quem segura a água quando a água vem da chuva é o Capim, retém essa água. Você pode olhar com os Capim, tem um pelinhos, né? Ali faz um papel de esponja, chuva, bate ali os capinhos, segura a água, retém aquela água aos poucos vai sendo infiltrada. Se não tem os capis e os arbustos a água vai embora cai, nos cai no Rio, vai embora. Então os Capim é importante por isso que Cerrado que é caixa Dagua do Brasil. Né? E o cerrado com essas raiz profunda, né? Já vi pesquisa falando, né? Que as que uma árvore do cerrado, ela cresce 20 vezes mais A raiz que a parte aérea Se você tem árvore de 5 m, vamos dizer de 4 a 5 m. A raiz se tem 20, vai dar 100 m de raiz de profundidade, então Capim segura essa água e as raízes vai ajudando, né? A infiltrar porque ela a raiz é profunda. Vai ajudando, né? Que a água infiltra no solo e a gente tem água nessa nascente, formando Cachoeira. Então os Capim, né? Os arbusto, que não é visto, fala que é um cerrado degradado, mas não é. E para isso a gente tem que, né, fazer esse trabalho de de restauração, tem que levar as pessoas para conhecer, fazer Jardim de cerrado dentro da cidade e mostrar para as pessoas, né? O que é o cerrado? Só assim a gente vai conseguir que as pessoas realmente conhecem, né? O cerrado e começa a valorizar, senão um dia é tarde. E aí a gente tem, né? Esse aquecimento aí que cada dia vai esquentando cada vez mais. É isso, é isso, fechado. Finalizar, tem que bater, fazer. PUSHHH !!!!

## Apêndice 11

Depoimento Edilberto Sebastião Dias Campos

Concedido a Arthur Lacerda no dia 04/11/2023 em Alto Paraíso de Goiás.

Entrevista, Edilberto.

O, meu nome é Edilberto, Sebastião dias Campos.

E eu sou anapolino com o nome Goianiense.

E, também brasiliense. Eu sou um goiano brasiliense e escolhi ir pra Chapada pra vir vivenciar como é...

Terceira idade e o fim, né? Uma fase tipo, uma nova fase da vida em Alto Paraíso, estudando história local.

Apesar de ser licenciado em história, eu trabalhei mais na área de arquivo, biblioteca, centros de documentação,

gestão de documentos e não trabalhei com história, então vim para Alto Paraíso realizar esse sonho.

Ir pra e essa pesquisa histórica aqui, ela precisa é.

Primeiro, quase que fazer uma arqueologia de Fontes.

Pra saber qual esse mosaico cultural construído em 300 anos de história que tem aqui no local.

Temos um mosaico fantástico.

O processo de imigração que começou pra cá foi intenso desde a sua origem.

Muito marcante, tanto que Chapada dos veadeiros é

um território já marcado no mapa no início do século 19.

É, então...

Goiás nasce em 1749, então, como se, 60 anos depois o mapa já tem escrito Chapada dos veadeiros.

A...

Então, o processo de povoamento aqui seja por ocupação temporária em função da caça, em função da mineração ou em função do transporte de mercadoria, então é a de passagem.

então havia um movimento intenso aqui, apesar da quantidade pequena, de habitantes. então Os locais de moradia formavam pequenas vilas ou mesmo nem Vila, povoado.

Ah, enquanto residentes, moradores eram povoados,

Mas o movimento de exploração Dos elementos da natureza em função de interesses económicos, né? Alienígenas estrangeiros aqui?

Vem aqui para fazer... É como se fosse um grande garimpo.

E nesse grande garimpo, garimpo, se tem tudo ouro, Cristal, viado.

Onça, né?

Então, assim, agora o grande momento é o momento da água.

As cachoeiras.

Então agora é o grande momento da exploração das cachoeiras.

Os locais da então...

Uma rica Chapada, fabulosamente rica Chapada dos veadeiros.

E pouco conhecida.

Há uma necessidade muito grande de produção de informação sobre Chapada dos veadeiros.

E é justamente por causa para atender essa necessidade. É o que eu pretendo dar. A minha contribuição é essa.

E com um prazer enorme, porque me Permite realizar o sonho de entrar na história de Goiás e me permite também aprofundar o...

Me manter ainda fortemente vinculado a Brasília.



E especialmente porque aqui em Alto Paraíso, aonde eu me sedi para realizar a minha pesquisa também aqui tem um polo de extensão da universidade. Eu já estou então vinculado a ele, como pesquisador, colaborador.

E em função dessa primeira pesquisa, a minha, a minha primeira pesquisa é não é bem a uma pesquisa de história, é uma pesquisa de memória e eu preciso de um levantamento de um registro desse grandioso acervo de memória que tem aqui na região e começando por Alto Paraíso. Pretendo a Chapada dos veadeiros, mas no momento. A primeira parte da pesquisa acha Alto Paraíso.

E fazer um registro dessas Fontes pra nós que são Fontes, Marcos, é que nos permite referenciar. Uma narrativa do processo histórico que...

E consistente com uma cronologia de fato real. Você entendeu, não é? Tirar o processo histórico, da narrativa, da imaginação. Simplesmente é, né? Como?

Mas trazer para uma na construção de uma narrativa baseada em levantamento de dados e informações que permite é....

Descrever esse processo de Conquista e ocupação construção desse território chamado Chapada dos veadeiros.

E como que é a história dessa região? Se encaixa?

Na história de Goiás.

Porque Goiás também conhece muito pouco ou quase nada sob Chapada dos veadeiros

Então?

Então, é essa a intenção a?

O projeto ... no projeto eu coloco em prática tudo o que o conhecimento, a experiência acumulada como é na área de memória e em que eu prestei consultoria e....

E muitos projetos, então muitos projetos....

Então, assim, todo esse know-how acumulado agora agora, fácil para mim fazer? Esse levantamento, contudo, é necessário. É como é que fala? Tem custo, como todo o projeto tem custo, então o desafio no momento é conquistar o Patrocínio.

A captação do recurso para custear esse projeto...

E para isso foi criada uma vaquinha virtual.

E para fazer a campanha para chamar as pessoas a contribuírem com a vaquinha e para isso Já temos também um plano de Campanha de anúncio, né?

De campanha e mídia social a partir do Instagram.

Mas que alcance a todas as outras, especialmente o que eu preciso que é o WhatsApp.

Caso o casamento especial são os 2.

A?

Como eu já tenho um bom tempo de Facebook e mesmo antes de entrar no Facebook, eu já tinha as minhas redes, né?

Então?

Eu, como eu falei.

Eu tenho um alcance de público bastante considerável. Basta eu procurá-los.

Ah, aliás, existe uma expectativa de que eu dê notícia, porque eu estou há um tempo sem dar a notícia. As pessoas não estão sabendo exatamente o que eu estou fazendo, porque também eu acho que nem eu mesmo acho que estava sabendo muito bem o que eu estava fazendo. O projeto teve que ser construído no caminhar aqui em Alto Paraíso.

A vivência aqui em Alto Paraíso, a interação com as pessoas aqui em Alto Paraíso o, né? O caminhar por Alto Paraíso é que eu fui dando elementos pra gente ver melhor nesse momento. É como uma primeira, uma primeira abordagem.

E o que inspira esse levantamento é porque existe uma quantidade enorme aqui de comunidades de memória.

Memória é orgânico, memória é orgânico, memória não é não é assunto de como é que fala... de banca de feira, viu? Memória é assunto que caminha assim da sala de visita para cozinha.

Então, precisa de intimidade então é um... Então tem que ser um, tem que ser um projeto orgânico ,e aí então, e a forma ? como?

Precisa, precisamos fazer um trabalho de comunicação com essas comunidades de memória.

De modo a chamá-las, para conversar, né? E esse cadastramento também inicia um processo. Um processo de de de discussão e de capacitação também.

De capacitação, porque é...

O através do unbCerrado é possível trazer para Alto Paraíso.

Muitas, como é que fala?

A, universidade pode trazer muita coisa para Alto Paraíso paraíso através do UnB Cerrado

Não é?

Eu vou dar minha contribuição.

Mas o meu projeto é independente, eu tô como colaborador do UnB Cerrado.

Mas isso, mas não, não, não temos vínculos, né? De de.

Como é que fala?

Contratuais?

É apenas um.

São as formalidades de um ingresso como colaborador e que eu estou apaixonado por essa oportunidade.

Veio como um presente que a vida encaminhou para mim, tipo assim.

É na. Na verdade é o seguinte, é que lá atrás, quando eu me separei de universidade, eu falei Pra Ela assim, olha mais na frente, a gente se encontra, tá? Eu vou seguir meu caminho. Você segue o seu, fica assim, a gente vai, já que a gente tem que se separar.

Mas um dia a gente se encontra e por então é haver acontecer aqui em Alto Paraíso.

E bom, e um reencontro maravilhoso. É...

Com certeza.

É?

Não só me deixou feliz, como tem um pequeno grupo que ficou sabendo. Ficou feliz também porque sabe o que que significa... Edil de novo e fazendo alguma coisa de novo. E com a Universidade de Brasília.

Eu fico muito feliz também por isso. Muito feliz com essa oportunidade.

Quantos lugares de memória você já identificou aqui em Alto Paraíso? Você?

A primeiro o primeiro lugar de memória que é me vem a cabeça para verificar, são as fazendas, as antigas fazendas que são os primeiros lugares em que as pessoas se instalaram.

Então essa ocupação colonial pioneira, né ?

Esse...

Esse modo de ocupar e de viver aqui.

É?

E como é que, como é que fala? Foi teve longa duração, é?

Então, que era baseado no cavalo, anda a pé de mula.

Um pouco de carroça?

É. É assim que atravessou o século 19, aliás, começou no século 18. Atravessou o século 19, iniciou o século 20 e aí, em meados do século 20, que começa a chegar o automóvel, o caminhão, o jipe.

Então, aí, então aí que começa o processo de transformação dessa...

Vida pioneira local. Então, essas fazendas, essas ocupações agrícolas antigas, elas têm marcas das....

Sua vida assim, cheia de marcas, seja....

Seja em alicerces esquecidos, é, de algum modo, depois de derrubada de alguma ou alguma casa que ainda persiste.

É uma, como eu vi uma casa de farinha, um rancho de farinha fantástico, fantástico, é então.

Tem lugares que...

Teve um lugar que vestígio de...

Garimpo de ouro do século XVIII.

Com marcas em suruturas de Pedra da ocupação e para retirada do lavagem do cascalho e construção dos montoros das valas.

E?

Então, assim.

Junto com as fazendas, tem as marcas do tempo do ouro.

E depois disso é ver a cultura do tropeirismo, a economia do tropeirismo e a economia da caça. As 2 estão associadas.

O da caça começa antes, não da caça começa antes. O da caça começa na época do ouro, já a que o que fornecia proteína nas Minas era caça. Não havia criação de rebanho para alimentar pessoas.

Caça farta.

Depois de instalada as cidades e sumo, a produção, o movimento em que surgiram então as estradas e aí...

Especialmente a, ligação com Formosa, tudo aqui fluía para Formosa.

É o caminho da cumeeira, essa estrada GO 118.

Que agora é BR zero 10.

Pois então é essa essa estrada que é a estrada, a estrada da cumieira.

Da da?

Da cumeeira do Planalto central, que é a estrada que liga Formosa a...

Com essa região de Alto Paraíso.

É?

E daqui ligava com as províncias do norte, todas as províncias do norte, que até hoje tem por aqui que é o caminho pra Tocantins. Então esse caminho também é um caminho do século 18. então é um caminho antigo, então tem. Então, é...

É possível encontrar. Vestígios, muitos vestígios e tem muitas formas de vestígios.

É, seja vestígio pela própria presença da própria, um objeto de memória concreto é, seja em que forma, mas que tem aquele objeto de memória.

Ou porque há uma apropriação de algo que dê que, como, por exemplo, o nome das coisas.

Então nós temos um grande campo, um território museológico, um grande território museológico chapado dos veadeiros.

Não, não falta o que fazer e é muito, inclusive entrando na arqueologia.

Inclusive entrando na arqueologia, precisamos. levantar informações.

Pra saber qual o estado da arte, do estudo da arqueologia na Chapada dos veadeiros.

É um dos desafios que estão aí, colocados.

E atrás dessa informação, porque a chapada dos veadeiros, também um território arqueológico fantástico.

Seja pelo aspecto da Museologia, o olhar museológico para os aspectos geológicos.

Que há há.

A paisagem remete, é a.

Um olhar, é...

no tempo.

É necessário o tempo para compreender as paisagens.

Então?

Temos muito o que fazer agora.

Quanto a comunidades que eu tive a oportunidade de fazer um levantamento, eu fiquei surpreso porque... Porque meu Levantamento foi um levantamento preliminar, tendo em vista a elaboração do projeto, que foi formulado para a pesquisa

então agora para ter dados, eu preciso

Realizar a pesquisa.

No levantamento preliminar, que foi feito com participação em eventos e também em em livros, e o jornais?

Veiculados no impresso ainda em papel aqui no local, então nós.

foi possível ver que.

Uma quantidade grande de...

memória recente.

É muita... porque a cidade está nascendo.

Nas últimas décadas, a cidade está nascendo.

Digamos até 50 anos atrás, nós estamos em 2020, não 40 anos atrás anos.

40 anos atrás, a.

Foi quando o governador

Valadão?

Com a participação do filho dele, inspirado pelo filho dele, trouxe o projeto Alto Paraíso para criar aqui uma estrutura de turismo.

E outros?

e atividades econômicas, né? Mas, especialmente, para no momento notar que ele, naquele momento, ele constrói as bases, é da infraestrutura urbana. É vamos chamar assim o plano piloto.

Para a construção de Alto Paraíso.

É do mesmo modo como aconteceu em Brasília veio quando estabeleceu as as

marcas, as bases.

De abrir, abrindo as ruas. Já conforme as quadras demarcadas com uma grande avenida peitando a Serra, subindo a Serra, num, num numa inclinação muito desconfortável e que não era o caminho tradicional da época, porque esse caminho desconfortável era difícil pros animais inda mais que os animais... Se os animais estivessem carregando alguma coisa, entendeu? Ainda se tivesse o cavaleiro em cima do animal, então.

O certo, o certo, Oo tradicional.

Caminho é o é o caminho mais suave, que é o que vai na...

o que passa pelo cemitério?

Então, então assim.

A construção desse plano piloto há 40 anos atrás, então é...

Já deu início à construção da cidade.

Então a cidade então não existia, então, o que existe hoje, como o que a gente vê, conhece, fala alto, Paraíso, essa Alto Paraíso que está aqui, construída, que você hoje é uma Alto Paraíso de 40 anos.

Ah, se se considerarmos 300 anos de presença humana, né, ou do como é que fala das?

Do do invasor e colonizador.

Se considerar 300 anos, então significa que 260 anos foi o 260 anos de uma cultura que aquela cultura de Chapada.

De isolamento, de distâncias, de vida rural simples, com tecnologias mais simples de.

E de e de cultura de raízes.

É. É como é que fala?

Profundas, é raízes de...

Que vi culturalmente vinculado a.



Há um estágio de desenvolvimento tecnológico.

De tempos atrás, então é o mais primitivo. Pode ser lá, que palavra que eu posso dizer?

É mais simples, rudimentar ou precário.

Sem as novidades da aplicação científica sem as novidades de tecnologia.

Ah, por rudimentar, então.

Especialmente a tecnologia do fogo, era a energia fonte de energia mais utilizada era o fogo.

E em alguns lugares é. Havia monjolo movimentada por água.

Em outros lugares havia um roda d'água.

Em em outros lugares é tinha roda d'água, mas que acionava. Não sei de que modo o moinho...

Engrenagens, conforme então, havia tecnologias na época. Tanto que aqui temos lugar, uma comunidade que é conhecida pelo nome de moinho.

Por que? Porque moinho? e esse, e esse não é a única referência de moinho na Chapada dos veadeiros.

Porque?

Em Cavalcante, Na comunidade Kalunga do engenho 2, o nome lá é engenho 2, porque também o engenho, nesse caso, também é um moinho.

É um moinho, e eu tive a oportunidade de conhecer as pedras. Mor

As pedras desse engenho ou moinho, né?

Então, assim, todo esse processo histórico.

É?

Está?

Como é que fala?

Presente?

Porque são concretos, são marcas concretas que estão aí e que, de vez em quando, a gente encontra com algo que Surpreende porque a gente pensava que Ah, não tem mais, mas tem e ainda estão vivos.

Como a comunidade de cavaleiros e Amazonas.

As cavalgadas.

A cultura do cavalo da cavalgada ainda é muito forte.

Então, então, são muitas essas dimensões culturais de Alto Paraíso? E então, nesse levantamento preliminar, eu relatei mais de 60.

Mais de 60 e mais. Eu vi que é mais de 60. Com a tendência a ser muito mais que isso, é apenas um levantamento preliminar e eu falei assim, gente, mas com 60, se eu conseguir realizar um trabalho que abarque 1/3 disso, eu já vou ficar feliz porque...

Não pretendo conseguir no meu projeto, abarcar a amplitude desse campo de pesquisa.

Não, não posso pretender isso, não.

E ele potencialmente vai muito longe agora. Não sei. Depende do que é. Vai que a Chapada resolva, que eu tenha que fazer isso aí. Não vou ter jeito de fugir fora, né?

Porque as oportunidades podem ser que surja oportunidades favoráveis.

Mas eu sei que é um trabalho. É...

Ele precisa ser estruturado e atender à necessidade de que ele vá, além de ser um projeto. Por isso que o meu projeto é apenas um projeto.

Em que toca numa coisa que precisa ser, na verdade, algo estruturado.

Ai, ai. Ou seja, passa para uma outra dimensão.

Hã?

Ou.

Oo, meu. O meu projeto, na verdade.

Toca no. No problema, dá uma boa tocada no problema e faz. Consegue como sempre, a gente a gente conseguiu fazer 10%. Se a gente conseguir fazer 10% do que a gente imagina fazer solta o foguete, entendeu? Porque depois tendo feito 10%, os outros 90% fica mais fácil.

Entendeu?

E 10%, abre o caminho.

Então se eu fizer com 20.

20 entidades articulando uma rede de memória.

E construindo uma rede de memória. E se essa rede de memória ensinar, né? Assim, a da oportunizar o surgimento de uma comunidade de memória de pessoas, de comunidades que se reconhecem como pertencentes de uma comunidade coletiva.

Né... comum então.

Se chegar a esse entendimento, então já tem a tomada de consciência, então.

Assim, aí eu...

Aí o trabalho passa por essa outra dimensão, velha de uma dimensão mesmo, de uma ação política estruturada e que precisa ser...

E precisa ser. É... É, memória não pode ser tratada como função sistêmica acessória. Memória não é função sistêmica acessória.

memória é essencial.

sistema que não tem memória, definha.

Definha... morre.

Para de funcionar, perde o sentido.

Em em falando em memória, quais são as memórias mais marcantes que você enxerga?

Aqui na região.

A primeira delas que eu estou muito curioso de ver, mas muito curioso de ver, é a Gruta da Igrejinha.

A Gruta foi cavada no garimpo de ouro. E essa forma de cavar como túnel é...

É. É algo que que...

Não foi comum aqui, assim não foi generalizado.

Teve, teve sim, Cavalcante, especialmente a especialidade de Cavalcante, né? O ouro de Tunel.

Aqui, vamos dizer assim, no alto da Chapada.

As marcas são geralmente de...

A mineração do ouro nos grotões.

Aonde havia Fartura de água e que então podiam cavar.

canalizar água e uma forma de...

A ter acesso a Areia, lavar Areia para tirar o ouro, então precisava de água para lavar a Areia para tirar o ouro, então... Então eles fizeram obras para...

Fazer a extração do ouro, então...

Essas marcas são importantíssimas.

Outra marca que é fantástica é

O sitio arqueológico de Nova Roma, que é igual do bisnal.

Igual a me falaram que tem outro.

e que são marcas

Que não, não, não são pinturas em em em paredes, mas.

São sucados baixo relevos em rocha dura.

Rocha dura rocha resistente. Tanto é que isso deve ter feito há muito tempo e, apesar de ser exposto a intempérie, ele continua forte. sucaado, bem marcado, não está? Então, uma coisa que deve ser precisa, bom, precisamos saber ou que...

e porque?

expressão de qual povo essas marcas?

É, e....

Não, não remete a cultura indígena e não remete a cultura branca.

E Ja ouvi uma hipótese de poder ser algo.

Africano?

Ah....

Se for africano, será que eram as marcas que?

Indicavam o caminho de fuga.

Para...

Gente, essa coisa começa a me fazer pensar...

Porque o bisa bisnal bisnal, é Cabeceiras, é Cabeceiras do Paraná

Ah, não, eu não sei, eu não vou ficar imaginando coisas, não... preciso estudar.

Não para a lista não acaba não...

A lista não acaba não.

Os túneis de Cavalcante.

Os túneis de Cavalcante, os túneis de Cavalcante que a igreja católica tinha que rezar missaa lá todo dia.

Porque aos tuneis os túneis foram cavados como o mais doloroso suplício dado aos escravos que eram condenados à morte.

Os escravos condenados aos castigos mais cruéis.

Eram vendidos para as Minas de Cavalcante.

Então, a mortandade...

Era mais rápido.

Mais rápida?

Mais rápido, porque aquela história de entrar dentro de buraco para tirar ouro.

Meu Deus, meu...

Deus, meu Deus....

Que que você enxerga como patrimônio cultural aqui da região?

A cultura.

Do cavalo?...

A cultura do cavalo que tá obscurecida por causa da invasão do automóvel.

E uma, a cultura do cavalo é um portal de entrada para se conhecer essa...

Essa cultura é...

Secular que existe no local que está obscurecida pela modernidade.

Passando sobreposta, apagada, como por exemplo, no caso do morro da baleia, que para a comunidade local.

A referência era...

Associado ao ferro de engomar?

Quero o ferro à Brás e que tem um formato sim, que tem um.

Na frente, tem um cone, um...

E que as pessoas que vieram do litoral enxergaram, como o rabo de uma baleia, aonde seria então até mudaram o nome.

Secular, um nome que as... Como é que fala?

A mais de um século, quase 2 séculos, sei lá, 2 séculos o nome tá aí como referência de uma comunidade de um povo, de um lugar e de repente chegam os novos colonizadores.

É que são ondas ondas de colonos chegando no local. Cada onda chega colonizando quem chegou antes, então colonizadores colonizando colonizadores que colonizam colonizadores que chegaram a colonizar.

Então?

É são sucessivas ondas e agora tudo, então...

Então é, e é muito interessante ver isso na cronologia da cidade.

E entrando na cronologia da cidade, tem que ver também como patrimônio cultural e material ou patrimônio cultural e imaterial.

Essa.

Esse patrimônio.

Místico, esotérico e fantasioso que...

É associado ao Alto Paraíso como um local de inspiração de, de transcendência e de e de imaginações, né?

Então assim é e...

Isso sim tem. Aliás, aliás, tem que ser cuidado com o patrimônio cultural. Sim, ela...

A Alto Paraíso foi revelado pelo mundo por vários esses aspectos da Riqueza, né, da sua cultura, mas também por ser uma cidade que tem...

Por missão de?

Vida.

Ser ambientalista ela.

Não pode não ser ambientalista.

Ela tem que ser ambientalista e.

Não ser ambientalista, como se dá um tiro na cabeça, você entendeu?

Suicídio?

Então, se deixar acontecer que o Alto Paraíso, o que aconteceu com o Distrito Federal?

Como eu vi o que aconteceu no Distrito Federal, eu vou assim nessa na frente dessa locomotiva. Eu não paro.

Essa locomotiva atropela tudo.

Então, esse transbordamento do DF para Alto Paraíso, então que ta, então agora está tudo sendo ocupado.

Toda, tudo tudo...

A?

O adensamento urbano.

Ou a pressão para a ampliação da malha urbana ou o surgimento de núcleos urbanos.

É isolado?

Isolados, vamos.

como se fosse uma cidade descentralizada?

Isso agora é o que está em questão.

Em mais que vai ter o adensamento que está acontecendo, o adensamento, que é inevitável, adensamento é...

Hum, Hum.

A cultura ambientalista é um patrimônio que a cidade, é reconhecida no mundo. Ela ganhou o título da da Unesco foi premiada em Berlim...

Como cidade ambiental?

É?

É isso é um patrimônio, não pode jogar fora. Não, não pode desconsiderar isso, não.

É um patrimônio da cidade.



E isso tem uma importância hoje no mundo.

O mundo precisa que Alto Paraíso faça isso.

E Alto Paraíso, puxa os outros.

Hum?

quais são as perspectivas que você enxerga para a preservação desses patrimônio?

Eu vou chamar assim nos costumes da casa, nos costumes, da casa, nos costumes da casa Brasil.

Então, como de costume, o que mais costuma, né? O que mais ocorre? Não vou falar das honrosas exceções. Vamos falar do geral, né? De modo geral, o que acontece é que.

Não existe política pública para tratar do assunto ao nível municipal, nem estadual aqui nem federal, porque é...

É?

Isso, há necessidade de, mas não existe....

Não, tá bom?

Pela rapidez, como tá acontecendo esse adensamento urbano?

É muita coisa, está sendo descaracterizada.

Quintais antigos, muros antigos, muros velhos, alicerces velhos de casas antigas de paiol é....

Então esses vestígios vão sendo destruídos por causa da construção civil.

Atropela tudo isso?

Há um, há um tempo atrás, os migrantes que chegavam aqui não tinha muito dinheiro, então empreendiam naquela dimensão chamada da economia alternativa.

Então era tudo. Eram adaptações que eram feitas nas casas, nos ambientes.

Sem mudanças das suas estruturas e aproveitando do charme daquela arquitetura típica de um sertanejo ou ou de um povo de um lugar, eles. Então aprimorava-se

com decorações propostas a criação de ambientes para receber bem as pessoas, então essa Cultura do alternativo, que é um outro patrimônio da cidade, precisa ser tratado como patrimônio. Então trouxe uma cultura de Bom Gosto pra gastronomia.

terapias alternativas, é?

Então Construiu essa...

Essa essa dimensão, digamos assim, da identidade da cidade como um local de tratamento, da saúde e de transcendência, né? É exercícios de transcendências, então?

Só nessa dimensão a quantidade de comunidades explode.

São muitas.

E, não faço ideia de como essas memórias estão sendo guardadas.

Não, não imagina.

Imagino que esteja em condições precárias, como de costume.

A sua relação com esse patrimônio?

Naquela dimensão em que a gente em que a gente diz que a gente é brasileiro, é, eu vejo o esse patrimônio como ele como fundamental para.

A construção...

Hum, do conhecimento de si mesma, né? Para a sociedade brasileira e a construção desse conhecimento acerca de si mesma é fundamental e indispensável para que a sociedade brasileira possa constituir-se como uma.

Sociedade é, é...

Como é que fala? É estruturada como uma identidade própria.

Eu não sei porque a vida me colocou desse lado da Fronteira desde pequeno.

Então eu estou em luta contra o...

Neocolialismo.

Para chamar de neocolialismo que esse colonialismo pós-guerra.

A guerra, que no contexto de guerra fria e que intervém então na nossa sociedadezinha brasileira com muita ajuda dos nossos queridos compatriotas patriotas.

E facilitam que os Estados Unidos e...

A intervir direitinho aqui dentro do nosso país.

Isso não é fantasia, não, porque eu tive a oportunidade de estudar uma coisa chamada acordos Mac usais. Eu tive a oportunidade de estudar que antes do acordo macrossite.

mac usais estava tendo uma vez acordos de cooperação técnica na área de educação com as secretarias de estado.

E em quase todos os estados do Brasil.

Então quando ela chega do Ministério da educação, as secretarias de estado e da educação já estavam todas nas mãos dos usa

E, eu sei como que isso desencanou por uma coisa chamada de reforma da educação de 1971. É por aí. Jarbas passarinho, então a...

A intervenção norte-americana na sociedade brasileira, através dos aparelhos de cultura e educação, é um processo que é indiscutível.

Faz um, uh, desconsiderar esse processo é desconsiderar a realidade, então.

É, então, então eu cresci, então nessa dimensão e a gente ia acompanhando. Então a entrada cada vez maior de elementos da cultura norte-americana, então.

As festas que antes tinham muito as nossas festas maravilhosas, festas, bailes com...

Tinha valsa, tinha bolero, tinha.

Arromba. Tinha tinha uma variedade enorme de ritmos de várias culturas, música de várias culturas.

Ah, mas na medida que foi americanizando foi o americanizando americanizando americanizando americano.

Não se ouve mais, as outras foram desvalorizadas. Nós não sabemos mais o que

que é a música francesa, o que que a música italiana, o que que é a música espanhola e a gente ouvia músicas do mundo todo.

Bom.

Agora eu não tô falando isso da nova realidade da informação, do conhecimento, dessa nova realidade agora, da era do da informação, da tecnologia, da informação que agora a gente tá não muda a dimensão. Eu tô dando a direção a...

Chegar, eu nem sei porque que eu tô falando disso aí. Temos da minha relação com esse patrimônio.

Então, é eu...

me considero como eu falo, um brasileiro que luta do lado dos brasileiros contra a dominação metropolitana, a mesma coisa que eu faria no século XIX, a mesma coisa que eu faria no século XVIII.

eu estaria lutando contra a metrópole a.

Porque eu. Eu não consigo imaginar no século 19, o está tranquilo, com pessoas amarradas como se fossem cachorros.

Maltratados?

Como se fosse coisa qualquer. Como é que, como é que eu ia sobreviver no século 19? Meu Deus?

Agora, aqui na Chapada, um interesse específico como o campo de pesquisa, é porque é um acervo precioso.

E eu, como pesquisador, estou apaixonado pela oportunidade de conhecer muito desse acervo.

Que vão ser para mim, referências é.

Para...

Construir conhecimentos no...

Em um campo de pesquisa que pouco explorado.

E que pode dar uma contribuição, então para a.

Como é que fala? Preencher uma lacuna, ajudar, ajudar uma contribuição aí no?

Preenchimento de uma lacuna.

## Apêndice 12

Depoimento Dona Izabel Ferreira dos Santos e Sebastião Ferreira da Silva Neto

Depoimento Dona Izabel Ferreira dos Santos e Sebastião Ferreira da Silva Neto concedido a Arthur Lacerda em São Jorge, Alto Paraíso de Goiás em 23/10/2023

Assim, eu chamo Isabel, moro aqui em São Jorge e tenho 43 anos que moro aqui, né? A gente mora aqui e daqui eu não vou embora só para ali, né? Uma viagem pertinho.

Aí eu...

Não tem muito o que falar, não, mas eu gostei que você vê aí na Chapada procuro nós, né? Estivemos reunidos lá no alongamento, né? Foi muito bonito lá na lua, Andréa.

Aquelas pessoas lá, tudo, tudo é daqui de São Jorge.

as pessoas que estava lá, que é gente de fora, mas quase tudo é nativo, está bom. Aí tem sobre remédio que eu conheço.

É só a mesma. Esses remédios, mesmo que eu conheço, né? Nunca trabalhei com garrafada, eu já usei garrafada, entendeu? Tem o Dédé ali que é o chefe aí da raiz, para dizer assim, porque tem muitos anos que trabalha, né? E eu acho que inclusive você vai falar com ele também. Eu acho, né? Aí nós demos muita informação para vocês, tá bom, tá bom.

A minha família é é daqui. Pode dizer que é daqui né?

A minha mãe é filha de Cavalcante, meu pai era baiano. Morreu também. Nem conheci direito, né? É tudo aqui mesmo.

Né..

Um pouquinho da história da folia pra gente. Assim, quando qual foi a primeira vez que você lembra assim, na sua memória da da folia de São Sebastião?

Uai, quando era criança, né?

E tinha um... era na roça. Isso porque era vendo meu avô, minha mãe, né?

É o folião, brincava. Não é igual, é hoje.

Tudo mudou, né? A gente muda, né? Aí é um pouco diferente da cultura de hoje, né? Que antigamente o folião era mais reservado, entendeu? Os folião não podia conversar nem passar minha porta da minha cozinha, da sala para cozinha, que isso aí era complicado para eles. Eles tinham que pagar uma multa.

Antigamente era muito bom também. Hoje também é bom, mas é muito cansativo que você vai atrás de folião. Não fala, Ah, não dá para mim ir aí. Se você puder pagar para levar nós aí eu vou. É aquela coisa aí a gente consegue.

Graças a Deus a gente consegue, inclusive, dominginhos se eu chamar ele onde ele estiver, que é um folião que foi muito exemplar para nós. Aqui. Não é tem hora que nós precisava meu filho, ele ia, meu filho, né? Ia falar, ia lá em alto, falava com ele, não tinha nada difícil, né? A última folia dele com nós aqui foi agora em janeiro, quando foi...

Mês de julho, Deus chamou ele.

Aí o ano que vem não está mais conosco, né? Mas já vai entrar outro no lugar dele? Eu espero que tudo corra bem também e a gente está pronto para fazer. Eu solto a folia daqui, da minha casa e meu filho remata lá em cima.

Mas todo mundo junto, ajudando, trabalhando. Você não paga ninguém para

te ajudar, é voluntário, não é? É muito bom.

Tem a Nalu que ano passado, mas os outros, colega, o Murilo?

Julio, o caio tudo ajudou nós na correria meu filho acompanhando a folia porque os folião tava pouco não é? Aí tinha que ter o dono da folia junto para...

pra mostrar os pontos onde que eu podia passar, né? Para não receber porta na cara né. Aí eu sei que tudo deu certo, graças a Deus, né? Que são Sebastião ajudou nós e deu tudo certinho.

Que nós...

Gostam de mexer com a folia São Sebastião, nós gosta!

E também vem outro aniversário daqui da cidade, que é São Jorge, né? Teve uns anos aí que a família Ferreira, que é a nossa minha família Ferreira, né?

ficou só com sua mexendo com a festa de São Jorge, mesmo.

Graças a Deus entreguei meu poder para São Jorge e cuide de mim São Jorge que agora Dona Izabel aqui vai descansar, que eu tava meia cansada, né? Porque o povo só tava batendo em cima da família para manter a festa de São Jorge. Esse ano, entreguei aí na hora de entregar, o padre me procurou.

Se eu ia sair da igreja, eu falei não, porque eu tô entregando que muita coisa mudou, né?

Tem muita apuração nessa festa, então está misturado. Parecia política, né? Virou político na festa São Jorge. Aí a gente fica muito cansado. A mente da gente fica cansado, a gente fica estressado, entendeu? eu não quero, São Jorge me perdoa, não quero mais assumir esse encargo foi uns uns 4 ou 5 anos, não quero mais.



E não porque eu não, eu tomei raiva dele, é porque as pessoas entendem tudo errado.

Que é misturar a festa com política. Aí não rola, né?

É isso aí. E teve também esse ano, soltou... Eu recebi a folia. Eu, recebi a folia de de reis ontem, ano passado, eu estava aqui na minha casa, né eles.

Me procurou assim, queria que a folia de reis passasse, né? Eu falei, uai, e eu quero sim, pois.

Sim, eu quero. Vou receber aí estou aqui, entendeu? Já à tarde, a folia não vai vir não, eu vou me deitar sozinha.

A minha filha estava trabalhando, aí eu o meu filho chegou. Sebastião chegou, Ah, vamos receber a folia assim, né, mãe? Vamos aí, fiquei meio quietinho, né? Dai a folia chega já é quase meia-noite, já chegou já fazendo canto de entrega, né? E eu falei, meu Deus...

Santo Reis me escolheu para ele ficar esse ano na minha casa. Eu falei mais gente... aí recebi ele, né? Eles cantaram e tudo mais. Aí dei um chá. Eu acho que foi um chá, sei lá o que que eu servir, conheço o que eu fiquei assim, sabe? Eu fiquei sem saber o que é que eu fazia o meu pai do céu, 3 coisas, tudo num ano só para mim resolver, mas Deus é pai, né?

Aí quando chegou o ano esse ano, a dona que entregou a folia chegou e eu falei, aí fulana, a Jaqueline, como vai ser? amanhã já é o dia. Como que nós vamos fazer?

Aí eu vou fazer um jantar. Ela falou, não dá, faz um quentãozinho e tal. Falei, não, senhora, eu não misturo. Não misturo bebida com coisa religiosa, né? Aí eu falei, espera aí aí. O rapaz também, que era dono da folia, estava sentadinho e falou, Ah, dona Isabel, está certa, eu falei, eu vou fazer um jantar e isso vai dar tudo certo. Ela falou não é só 10 pessoas..., falei aham 10 pessoas...

Foi 10 pessoas...

Aí eu falei, não, eu falei, não pode deixar, ó, eu pode deixar que eu resolvo, está tudo certo aí o rapaz falou, está tudo certo, não é ? Falou tudo certo.

A no outro dia.

'Comida no fogo e nessa cozinha, moça, mais do que 200 pessoa, 10 pessoa. Eu não ia passar vergonha, né? Quanto mais você servia, quanto mais você tirava comida para servir para o povo, a comida rendia. Eu aí ela falou assim, dona Isabel, o que que é isso, essa ou o tanto de gente que já comeu, ainda tem comida? Eu falei é Deus que ajudou, uai.

mais de 200 pessoas comeram aqui.

E começou a chover e o povo tudo aqui dentro. Foi foi, mas foi bom

É isso, fizeram quando ele está acabando, aí veio fulano de alto paraíso, meu filho não contentou, né não? Nós tem que trazer os folião de Alto Paraíso também.. Para animar... aí foram buscar. Eu falei, meu Deus, disse que era só 10.

Mais de 200 pessoas, aqui mês de janeiro é cheio de turista, né?

Depois, a comida deu para 200 pessoas que eu não estava nem esperando tava e sobrou.

Ela falou que era 10 pessoa... que 10 pessoa que nada... foi.

Pois é eu gosto de mexer com folia. Eu amo folia. Falou em folia é comigo mesmo que eu gosto de brincar com os outros folião. Eu boto eles pra brincar

Juliana jogou tudo pra cima de mim, né? Pra fazer comida pros folião, falei com prazer... Faço

Eu era cozinhando e recebendo folião e folião comendo, chegando, embora e chegando.

Aí tem um ajudante, né? As mulher vem me ajudar que eu sozinha, prestar atenção, folião e cozinha ao mesmo tempo, né? É ruim, mas eu gosto de mexer com esse tipo de coisa. Olha, falou folia?

É comigo mesmo.

Quais que são os períodos mais importantes, né? Dessa celebração da folia de São Sebastião ?

Eu gosto, sabe? Não tem nada difícil para mim, entendeu?

Menino gritando ali, oi, vem aqui, menino, me ajuda aqui. E um tem uns homem que é bom te ver para ajudar, né? Eu sei que eu gosto, só isso que eu digo para você.

Foram 3 dias de giro e eu tinha que fazer almoço, fazer janta, tudo nas casas do pessoal que não dava conta, né? Aí fui parar até no hospital. Agora no último dia.

fraca, ruim... Aí aí eu recuperei, para fazer o remate, né? Aí o remate. A mulherada juntou para ajudar, né? Na cozinha.

O arremata aonde?

É lá na casa dele, lá na ecovila. lá é lindo demais. É lá que vai, gente.

é lá que da gente . Foi mais de 500 pessoas, gente do Rio de Janeiro que é devoto de São Sebastião, lá no Rio de Janeiro, vem tudo pra ca, falou em janeiro. Tá tudo aqui, e eles gostam mesmo.

É, se a senhora sabe mais ou menos assim a história da celebração aqui da

festa.

São Jorge.

Não, de São Sebastião.

Não pode inventar, né? Tem que falar, certo né

Aí foi quando minha mãe adoeceu.

Aí eu fiz uma promessa Pra Ela, né? foi a primeira. Eu falei que a gente soltou aqui dentro São Jorge, que foi a folia de São Sebastião

Ai eu sou bem, eu fiz a promessa, minha irmã chorava muito. Fiz a promessa pra ela e se ele ajudasse que ela saísse do hospital e viesse para casa que eu ia soltar a folia para ela acompanhar, pelo menos um dia de giro. Aí deus ouviu meu pedido ai ela vem embora, né? Aí ela chega na minha casa. Ai eu fiz uma folia

veio, juntou os folião e com 1 dia de giro só assim também, né?

Aí eu fiz o jantar para eles, o almoço e a minha amiga lhe deu o almoço para eles, aí no remate, ela sonhou que ela não podia acompanhar a folia. Ela estava ainda muito decadente, né? A minha irmã acompanhou no lugar dela, aí na hora da chegada com ela sentadinha debaixo da Bandeira, né? Ai ela recuperou certinho.

Aí o meu filho, com o apoio do meu filho e a comunidade daqui de São Jorge, a gente continua.

E tem muitos anos, tem coisa que eu nasci para vocês terem minha filha mesmo avô, minha mãe.

Ah, o Santo da fé desse minha avó

Os standards é as bandeiras têm as camisetas que o povo usa com a imagem

dele. Eu tenho uma camiseta tão bem guardada Agora me empenhar para você ver. Ela não tem como, né?

Mas eu tenho o quadro dele aqui.

Era da minha mãe.

É?

São Sebastião, ele resolveu ser devoto no meio do da daquelas maldades, foi perseguido pelo Exército Romano, sabe? Ele era francês.

Eu acho que ele foi levado para Roma e começou a servir o exército, Romano.

Aí ele começou A fazer o evangelho da pregação da palavra de Jesus.

Entendeu?

Aí ele se tornou o mártir, né? Pela fé na devoção de levar a palavra até o fim. Porque naquela época era tudo torturado, né?

Os Santos, né? Os guerreiros aí era tudo brutalmente, né?

São várias histórias, né? Que a gente anda estudando várias histórias, mas assim eu me queimo mesmo é o que a gente sente, né? Assim, quando dá um chamado né não, que você nasceu ali naquele meio, não é ali só no meu caso aqui, já depois da minha mãe, eu comecei.

## **Tião**

Né? Porque estava sem nada A Vila de São Jorge, e ela gostava... aí todo mundo assim meio vagando, né? Eu ia pra outra comunidade ali. Aí a gente pensa juntando, então aí foi, foi pra ir fortalecendo e chegou a Nalu pra fortalecer mais, aí

corre atrás de um folião, mas é só pra não acabar essa Harmonia de Deus, entendeu? Porque se não existe essas essas culturas, de base acaba essa energia da da nossa região.

Né? Pra isso que a gente ainda tá planejando aí e entre outros, igual ela falou, ela falou, festa de São Jorge a gente carrega essa...

Essa festa há muito tempo, a família tornou-se muito forte e tem a tradição da boa comida, né? Da Fartura. aí sabe que com nós é garantido, entendeu? Nas outras casas, às vezes vai, mas na nossa garantia de Fartura, né? Então a gente tá aí nessa missão, né? São Sebastião também é raizeiro, né? Ele é oxóssi, né, das matas.

É um arqueiro, né? Das 7 flecha, né? Sim, aí ali é São Sebastião. São Jorge é uma vila de garimpeiro né do século XX, mas antes disso a gente sabe que aqui era terra de índio e quilombola né, tinha índio na nossa região.

caracterizando essa belezas naturais nossa aí... essa nossa história é muito bonita, né? Dos garrafeiro dos benzedores da minha época, cansei de buscar mais meus Brothers benzedor para benzê pessoas aqui na Vila de São Jorge, que então quer dizer, a gente chegou a assistir essa história e viver ela, cara 44 anos de idade aqui ó, não é fácil.

Aí a gente chegou a viver essa história aqui, né? Então, assim, as garrafadas, né? Começando aí agora tem seu Dedé aí, seu Adelite que você vai ter o prazer de conhecer o garrafeiro e a gente tá aproximando pra dar uma força, entendeu?

Porque já o senhor é nativão aí sofreu pra caramba, aquele cara é assim, pelo sofrimento dele, pela força que ele tem. Assim ele é um guerreiro muito forte, sabe assim. Então a gente encostou pra igual. A folia de São Sebastião, aí você encosta pra poder também dar uma força junto com com a Nalu , com outras pessoas, com o Caio pra fortalecer pra ver se essas garrafadas se multiplicam, entendeu que é muito importante esse trabalho, assim, das raizadas e aí a gente é tipo assim.

Uns aprendiz, né? Futuro tal, é, futuramente, não é emergência precisar da gente. A gente pode ter uma indicação na emergência, mas a prioridade das garrafadas de indicação é seu dedé, sabe. Assim, não tiver outro jeito, né? Pra ele gerar sua renda

Dia pouco, a renda é pouca, a gente ainda não conseguiu agregar a farmácia da garrafada aqui em São Jorge, né? Para comércio, comercializar, vender mesmo e você vende o refri? Essas garrafadas ainda não são ainda não se encontra na comunidade, à venda, né? Disponível a coisa é particular, né? Então a gente está aí nessa insistência, sabe do cotidiano de hoje, com várias ofertas no mercado que tem aí de trabalho, a gente prefere viver.

Essa parte cultural que é a nossa...

E a nossa raiz ta aí... a deles está fermentando.

É tanto que nossa biodiversidade aqui está sendo dragada pela quantidade de gente que está vindo morar na nossa região, pelas riquezas naturais. É o lugar daqui 10, 15 anos, é o lugar mais sustentável do interior de Goiás. Tem que entender. Então a margem nossa aqui e as garrafadas vai fazer a diferença. Essa cultura. A oficina de farinha que a gente quer trazer também para fortalecer essa junção dos...

De fazedores de farinha da região.

Entendeu? Pra gente estar levantando esse astral também e fazer o movimento turístico, cultural rural. Pô, a gente é a geração que se move com as pernas, tá mais jovem ali, você tem que ir, nossos pais está mais velho, pô.

Não tem como. Eles fazem esse transito, vai lá a gente, né? Que chegou agora a gente escora ali, né? Vive bem, tá nem aí pra nada. Todo mundo cuida das coisas difíceis, né? Você vê que só vem fácil ali, você não sabe o tanto que é difícil pros caras lá atrás, a luta pra te dar pelo menos básicos aí nessa comunidade aí, filho, você não sabe tanto que é difícil. Nós estamos participando do plano diretor da

região, eu é uma implementação que de alto paraíso de Goiás pra ser cidade turística, o limite é acima de de 20000.

Mas até como cidade turística...

Não precisa ter atingir esse número de habitantes, aí a revisão, né?

Como expandiu... Eu pertencço a essas mobilização universal que está acontecendo no mundo, nesse novo estilo rural de moradia, de comunidades.

Daqui 10 anos, vai ser obrigado falar de ecologia, vai ser obrigado.

Pra entender para amaciar o coração, para proteger a natureza. Mas lá já está rolando a oficina de de raiz, né, que é a parte cultural, já rolou o quinto remate da folia de São Sebastião, lá em cima, nesse espaço cultural.

Né... da ecovila... Então assim, beleza, beleza não atinge o não atinge o 100%, mas 60% a gente consegue agregar, esse aí atinge, não atinge mais que as pessoas que vai chegando, que elas são aceleradas. O ego de ou a sabedoria elevada, no interior, ela não tem como raciocinar diante de um nativo assim na tranquilidade e ver quais são as as melhores possibilidades de você viver sem perder a essência.

Essa é a técnica do nativo, né? Quando eles ve um cara analfabeto, tomando a frente de uma liderança, fica louco, cara, fica um louco.

Tá, o que que acontece? Eles pegam qualquer causa e contamina, porque eles quer falar bonito para agradar o outro cara de alguma universidade.

Para competir, já esquece as pessoas humildes lá atrás, né? Então isso aí é, a gente está lutando para a gente ter um equilíbrio aqui na Vila de São Jorge para ter mais cultura que é a cultura de raiz. Curso, ensinar as pessoas a plantarem no modo mais ecológico, às vezes fazer a prática, né? não descaracterizar o nome da ecovila.



Do alto da Vila, um grupo de pessoas se formam porque não tem tradição, não bebe café na sua casa, não gira folia com você ,não planta com você, não sabe o que que é a vida ali. Mas junta esse comboio de pessoas para destruir nossa cultura. Lá tem um comboio de gente tentando destruir essa cultura, mas só que eles entrou numa arapuca tão forte que eles tá mexendo com a pessoa mais forte da Vila, que é a minha geração, saca? Assim, falando que é favela que não pode, nossa ecovila, porque...

Se caracteriza favela, morro, fala, gente, favela é o melhor canto do mundo pra quem mora. Há o preconceito... vez de falar que nós não quer mais misturar com vocês logo fala a verdade...

Precisa inventar bullying, não? para criar uma associação e de usar o nosso nome da ecovila que é para ser no alto da vila, para o cara ser presidente, para o cara ser presidente com medo de mim, com pessoas que não são nativas.

Como tem lógica, você faz uma associação para se beneficiar e parecer beneficente para, pessoas humildes. Se você nem se comunicou pessoalmente, lá? Você nem tomou um café conosco, pô. Vocês aí vai no WhatsApp pra prevalecer os cara que mora em Brasília?

Agora eu que estou lá fodido lá, pegar água nas minhas costas lá morando para segurar a comunidade e aí você não vai fazer uma entrevista, como é que é que o espaço cultural, que a gente vai criar uma associação, mas eu não quero sua ideia?

Ai tá acontecendo essas coisas, revolução, mas é bom que o plano diretor assim você quer que eu faça essa reunião? Mas primeiro você faz um trabalho psicológico e deixa pro último Segundo final do segundo tempo, que é muito difícil você mobilizar a comunidade pra ir, deixa ir pro último minuto, o fim.. vai chegar a hora de lavar a ata.

Eles preferem assim, tipo assim, formar associação do que falar do plano

diretor pra caracterizar as áreas ambientais.

Apontar as áreas sensíveis, fazer o plano de manejo para cercar as nascentes e fazer parceria com os fazendeiros para que a proteger, cercar as nascentes, proteger o nosso meio ambiente, que é muito importante, não.. esse prefeito faz um complô de pessoas antes para poder passar uma boiada que hoje eu estou lá na ponteira vigiando.

Eu sou representante do territórios

Pode formar uma coisa dessa?

Ou o plano é associação? A outra associação de moradores da Vila de São Jorge que ficou pra gente, né? Então a gente tem que lutar, defender essa raiz ainda, lutar, lutar com algumas pessoas que fica assim, sabe? E amigo da gente entre aspas, né, colega? Sabe de muita coisa e acha que já é a hora de de dar um pé na sua bunda aí?

Assim a gente, mas a gente quer tocar na, na nossa cultura, sabe? É nas raízes. Se a gente contar, você poder conhecer sobre a história do garimpo.

Foi a primeira moeda antes de qualquer giro aqui na nossa região, né? Ou então o garimpo de Cristal. Aqui para nós tem muita influência, minha mãe é garimpeira, né? Pra chegar esse status de turismo que hoje esses velhos sofriram demais por aí, nossos ancestrais sofreu muito cara aí é com as percas porque a perca que outros parentes que vai partindo tragédias... coisas difíceis... emocional... nossa vida tá sofrendo uma tortura emocional cara.

Aí tem que entrar com aquele advogado lá em proteção dos direitos humanos, da comunidade da Vila mesmo, sabe? Igual índio.

Pra proteção. Assim porque os líderes não vê outra alternativa a não ser acionar o limite máximo da proteção da defesa comunitária.

Essa luta aí, né? Essa associação aqui tem vários. teve um horto aqui medicinal aqui, do do plantão de saúde que era. Era pra Ser autossustentável dentro da vila, de frente do postinho.

E alongamento foi uma coisa muito chique e as pessoas não conseguem manter porque é de graça, não pode?

Você entende, aí fica poucas pessoas, porque poucas pessoas voluntárias tem que ir lá molhar. Se eu não que não..., acaba a minha gestão como presidente, aí tudo acaba.

Né? De uma Vila aqui que mora aí praticamente 1000 habitantes, não é? Aí assim a gente a gente está tentando esquecer esses momentos difíceis e recomeçar, né, cara? Implementar novos princípios. É folia, as bênçãos e assim vai, teve um São João rolou até um batismo na minha casa lá, né? Nesse espaço cultural que a gente vai no plano diretor, exigir que ele se torne isso, mas na minha responsabilidade, lógico, né.

O espaço cultural.

Espaço desse da comunidade onde foi fundado, da ecovila é o espaço mais antigo do bairro, que gerou tudo isso la pra cima, sabe? Começou de lá, então é um espaço que é onde recebe o Natal comunitário, né, que já faz parte dessa tradição do bairro, ensinando a eles que tem que rolar o Natal comunitário.

Mas assim é um bairro que está começando agora, estou lutando pela água, mas está melhor. Já tirei o galão das minhas costas. Já o governo, em parceria com a comunidade empresários saneago, doação, manutenção nossa mão de obra, leva água lá para cima, então, tudo isso para manter o para separar, para criar uma comunidade, aonde que nós temos essa carta na Manga para girar a cultura, não está na mão de um empresário esse espaço.

Está na mão do nativo que gosta da cultura, está ligado, nós está no topo do morro lá em.

Aí os cara lá com ciúmes que você vê São Jorge lá de Silva a cidade daqui, né? Eu moro lá em cima virado pra cá. Ele faz tipo um U , minha casa, sabe? Aí os cara foi lá, botou as torre de caixa d'água igual porque é Terra deles, a primeira vez que eles vai construir, botou 2 Torres, fechou nossa entrada.

Deu um km a mais para você andar, é o que o cara te dá. Aí depois de 10 anos que está morando, você gera e funda o lugar com potencial grande. Aí o nativo leva o que ?

que assim, se não tiver uma folia pra nós se fortalecer fica difícil

Que aí a onde você vai?

O cara chega ali, te fecha a entrada, né? Então quer dizer a resistência da cultura é isso? A gente tem que lutar pela cultura, né? com a folia é dar essa resistência de permanecer num lugar pra proteger os espaços culturais. Eles querem banir a gente. A gente sabe, ele quer trazer o centro deles pra cá, né? Em vez da oficina de farinha ia colocar lá negócio que nós não sabe o que que é.

É então a gente, mas é isso, viu?

Foi. Foi bom.

Na conversa?

Assim é, a gente falou disso tudo da cultura, né?

o que que você acha assim, qual que são, qual que é os principais patrimônios culturais ?

Mais forte é da comunidade.

A comunidade seria, em primeiro lugar. A deus, né? Que agradecer por estar aqui. E Segundo a festa de São Jorge, eu ia falar do museu do garimpeiro que é esse, essa aí é a história, é uma das das relíquias. Essas 3, entendeu assim que tem ali o parque preguiça, que é o museu do garimpeiro, igual você quer trabalhar com histórias e tal de museu, peças antigas, histórias fora e tal, etc.

A ideia é essa parte do museu do garimpeiro, que está sendo corrida atrás aí para ter isso aqui, né? Que é outro ponto forte e os atrativos turístico...

O Cristal, voltou para as cachoeiras, então para nós esses aí. Ah, lógico que sempre, Deus em primeiro lugar em tudo é a festa de São Jorge. Ali por ser um lugar abençoado, né? Ter vindo para cá é o principal ali, né? Atrás do quê? Uns vieram explorar o Cristal, né? Foi o Cristal, outro foi explorar a agricultura familiar, né? Foi os primeiros: fundadores da cidade.

Isso seria sustentado pelo Cristal e agricultura familiar em troca de alimentos naquela ocasião, né? Aí depois surgiu aí a festa a folia São Sebastião, né? Até o encontro de culturas, né? O mais, o encontro de culturas é muito importante, sabe mais para nós mesmo, nativo nativo, nativo e nativo, a folia de São Sebastião, ela representa, né?